



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

CENTRO REGIONAL DE BRAGA

FACULDADE DE FILOSOFIA

**O CASAL NA PERSPECTIVA RELACIONAL-SIMBÓLICA E A
QUALIDADE CONJUGAL: UMA ANÁLISE CONCEPTUAL E
METODOLÓGICA.**

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre em Psicologia - Especialização em Psicologia da Família.

Por

Ricardo Jorge de Oliveira Pinto Peixoto



Março – 2012



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

CENTRO REGIONAL DE BRAGA

FACULDADE DE FILOSOFIA

**O CASAL NA PERSPECTIVA RELACIONAL-SIMBÓLICA E A
QUALIDADE CONJUGAL: UMA ANÁLISE CONCEPTUAL E
METODOLÓGICA.**

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do
grau de mestre em Psicologia - Especialização em Psicologia da Família.

Por

Ricardo Jorge de Oliveira Pinto Peixoto

Sob a orientação da Professora Doutora Fabrizia Raguso



Março - 2012

Resumo

Este trabalho aborda o casal de dois ângulos diferentes, o da Perspectiva Relacional-Simbólica e o dos estudos da Qualidade Conjugal, tendo como objectivos o confronto de conceitos apresentados nas duas formas de estudo, compreender de que forma se aproximam ou não, fazer uma reflexão crítica dos estudos da Qualidade Conjugal e apresentar o instrumento Entrevista Clínica Generacional, com potencial para ultrapassar grande parte dos problemas apontados aos estudos da Qualidade Conjugal.

Conclui-se que a metodologia dos estudos da Qualidade Conjugal não se adequa ao estudo da família porque não têm em conta a relacionalidade, nem a forma como os cônjuges se influenciam mutuamente, nem as dinâmicas do casal, não permitindo a compreensão do casal na sua totalidade.

Conclui-se que o instrumento apresentado tem respostas a vários problemas identificados, nomeadamente no que diz respeito à metodologia, na forma como leva a que o estudo seja efectivamente da família e não relacionado com a família e na questão da relacionalidade da família. Além disso, permite aceder a níveis de informação que os estudos da Qualidade Conjugal não conseguiram, nomeadamente a história progressiva e expectativas inconscientes, bem como levar a que o casal se confronte e possa fazer descobertas recíprocas.

Abstract

This work approaches the couple from the Relational-Symbolic Perspective and the Marital Quality studies angle, having as objectives to confront the concepts presented in both kinds of research, to understand if the concepts used are similar in each research kind, to critically reflect upon Marital Quality research and to present the instrument “Entrevista Clínica Generacional”, that has the potential to overcome the majority of problems pointed out to Marital Quality Research.

It is concluded that Marital Quality research methodology is not suitable to family studies as they don't consider the couple's relational nature, nor the way spouses mutually influence, nor couples dynamics, which does not allow to understand the couple completely.

It is concluded that the presented instrument has solutions to many of the identified problems, such as methodology issues, its capability to allow the research to be, indeed, family research instead of family related studies and the relational issues. Besides, it allows to access levels of information that the Marital Quality research doesn't, namely the couple's progressive history and unconscious expectations, as well as it allows the spouses to confront themselves and make reciprocal discoveries.

Índice

I. Fundamentação Teórica.	11
Introdução.	11
Capítulo 1: A Perspectiva Relacional-Simbólica.	15
1. O casal ao longo da vida.	15
2. Transição para a conjugalidade.	20
3. Transição para a parentalidade.	23
4. Transição dos filhos para a vida adulta.	24
5. A última transição: a família perante a morte.	27
Capítulo 2: A Qualidade Conjugal.	30
1. História do constructo.	30
2. Qualidade Conjugal Positiva e Qualidade Conjugal Negativa.	35
3. Trajectórias da Qualidade Conjugal.	37
4. Variáveis relacionadas com a Qualidade Conjugal.	38
4.1. Factores demográficos.	38
4.2. Personalidade.	44
4.3. Vinculação.	44
4.4. Parentalidade.	47
4.5. Conflito.	49
4.6. Outros factores.	50
Capítulo 3: Crítica e reflexão sobre os métodos de estudo da família.	52

II. Parte Empírica.	63
1. Objectivos do estudo.	63
2. Método.	64
2.1. Participantes.	65
2.2. Instrumento.	66
2.3. Procedimento.	70
3. Apresentação e Discussão dos Resultados.	70
4. Conclusão.	100
Referências.	109
Anexos.	125

Lista de Abreviaturas

QC - Qualidade Conjugal

QCP - Qualidade Conjugal Positiva

QCN - Qualidade Conjugal Negativa

e.g. - por exemplo

i.e. - isto é

Trad. - Tradução

et al. - e outros

Op. - Operacionalizada em

Índice de Tabelas

Tabela 1: Tipologia dos relacionamentos conjugais.	31
Tabela 2: Modelo Circumplexo de Olson, dimensão Coesão.	33
Tabela 3: Modelo Circumplexo de Olson, dimensão Adaptabilidade.	33
Tabela 4: Classificação das Subcategorias.	71
Tabela 5: Classificação Tipológica de cada Subcategoria do Eixo 1.	81
Tabela 6: Classificação Tipológica de cada Subcategoria do Eixo 2.	90
Tabela 7: Classificação Tipológica de cada Subcategoria do Eixo 3.	96

Índice de Figuras

Figura 1: Tipologia dos casais, derivada do cruzamento da QCP com QCN.	36
Figura 2: Processo de codificação da generatividade do casal.	68
Figura 3: Figuração da tipologia generativa <i>Bloqueada</i> .	96

Índice de Anexos

Anexo 1: Tabela de unidades de registo.	126
---	-----

I. Fundamentação Teórica.

Introdução.

A Família é estudada em diversos âmbitos desde há largos anos. Dentro do âmbito da Psicologia tem sido estudada sob diversos prismas metodológicos que advêm da perspectiva subjacente utilizada nos diversos estudos, bem como dos seus objectivos. Na actualidade, há uma corrente que procura entender a Família, tanto a nível de investigação como ao nível de terapia, como uma realidade composta por mais do que a soma dos membros que a compõem e que procura ter em conta as componentes simbólicas da construção do casal e familiar e da sua influência na história progressiva. É a Perspectiva Relacional-Simbólica.

Dentro desta perspectiva procura-se, com este trabalho, compreender mais aprofundadamente a família e as suas dinâmicas conscientes e inconscientes e, tendo a Perspectiva Relacional-Simbólica como pano de fundo, partir para a compreensão das diferenças fundamentais da investigação actual em Psicologia da Família, nomeadamente no campo da Qualidade Conjugal.

A Qualidade Conjugal (QC) é um conceito já estudado ao longo dos anos, mas onde não existe consenso na forma de o abordar, nem sobre o que o conceito abrange. Pode-se dizer que existem duas “escolas”, uma em que a QC coincide com o conceito de satisfação conjugal e uma outra que considera o constructo como sendo multifactorial, podendo ser incluída a satisfação. Na segunda classificação, é extremamente difícil encontrar um consenso no número de dimensões, nas próprias dimensões que abrange ou até na suposta equivalência com outros conceitos. Consequentemente, vários estudos que indicam que vão abordar a QC acabam por abordar outro conceito ou assumem a QC como sendo composta por várias dimensões que variam conforme o instrumento utilizado e conforme o estudo, não podendo ser comparados ou complementados entre si por partirem de perspectivas demasiado divergentes. Também acontece o inverso, um estudo indicar que vai abordar um outro conceito¹ e acabar por abordar a QC. Acontece ainda abordar-se a parte pelo todo, ou seja, um trabalho ter como objectivo abordar a QC mas acabar por abordar apenas uma ou duas dimensões como se se tratasse

¹ Muitas vezes a satisfação conjugal.

de algo equivalente à QC. Segundo Gottman e Notarius (2002), os estudos sobre conjugalidade centram-se nos conceitos de satisfação, ajustamento e QC, conceitos esses que são utilizados, muitas vezes, como sinónimos. Apesar disso, há quem tente distinguir os conceitos. Narciso e Costa (2001/2002) e Narciso e Ribeiro (2009) consideram a QC como sendo o desempenho da e na relação, sendo avaliada através de critérios estabelecidos por um observador externo, tendo em conta estudos realizados e teorias prévias. As autoras consideram a satisfação uma avaliação do casamento do ponto de vista dos cônjuges.

Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro (2006) afirmam que o constructo será multifactorial, não podendo ser equiparado ao conceito de satisfação conjugal. Sublinham também a dificuldade em conseguir reunir e hierarquizar as dimensões que a compõem, por não ser possível determinar maior ou menor importância das mesmas e consideram impossível conseguir elencar todas as variáveis por serem em grande número. Outra característica importante apontada é o facto de ser resultado de um processo dinâmico e interactivo, de onde resulta a avaliação que cada cônjuge faz da relação em que estão envolvidos.

Os instrumentos existentes que se propõem avaliar a QC padecem deste impasse, havendo alguns instrumentos que estão vocacionados para a medição da QC de forma multifactorial, mesmo que o próprio nome mostre que mede a satisfação conjugal. Além disso, não existe sequer uma concordância no que diz respeito às dimensões medidas, fruto da indefinição conceptual e da ausência de modelos que abordem o conceito.

Por via dos impasses existentes na literatura, há já vários autores que propõem algumas soluções. Uma passa por tentar encontrar uma base teórica sólida que sirva de ponto de partida comum. Mosmann et al. (2006) afirmam não existir um modelo orientador da investigação e Karney e Bradbury (1995) acreditam que apesar de alguns avanços em áreas específicas, os resultados padecem de aprofundamento, impedindo avanços efectivos. Fincham, Beach e Kemp-Fincham (1997), Fincham e Linfield (1997), Narciso e Costa (2001/2002), Narciso e Ribeiro (2009) e Fincham e Rogge (2010) propõem deixar de parte o modelo de medição através de dimensões bipolares, passando a ter em conta que as dimensões que compõem a QC podem ser compostas por itens positivos e negativos, em vez de se partir do princípio de que o negativo é a ausência do item. Fincham e Bradbury, (1987), vão mais longe afirmam que como há um problema de não especificidade do constructo, deveria banir-se definitivamente do vocabulário da Psicologia o termo “Qualidade Conjugal”. Lanz e Rosnati (2002),

Olson (2000) e Feetham (s.d.) consideram que a forma tradicional de recolha de dados junto da família não permite o verdadeiro estudo neste âmbito, acabando por ser estudos relacionados com a família em vez de investigação familiar.

Cigoli (2006), numa perspectiva mais abrangente da Psicologia da Família, acredita que deverá existir uma mudança de paradigma, no sentido de incluir a pessoa na sua totalidade, com as suas necessidades, expectativas, desejos, intenções e descobertas, pessoa que se constitui como lugar de acção e de reflexão do que faz. A novidade da perspectiva Relacional-Simbólica no panorama do estudo da família é precisamente a capacidade de integrar a pessoa no mundo relacional familiar e na capacidade de reconhecer as diversas motivações inconscientes que cada um dos cônjuges transporta para a sua relação e que ajuda a explicar a forma como essa mesma relação é construída (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000). Nesse sentido, os instrumentos tradicionais acabam por não ter a mesma validade para um estudo neste âmbito. A Entrevista Clínica Generacional² (ECG), partindo desta perspectiva, permite trazer à consciência essas motivações e permite conhecer a fundo a realidade pessoal, conjugal e familiar, tendo em conta a especificidade do casal e da família. Não existe, à partida, uma ligação óbvia entre o casal na Perspectiva Relacional-Simbólica e a QC, conforme descrita nos diversos estudos abordados, mas o estudo das diferentes formas de abordar a família permite estabelecer diferenças fundamentais no estudo do casal e da família, bem como aprofundar uma e outra forma.

Sendo o estudo da QC uma forma de aferir de que forma o casal vive determinados aspectos e sabendo-se, à partida, que os estudos “tradicionais” da família têm diversos pontos que se constituem como problemáticos, à luz da Perspectiva Relacional-Simbólica, a opção por partir do estudo da QC é justificada pelo facto de ser uma via de acesso para um grande número de variáveis trabalhadas ao nível do casal. A recorrência à ECG justifica-se por ser um instrumento “nascido” no âmbito da Perspectiva Relacional-Simbólica, que aborda as vivências do casal e da família segundo uma perspectiva mais holística do que nos estudos ditos tradicionais e que acede a níveis diferentes de informação a que os instrumentos utilizados no estudo da QC não conseguem chegar, nomeadamente a zonas inconscientes. Além disso, segundo Scabini e Cigoli (2000) e Cigoli e Scabini (2006), a QC encontra-se ligada à presença de competências interpessoais de cada elemento do casal, tais como a capacidade de gerir

² *Intervista Clinica Generazionale*, instrumento de origem italiana, descrito em secção própria.

conflitos, o sentimento de estarem ligados ou separados, a capacidade de expressão de afecto, de viver a dor, de comunicar com eficácia e de manter uma relação com a componente social, variáveis que se encontram em diversos estudos da QC.

Apesar de os diversos estudos recorrerem à percepção dos elementos do casal, a forma como se acede à informação e a própria informação recolhida difere, pelo que se torna pertinente o confronto entre as formas de estudo. Desta forma, há pontos opostos que importa estudar e reflectir, como o nível antropológico em que os estudos da QC se movem e em que a ECG se move; o conceito de casal e de família a partir dos quais os estudos partem e que, por via da concepção de casal e de família latente na ECG, vale a pena ser discutido; ao nível metodológico e psicométrico, já que sendo consequência do ponto anterior, leva a que os estudos nos dois âmbitos sejam diferentes e que seja pertinente uma comparação e reflexão sobre o assunto. A pesquisa sobre os estudos da QC permite ainda elencar variáveis como a idade, vinculação, a satisfação, o consenso, a coesão, o investimento e a intimidade, entre outras, que são estudadas em outros âmbitos da Psicologia da Família, que surgem mais ou menos isoladas nos estudos da QC e que a ECG abrange, embora não as enumere como variáveis estudadas, pela forma como acede à informação e por serem dinâmicas do casal e da família, abordadas de forma integrada e holística, o que motiva um estudo nesta vertente.

Este trabalho vai abordar o constructo de QC segundo uma abordagem multifactorial. Tem como objectivo reunir a informação existente na literatura, sobretudo desde 2000 em diante, de forma a caracterizar da forma mais completa possível o constructo, mas também tem como objectivo ser uma reflexão crítica acerca dos vários estudos, nomeadamente ao nível da concepção da QC e do casal.

Tem também como objectivo o confronto dos conceitos de casal subjacentes aos vários estudos da QC com a concepção de casal que a perspectiva Relacional-Simbólica defende, de uma forma global, compreendendo as abordagens subjacentes a estes estudos e conhecendo as variáveis estudadas neste âmbito. Procura-se entender se a forma como o casal se encontra representado nos diversos estudos da QC se aproxima ou não da concepção defendida pela perspectiva Relacional-Simbólica. Nesse sentido, é apresentado um estudo de caso utilizando a ECG, com o objectivo de conhecer, na prática e de forma mais aprofundada, a informação que permite recolher e a realidade do casal e da família e de forma a poder compreender melhor as diferenças na forma como a família é abordada e as dinâmicas da própria família.

Capítulo 1: A Perspectiva Relacional-Simbólica.

Este capítulo explora e caracteriza o ciclo de vida familiar, segundo a Perspectiva Relacional-Simbólica, descrevendo as transições familiares que se constituem como etapas do ciclo.

1. O casal ao longo da vida.

A forma de estudar a QC não tem sempre em conta a natureza sistémica e relacional da família. Ainda que haja tentativas de considerar os efeitos da QC nos dois membros do casal, estas falham na forma de medição individual da QC com cada elemento do casal.

O casal é um subsistema específico da família, considerada como sendo um sistema organizado que possui uma estrutura e uma hierarquia internas e que interage de forma não casual com o contexto em que se encontra inserida. A família organiza relações primárias e liga as diferenças de género e de geração fundamentais da natureza humana. Há dois eixos relacionais familiares: o conjugal - que se baseia na diferença de género e se explicita através de um pacto de reciprocidade reconhecido juridicamente, que inclui direitos e deveres (relação de paridade) - e o parento-filial - que implica uma diferença de geração e uma responsabilidade da geração antecedente sobre a geração procedente, bem como um reconhecimento dos primeiros sobre os últimos e que leva a uma relação de clara ascendência-descendência. Inclui também uma rede de parentesco constituída pelos relacionamentos com os diversos elementos das famílias de origem do casal (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

A relação conjugal baseia-se num pacto de confiança que inclui um pólo afectivo e um pólo ético. É um pacto de reciprocidade com uma estrutura dramática, entre dois elementos originariamente diferentes, exprimindo formas de ser masculina e feminina. Significa que a relação conjugal vive dos aspectos conhecidos e típicos dos dois papéis. O sentido da existência do pacto baseia-se numa tensão constitutiva, já que a reciprocidade existente é o encontro com a diferença do outro³ e é o reconhecimento de uma semelhança estrutural no outro. A

³ No que diz respeito à história e características de personalidade.

norma da reciprocidade existente no casal inclui a simetria e a igualdade de condições sociais e inclui também a reciprocidade do dom de si, o cuidar um do outro na sua unicidade e diferença (é o grande dever de desenvolvimento do casal) e a vivência do paradoxo de uma obrigação existente no dar um ao outro gratuitamente (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

Além destas características, existe ainda a confiança, que se constitui como um elemento central e inicial na relação conjugal. Um pacto conjugal sem confiança torna-se um contrato frio e confiança sem um pacto pleno torna o casal aberto ao risco de uma relação baseada apenas no sentimento e na emoção e, por isso, frágil (Scabini & Cigoli, 2000)⁴.

O casal conjugal e parental é concebido como um dispositivo vivo, um subsistema específico da família com uma função de encontro e mediação de histórias e culturas familiares diferentes, dotada de um elemento de imprevisibilidade, que resulta do facto de o casal não ser uma soma de competências e de transportar para a nova família recursos e dificuldades da sua história familiar, podendo ter ou não capacidade de aproveitar os recursos existentes e de melhorar aspectos deficitários. Significa que as trocas recíprocas familiares intergeracionais dependem do encontro conjugal que as realiza e da forma como o casal consegue ou não funcionar como dispositivo de mediação intergeracional, que põe em evidência a função parental e a sua transmissão generacional. O pacto secreto⁵, ao constituir-se como a união inconsciente dos cônjuges (Pincus & Dare, 1987) e sendo um acumular de necessidades por satisfazer, de temores a enfrentar, de valores, ideias e expectativas que cada cônjuge transporta da sua história familiar e que quer satisfazer na sua relação conjugal, fornece o substracto para a unicidade da relação, para a função parental e para a transmissão generacional (Scabini & Cigoli, 2000; Cigoli & Scabini, 2006).

A transmissão generacional da parentalidade está dependente do processo de diferenciação, uma versão familiar do processo de desenvolvimento da personalidade chamado individuação (Bowen, 1998). O casal vai adquirindo a sua própria identidade, diferenciando-se ou distinguindo-se das suas famílias de origem, através da construção do seu percurso, criando

⁴ A forma como as duas facetas do pacto conjugal se complementam sofrem influência dos elementos culturais que preenchem o meio onde cada casal se movimenta e da sua evolução histórica. Significa que os pesos que cada componente tem na relação variam de cultura para cultura e de época para época. Por exemplo, há umas décadas atrás não havia possibilidade sequer de alguém se divorciar, dando-se primazia à forma. Hoje em dia, dá-se muito maior primazia ao sentimento, deixando-se a forma mais de parte (Scabini & Cigoli, 2000; Cigoli & Scabini, 2006).

⁵ Mais desenvolvido adiante.

um novo tipo de relação com as famílias de origem e relançando o laço existente com a geração sucessiva, algo que depende de factores culturais e da própria autonomia que o casal tem. O processo inicia-se aquando da escolha de um parceiro estável, consolidando-se com a constituição do pacto conjugal e torna-se mais significativo com o nascimento dos filhos. Implica que haja comparação com as famílias de origem, transgressão⁶ e resolução do processo de individuação pessoal, ao nível da relação conjugal e ao nível da relação parental (sobretudo nesta). Espera-se que o novo casal seja capaz de construir um estilo relacional específico, a partir das modalidades aprendidas e interiorizadas nas famílias de origem, sem que se repitam os padrões e sem que se aposte numa ruptura total, de forma a garantir uma “*continuità innovativa*” (Scabini & Cigoli, 2000, p. 28). Segundo os autores, o processo inclui a interiorização das funções parentais⁸ e o encontro-encaixe realizado entre os elementos do casal que dá lugar ao exercício das funções parentais como produto do novo dispositivo de casal. Num extremo positivo da combinação está a continuidade de conteúdos de valores e experiências, em que a história familiar se encontra evidenciada e ganha continuidade e num extremo negativo a ausência de continuidade, onde o casal não reconhece valores, desejos ou expectativas das famílias de origem (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

Os autores estudam a família a partir de vivências críticas, as chamadas transições, que obrigam a ajustes de todos os membros familiares na organização e dinâmicas relacionais. Basearam-se nas ideias de Haley (1973), que percebeu que os sintomas exibidos por um dos elementos da família poderiam estar ligados a crises de passagem (de transição) e de tensão pelos quais a família passa, constituindo-se, ao mesmo tempo, como momentos de dificuldade da família em enfrentar a mudança e como momentos em que se propicia a transformação relacional requerida. A perspectiva Relacional-Simbólica tem em conta que a família é considerada um corpo vivo envolto no seu tecido simbólico e prevê que os símbolos familiares se tornarão mais palpáveis em alturas de transição, evidenciando a sua estrutura com os seus pontos fortes e pontos fracos, bem como a forma como a família enfrenta a mudança. A difi-

⁶ A transgressão é necessária para a construção da identidade, de forma a que seja possível não decalcar os modelos familiares e construir um modelo original, específico do próprio casal. É, ao mesmo tempo, tarefa e resultado da acção generacional. Como tarefa porque é necessário aceitar e reconhecer o que os pais deixam e retransmitindo, através do relançamento da acção generativa. É resultado porque toca às gerações precedentes garantir uma parte de renovação das origens às gerações sucessivas (Cigoli, 2006).

⁷ Trad. Continuidade inovadora.

⁸ Mais uma vez devido à forma como foi vivido nas suas famílias de origem.

culdade que a transição encerra em si decorre da ambiguidade e incerteza do processo, dos riscos que lhe são inerentes e do elemento de perda que qualquer mudança implica⁹ e inclui uma dimensão de dor (Hobfoll & Spielberger, 1992). As várias transições-chave são marcadas por eventos críticos¹⁰, havendo outras transições não normativas decorrentes da experiência da própria família (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

A forma de adaptação da família às transições pode variar. Hill (1949, cit. por Lavee, McCubbin & Patterson, 1985; cit. por McCubbin & Patterson, 1983; cit. por Patterson & McCubbin, 1983) desenvolveu o modelo ABCX em que previa que os eventos considerados stressantes requerem que a família se adapte. Um elemento de *stress* (A) interage com os recursos familiares para lidar com a crise (B), que interage com a forma como a família define o evento (C), provocando a crise (X). Conforme a gama de recursos, os acontecimentos provocam reacções e consequências diferentes. Os recursos familiares para lidar com a crise definem a natureza da mesma e a capacidade que a família tem para a superar. Adaptar e superar são definidos, neste âmbito, como a preservação da unidade do sistema familiar, de forma a permitir o desenvolvimento e o crescimento dos membros familiares. O autor identificou três fases que se desenrolam após a vivência de uma situação de *stress*: um período de desorganização, seguido de um período de procura activa e, finalmente, um período de reorganização.

Segundo McCubbin e Patterson (1983), a família pode adoptar uma de três estratégias: o evitamento - em que se nega ou subestima o acontecimento -, a eliminação - tenta-se descartar as consequências do evento, tentando que o significado não seja encarado como algo que venha a provocar algum tipo de mudança - e a assimilação - constitui-se como a forma mais evoluída de a família encarar a transição, aceitando-se a mudança para melhor se responder às novas exigências; ao mesmo tempo, a estrutura familiar permanece intacta, mudando apenas em parte os padrões de interacção¹¹. Por causa das re-estruturações requeridas à família ao longo da sua vida, é de prever que a QC também possa vir a sofrer variações ao longo da vida

⁹ Perda que pode ser, muitas vezes, de algo tangível.

¹⁰ Nomeadamente a aquisição de um novo membro, a perda de um membro ou modificação da relação com o mundo social (nos casos de entrada para a escola ou para o mundo do trabalho).

¹¹ Indo um pouco mais além dos autores (McCubbin e Patterson), há transições que implicam e alteram a estrutura familiar, nomeadamente em casos em que há desvinculação da família de origem (Scabini & Cigoli, 2000; Cigoli & Scabini, 2006).

conjugal¹², pela exigência dos novos papéis que cada elemento do casal assume individualmente e em conjunto com o cônjuge.

Dever-se-á, desta forma, encarar a transição como um processo e não apenas uma passagem, em que todos os membros familiares estão incluídos e envolvidos em tarefas de desenvolvimento, específicas de cada transição.

Uma das consequências desta visão é a forma como a família é estudada, no que diz respeito ao lugar da interação e da relação.

A interação, ao longo dos anos, surgiu como um ponto fulcral de observação da família e da classificação de dimensões fundamentais da interação familiar que, à medida que foram evoluindo, passaram a ser vistas como sequências temporais e de onde foram definidas tipologias familiares e estilos de interação conjugal funcionais e disfuncionais. Este nível tem como características a atenção dada às trocas comunicativas presentes entre os membros familiares, sendo referentes ao tempo e local onde se encontram e que vai construindo o discurso familiar. A grande limitação é o facto de apenas dar a conhecer os vínculos traçados na situação e no contexto onde se dá o intercâmbio, que não revela informação acerca da estrutura cultural e social na qual a família vive e com a qual interage, nem sobre a história familiar, pano de fundo para as suas vivências (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

A relação é algo que não se revela de imediato e que tem manifestações importantes aquando de momentos de transição, que inclui o que liga e vincula os membros da família e que rapidamente escapa à sua consciência. Na relação está incluída a história específica da família, estreitamente ligada à subcultura social a que pertencem e inclui o que é sedimentado ao nível de valores, ritos, mitos e modelos de relação. Significa que a interação está condicionada pelos tipos e qualidade das relações que se estruturam na família (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000) e daí que seja importante o estudo da família nestas duas dimensões, porque as mesmas interações em famílias diferentes terão significados diversos conforme a construção e atribuição de significados familiar.

¹² E.g., na transição para a parentalidade.

2. Transição para a conjugalidade.

Uma relação conjugal funda-se num pacto de confiança que compreende uma componente ética e uma componente afectiva da relação. Desta forma, o pacto funda e organiza a relação, tendo como elementos constitutivos a atracção um pelo outro, a consensualidade, a consciência, o empenho em respeitar o pacto e a delineação de um fim, sendo que a construção na transição parte da atracção afectivo-sexual na direcção da construção do pacto de confiança (Scabini & Cigoli, 2000).

A transição para a conjugalidade tem como tarefa a construção do pacto conjugal, que é constituído pelo pacto declarado e pelo pacto secreto (Cigoli & Scabini, 2006; 2007a; Scabini & Cigoli, 2000). O pacto declarado é o acto consciente e explícito¹³ do pacto de confiança em que o matrimónio está fundado e representa o símbolo da transição. Traduz a ética do vínculo pela expressão da promessa de fidelidade perante a comunidade em que os novos cônjuges se inserem. O pacto secreto é a base de sustentação psicológica do pacto conjugal e constitui-se como a união inconsciente dos cônjuges (Pincus & Dare, 1987). A dimensão inconsciente é o que dá a unicidade a cada casal, pela acumulação e combinação de necessidades, valores, ideias e expectativas, já referidas, que cada um dos cônjuges quer satisfazer na relação conjugal com a pessoa escolhida. A atracção existente entre ambos é composta pela mistura de necessidades, esperanças e defesas de perigos e está ligada à história progressiva do cônjuge e aos modelos identificativos familiares, quer considerados de forma individual, quer considerados como um corpo. Assim sendo, tendo em conta que cada cônjuge é fruto de uma construção familiar, o pacto tem motivos múltiplos e articulados, cujo núcleo duro exprime as exigências afectivas e relacionais fundamentais da pessoa, sobretudo no que diz respeito aos factores de protecção e de renovação do laço. A combinação de cada história e das características de cada um permite a unicidade do casal pela sua construção inédita¹⁴ (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000)¹⁵.

Considera-se que o pacto secreto foi conseguido quando há uma satisfação recíproca das necessidades afectivas por parte de cada um dos cônjuges e quando é passível de ser re-

¹³ Nas formas de matrimónio civil ou religioso em que se faz uma promessa de fidelidade.

¹⁴ Corresponde à identidade do casal.

¹⁵ O estudo de casais multi-étnicos, por analogia, mostra como o casal tem que enfrentar desde o início as diferenças de linhagem e o seu impacto na história progressiva do casal.

formulado à medida que as necessidades e expectativas se alteram - classifica-se como praticável. As zonas de disfuncionalidade deste pacto encontram-se na impraticabilidade - as necessidades que ambos esperam satisfazer reciprocamente não são tidas, sistematicamente, em conta - e na rigidez - o pacto foi formado mas não é ajustável às alterações que o casal vai vivenciando ao longo da vida (Scabini & Cigoli, 2000)¹⁶.

O pacto declarado é assumido conscientemente nas situações em que os cônjuges quiseram interiorizá-lo do ponto de vista cognitivo e afectivo, visto pela forma como ambos se dedicam ao laço criado. Assim, os cônjuges serão capazes de formar um projecto de vida em comum que inclui valências concretas¹⁷ e empenham-se na sua realização. As zonas de disfuncionalidade situam-se na fragilidade - o projecto tem pouca consistência e a escolha recíproca não tem muito empenho por parte dos cônjuges - e na formalidade - um projecto meramente contratual, em que se perde a noção do dever recíproco e se têm apenas em conta os termos da norma, no sentido dos direitos individuais (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

A transição para a conjugalidade tem como objectivo conseguir construir um pacto conjugal capaz de ligar o pacto secreto e o pacto declarado e que mantenha essa ligação. Isto implica criar um meio ético-afectivo¹⁸ capaz de exprimir as características do pacto conjugal e capaz de exprimir as características do casal. O pacto sustentável e duradouro implica a aceitação do outro na sua totalidade, unicidade e irrepetibilidade, através da aceitação dos limites do outro e da deseabilidade das características (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000). Mais do que na paixão, fundamenta-se na capacidade de se oferecer ao outro e de se reconciliar com as suas próprias limitações.

As tarefas a cumprir na transição incluem o eixo conjugal e o eixo intergeracional: tarefas enquanto cônjuges, tarefas enquanto filhos e deveres permanentes em cada transição (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

¹⁶ Dentro da área da disfuncionalidade pode ocorrer, segundo Haley (1973) que uma das motivações inconscientes seja a fuga à sua família de origem, podendo também ocorrer que um ou os dois elementos embarquem na relação com reservas o que, segundo Dush, Cohan e Amato (2003), pode influenciar muito a forma como se encara a relação.

¹⁷ Inclui o cuidado do laço com acções concretas.

¹⁸ Implica que se contemple o pacto conjugal na sua totalidade e não apenas uma das suas facetas.

A tarefa, enquanto cônjuges, passa pela construção da identidade de casal, superando a auto-referência, levando a um certo sacrifício narcisista¹⁹, que é a segunda tarefa. O processo é influenciado pela conjugação das histórias individuais dos cônjuges e da negociação que devem levar a cabo dos diversos problemas que surgem no dia a dia, de forma realista. Há ainda os deveres permanentes em cada transição, cuja tarefa é o relançamento do pacto conjugal nas transições que ocorrem ao longo da vida²⁰ (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

A tarefa enquanto filhos coloca os cônjuges na posição de filhos e tem a ver com o facto de uma relação conjugal ser caracterizada pelo encontro entre duas histórias individuais provenientes das famílias de origem. Significa que ao longo do processo de formação do casal o sistema familiar deve ser tido em conta como sendo trigeracional, apesar de as heranças familiares atravessarem mais gerações. O novo casal tem que rever o seu sistema de lealdades (Boszormenyi-Nagy & Spark, 1984) no que diz respeito ao seu cônjuge (com aspectos de exclusividade e prioridade) e às famílias de origem (passa a ser limitada). O casal adquire a sua identidade quando se distingue das famílias de origem, que significa criar um estilo relacional a partir das modalidades aprendidas nas famílias de origem, sem que as repita, e manter um novo laço com as mesmas. Esta dinâmica de construção de identidade de casal implica que exista um processo de regulação de distâncias com as famílias de origem, que leva a redefinir a relação e a estabelecer novas fronteiras. Implica, ainda, um posicionamento, por parte de cada cônjuge, em relação ao tipo de relacionamento de casal que viveu e interiorizou na sua própria família, produzindo uma identificação ou oposição a esse tipo de relação. Toda a comparação que vai sendo feita pelos novos cônjuges dura vários anos, até que o casal seja capaz de ter vivência própria, de resolver as próprias crises e de ter uma bagagem de eventos históricos que lhe é específica, momento em que esta comparação deixa de ser importante. Aqui como que se apropriam da sua identidade de casal e ambos identificam a sua própria história e a construção da mesma. Os perigos, nesta tarefa, passam pela intervenção das famílias de origem, no sentido de se garantir a estabilidade do casal, sobretudo na relação entre mãe e

¹⁹ A perda da centralidade do eu permite que o próprio deixe de ser o mais importante e que passe a ser central a dimensão projectual, permitindo que o casal se construa e se defina como tal, ganhando um terceiro elemento que simboliza a relação e que implica uma co-divisão identitária (Scabini & Cigoli, 2000).

²⁰ Assunto a ser desenvolvido mais à frente.

filha²¹ (Sprecher & Felmler, 1992) e pelo corte da relação entre as gerações em nome da busca de autonomia²² (Scabini & Cigoli, 2000).

As necessidades, defesas e perigos que constituem o pacto secreto evoluem, levando a que seja, desde logo, diferente do que era. O desafio está em conseguir lidar com as diversas situações e reformular o pacto conjugal ao longo do tempo, já que essas alterações têm como resultado potencial a alteração das expectativas e das necessidades individuais e conjugais. A conjugalidade acompanha todo o desenvolvimento da vida familiar, pelo que está sujeita às múltiplas transições que vão sendo vivenciadas e às novas tarefas que as transições implicam (Cigoli & Scabini, 2006; 2007b; Scabini & Cigoli, 2000).

3. Transição para a parentalidade.

Sendo a família uma organização intergeracional significa que a generatividade é o seu ponto central, como evento biológico, simbólico e cultural (Erikson, 1976). A família, com o nascimento dos filhos, continua a sua história como projecto familiar e social, estando a relação parento-filial e os seus cuidados típicos imbuídos do património cultural específico que liga os pais aos seus antepassados (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

A crise da transição não tem uma causa muito definida, porque o nascimento de uma criança implica a revisão de muitos processos sistémicos familiares (Haley, 1973), mas modifica muito a relação conjugal, podendo este acontecimento activar recursos pessoais e relacionais, consolidando a identidade de casal ou funcionar como obstáculo e fracturar a identidade do casal (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

Fruto desta crise, há quem considere que o nascimento de um filho provoca a diminuição da QC²³, mas há também dados que suportam a ideia de que há gratificação e consequências positivas no nascimento para o casal, nos casos em que haja mudanças no sentido de ambos assumirem papéis de género mais tradicionais (MacDermid, Huston & McHale, 1990). Estes autores consideram também que a satisfação conjugal e o sentimento geral de amor pelo

²¹ Os autores dão como possível explicação passa pelo maior controlo por parte da rede social da filha, ao nível da aprovação ou não de uma relação, típico dos países do Sul da Europa.

²² Típico dos países do Norte da Europa e dos Estados Unidos.

²³ Cowan, Cowan, Heming, Garrett, Coysh, Curtis-Boles e Boles (1985); Crohan (1996); Doss, Rhoades, Stanley e Markman (2009); Perren, Wyl, Simoni, Stadlmayr, Burgin e Klitzing (2003).

cônjuge não diferem nos casais parentais, comparados com casais sem filhos. Já Huston e Vangelisti (1995), Helms-Erikson (2001) e Kluwer e Johson (2007) concluem que serão variáveis múltiplas²⁴ que levarão a que a relação conjugal piore, melhore ou tenha um impacto mínimo e não o nascimento propriamente dito.

Apesar de a alteração da QC e o sentido da alteração serem discutíveis, não se pode deixar de reconhecer que há mudanças no laço conjugal. Segundo Emery e Tuer (1993) o laço conjugal vai perdendo aspectos de companheirismo, na mesma medida em que vai ganhando aspectos de parceria. A relação ganha um sentido diferente do que tinha e evolui no sentido de ambos se sentirem pertencentes e envolvidos no projecto comum da parentalidade. As alterações na dinâmica conjugal podem iniciar-se ainda antes do nascimento, podendo a dimensão de projecto também influenciar a QC (Scabini & Cigoli, 2000).

Na dinâmica relacional do casal, há aquilo que se pode considerar uma intersecção subtil entre o papel conjugal e o papel parental, embora sejam sempre subsistemas familiares diferentes. Isto requiere que o casal saiba gerir recursos, conflitos e afectos da relação conjugal, independentemente da relação com os filhos, que leva a um outro desafio que passa pela regulação das distâncias com estes, de forma flexível (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000). A função parental de cada elemento está sob influência da diferença de género e implica que, mais uma vez, se saiba reconhecer a unicidade e diferença no outro e que se seja capaz de a aceitar, sendo isso uma ajuda na aquisição do papel parental²⁵ (Andolfi, 1988, cit. por Scabini & Cigoli, 2000).

4. Transição dos filhos para a vida adulta.

A transição para a vida adulta, que abre uma nova crise com diversas consequências (Haley, 1973), tem perdido força e espaço, deixando de se constituir como ritual fortemente comunitário²⁶, sendo vivida de forma mais individualizada, pouco definida (no tempo e no

²⁴ As variáveis podem ir desde a divisão do trabalho doméstico até à perda de oportunidade de ter actividades de lazer, passando por défices de sono e pelo aumento dos níveis de stress.

²⁵ Implica também a presença das dimensões afectivas e normativas (éticas) na educação dos filhos, simbolicamente associadas ao papel materno e paterno, respectivamente (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

²⁶ E.g., o matrimónio é, hoje em dia, visto de forma diferente e surge muitas vezes como complemento de uma coabitação ou do nascimento dos filhos.

como), pouco ritualizada, negociável e com uma margem de escolha muito ampla²⁷. Desta forma, a transição que se constituía como um momento acaba por se constituir como um percurso, eventualmente reversível²⁸.

O objectivo da transição passa por conseguir que a geração dos filhos assuma plena responsabilidade adulta. Desta vez, o casal (já de meia-idade) está do outro lado da diferenciação do novo casal e de todas as dinâmicas descritas aquando da sua formação como casal, nomeadamente no que diz respeito às dinâmicas da nova família com as famílias de origem.

Há três “tipos” de tarefas de transição: enquanto cônjuges, enquanto filhos e enquanto pais.

A tarefa enquanto cônjuges passa por conseguir renovar formas de diálogo e pela reorganização da vida de casal. O objectivo mais importante é o reinvestimento na relação conjugal, agora mais centrada na vida de casal no que na vida parental e o reinvestimento em relações exteriores que terão ficado em “suspenso” (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

Enquanto filhos, o casal tem que, simultaneamente com as outras tarefas, conseguir enfrentar o envelhecimento dos próprios pais, aceitando-o e assumindo os cuidados necessários nos casos em que exista alguma doença²⁹ (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

Enquanto pais, têm que ajudar os filhos na aquisição e assumpção das responsabilidades de adulto pleno dos filhos, tarefa que vem sendo preparada de trás e que inclui a educação dos filhos, especialmente desde o início da adolescência, que deverá ter como objectivo a aquisição da autonomia. Os pais deverão ser capazes de mesclar aspectos de autonomia, protecção e orientação personalizada, na educação de cada filho, que lhe permite que se desenvolva de forma gradual na aquisição da sua identidade e aumenta a autonomia ao longo do

²⁷ Galland (1997) identificou três modelos de transição na Europa, que se têm vindo a modificar ao longo do tempo devido a factores sociais, como o desemprego. Os três modelos identificados pelo autor são o modelo mediterrânico - em que há uma co-residência entre pais e filhos prolongada no tempo, interrompida quase exclusivamente para casar e continuamente adiado -, um modelo típico no norte Europeu e em França - caracterizado por um período longo entre a altura da saída de casa e a constituição de família - e um modelo típico na zona britânica - onde a saída e constituição de família não são adiados, mas em que o nascimentos dos filhos é adiado.

²⁸ Hoje em dia, a transição para a vida adulta tem uma grande extensão temporal, os valores e significados simbólicos das tradições de passagem à vida adulta têm-se vindo a atenuar sem ter uma sequência temporal e tem-se difundido um paradigma caracterizado pela experimentação e reversibilidade das escolhas anteriormente feitas (Heinz, 1995).

²⁹ Conhecidos como “geração sanduíche”, por terem de responder às necessidades da geração seguinte (filhos) e da geração anterior (pais) (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

tempo, favorecendo a sua emancipação (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000; Scabini, Marta & Lanz, 2006).

Espera-se, também, que o casal passe de um sentido de generatividade parental para o sentido de generatividade social, mudando de uma posição em que são centrais as práticas educativas, o cuidado aos filhos e o encorajamento e suporte do sistema familiar, para um papel de mentores, com o objectivo de criar, renovar, conservar e transmitir o sistema simbólico da cultura a que todos pertencem (Kotre, 1996). É a vivência da generatividade de forma simbólica, cuja manifestação passa por cultivar e transmitir a herança familiar, social e cultural que já foi recebida e que se estende pela vida social através do cuidado e do investimento nas relações sociais (Raguso, 2010) e chama os pais a contribuir activamente numa escala maior do que a escala familiar, para a realização da geração à qual os seus filhos pertencem³⁰ (Scabini et al., 2006).

Por fim, espera-se ainda que como pais ajudem a neutralizar a cisão entre a família e a sociedade, que advém de alguma forma do reposicionamento como geradores sociais. Existe uma dinâmica entre a sociedade e a família que é claramente desfavorável aos jovens que se querem emancipar, já que os próprios pais, como actores sociais mais antigos, ocupam aquilo que se poderia constituir como oportunidades, ao mesmo tempo que dão a possibilidade de negociar a passagem a adultos plenos. A família, desta forma, tem um carácter mais protector do que emancipativo e há mais hipóteses de os pais falharem a transição da generatividade parental para a generatividade social (Cigoli & Scabini, 2006; 2007a; Raguso, 2010; Scabini & Cigoli, 2000; Scabini et al., 2006).

Nesta transição surge também a chamada transição para a grã-parentalidade, um efeito intergeracional do nascimento de uma nova geração.

Simbolicamente, o nascimento dos netos mostra uma dimensão temporal finita, ainda que de forma inconsciente. Os avós são chamados a uma nova forma de generatividade não narcisista e voltada para o desenvolvimento de outros em vez da auto-realização, em que se tornam elementos que apoiam a educação dando maior primazia à dimensão afectiva, muito recompensadora para avós e netos. As responsabilidades dos avós passam por sustentar os filhos na aquisição da parentalidade, reconhecendo a competência parental dos filhos e contri-

³⁰ Neste sentido, Raguso (2010) afirma que o oposto da generatividade social é a estagnação, que se dá quando a família falha no seu desenvolvimento e os seus membros permanecem auto-centrados e isolados, de onde não conseguem estar abertos para a relação e para o futuro, tornando-se degeneração em vez de generatividade.

buindo em apoios mais concretos e quotidianos. Como em todas as fases, há-que encontrar um novo equilíbrio nas relações, tal como as próprias famílias de origem já o tiveram de fazer, aquando da aquisição da conjugalidade e da paternidade. O equilíbrio passa por conseguir uma “*intimità a distanza*”³¹ (Scabini & Cigoli, 2000, p.130) nas fases que se seguem à reorganização da nova família³². Ainda assim, os perigos de desequilíbrio nas relações existem porque a própria relação com as famílias é uma fonte de ambiguidade. O suporte dado ao novo sistema parental pode ser muito relevante no cuidado aos filhos, mas esse apoio pode estar disfarçado pelo desejo inconsciente de a família de origem querer reintegrar o membro que saiu do seu sistema, regredindo no sentido do equilíbrio anterior que possuía e que poderá não ter encontrado desde a saída do membro (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

5. A última transição: a família perante a morte.

A grande característica desta transição, que se encontra aliada ao processo de envelhecimento, é a passagem de uma posição central e autónoma, ocupada agora pela geração adulta seguinte, para uma posição cada vez mais retirada e dependente. Simetricamente, a nova geração adulta é chamada a assumir a primazia generacional, que significa assumir a responsabilidade adulta em pleno. Inclui assegurar os cuidados necessários, tanto à geração precedente, como à geração sucessiva. O percurso que a transição passa, por parte do casal idoso, por transmitir o património (inclui o acolhimento e a elaboração da memória familiar) e, por parte dos filhos, por acolher esse património e pela sua transmissão às gerações mais jovens. Esta capacidade de sentir, reconhecer e cultivar o sentido de pertença comum aos membros familiares e o empenho em transmitir isso mesmo às novas gerações permite que a morte não seja o término total do laço existente com o casal idoso. Considera-se que a transição se completa quando a nova geração conseguiu interiorizar a presença da primeira geração, o que trará nova força para o seu caminho individual e familiar (Scabini & Cigoli, 2000).

³¹ Trad. Intimidade à distância.

³² O papel dos avós passa por conseguir manter o suporte necessário aos filhos, evitando uma distância que leve ao desinteresse e evitando uma participação tal que acabe por ser uma invasão.

A morte surge como elemento que domina e marca toda a transição e é a última etapa. Activa sobretudo aspectos simbólicos, por deixar o lugar central que até ali o idoso ocupava. É constituída pela eventual morte do cônjuge, pela perda de centralidade relacional, pelo sentimento de vida plena e, por fim, pela morte do próprio (Scabini & Cigoli, 2000).

Considera-se que esta transição tem um percurso constituído por alguns eventos críticos, que são a aposentação, o ninho vazio, o nascimento dos netos (que já foi abordado) e a doença.

A aposentação é o primeiro sinal de abandono da centralidade que até ali viviam e tem, para além de uma representação da situação exterior, uma representação psicológica, que está ligada ao distanciamento do mundo produtivo e a perda do reconhecimento e da valorização que a colocação social permitia ter, passando-se a ter uma sensação de vazio e de inutilidade. Funciona como “*un precursore del ritiro definitivo dalla vita*³³” (Scabini & Cigoli, 2000, p. 178) mas, por outro lado permite ter muito mais tempo livre, que juntamente com o abandono de rotinas muito consolidadas sofre um desequilíbrio (Davey & Szinovacz, 2004; Scabini & Cigoli, 2000)³⁴. Esta fase apresenta também como característica uma aproximação física renovada.

A doença é uma das passagens mais críticas no percurso evolutivo da família, porque traz mudanças de rotina e de ritmos e coloca a família perante o significado que tal acontecimento tem a prazo. Simbolicamente significa a passagem da primeira frente da primeira para a segunda geração. Para o idoso funciona como um reconhecimento definitivo do seu envelhecimento, que leva à busca de equilíbrios e compromissos entre progressos e regressões, entre desespero e esperança e entre a mortificação do seu declínio e a salvaguarda da sua dignidade. A tarefa nesta fase para ambas gerações passa por aceitar a ajuda e oferecer suporte, respectivamente para pais e filhos. Embora dito commumente, não há uma inversão completa de papéis, porque a primeira geração é ainda fonte de experiência e história familiar (Scabini & Cigoli, 2000).

A tarefa de desenvolvimento, em casos de viuvez, é aceitar a morte do cônjuge e preparar-se para a sua própria morte. Os filhos têm como tarefa encarar a morte não como uma interrupção total, mas como uma herança a acolher. A perda do cônjuge é um evento muito

³³ Trad. Um precursor do afastamento definitivo da vida.

³⁴ Thompson e Walker (1989) afirmam que as tarefas familiares, até esta altura algo negociado e rotineiro, terão de ser renegociadas, relativamente à gestão dos espaços individuais e do poder conjugal.

doloroso, que pode provocar uma sensação de vida vazia e sem significado, podendo até causar uma crise de identidade (Scabini & Cigoli, 2000). A forma como cada família e cada elemento mais idoso lida com estes problemas varia. Segundo Haley (1973), o idoso pode conseguir encontrar uma função em que seja útil à família e outras vezes a família tem que conseguir que alguém cuide do idoso, o que constitui também um período de crise que necessita de ser resolvido.

Capítulo 2: A Qualidade Conjugal.

Este capítulo apresenta uma revisão de literatura sobre o conceito de Qualidade Conjugal. Parte-se da história do constructo e da sua investigação e desenvolve-se um possível modelo de funcionamento. São ainda abordados estudos sobre trajectórias da Qualidade Conjugal e abordadas as diversas variáveis que se encontram associadas ao constructo.

1. História do constructo.

Apesar de a QC ser estudada há algum tempo, há falta de consenso e há desorganização latente nos estudos feitos ao longo dos anos.

A primeira tentativa de construir uma medida de QC deu-se em 1938, através de uma pergunta aos cônjuges, cujo objectivo era avaliar a felicidade de ambos: “O que diferencia, basicamente, os casais felizes dos casais infelizes?” (Terman, Buttenwieser, Ferguson & Wilson, 1938, cit. por Heyman, Sayers & Bellack, 1994). Tem a limitação de ter apenas uma pergunta para medir algo tão complexo e revela falta de sustentação teórica mas, ainda assim, ressalva a questão da subjectividade inerente a um conceito destes (Gottman & Notarius, 2002).

Mais tarde, Levinger (1965, 1976) aplicou a *Social Exchange Theory*³⁵ ao casamento. Deriva da perspectiva de Thibaut e Kelley (1991), que aborda a interdependência no relacionamento dos cônjuges como sendo produto da interacção dos diversos acontecimentos que ambos vivem com o contexto onde se inserem. Desta forma cria-se uma sucessão de desafios que exigem que o casal se adapte no seu próprio relacionamento e no relacionamento com quem os rodeia. A derivação de Levinger resulta num modelo que prevê que o sucesso de uma relação conjugal está relacionado com a capacidade que os cônjuges têm de comparar aspectos satisfatórios³⁶ com aspectos desafiantes³⁷. Quando existir uma conjugação de factores com

³⁵ Teoria da Troca Social.

³⁶ E.g., a segurança familiar ou a formação de uma família.

³⁷ E.g., problemas financeiros.

maior prevalência de desafios e insatisfações, existirem poucas desvantagens para uma separação³⁸ e existirem alternativas atractivas fora da relação, prevê-se que a união terminará.

Partindo destas ideias de Levinger, Lewis e Spanier (1979, 1982, cit. por Mosmann et al., 2006) avançaram com uma tipologia dos relacionamentos conjugais, que cruza o grau de satisfação com o grau de estabilidade (Tabela 1):

Grau de satisfação	Grau de estabilidade
Alto	Alto
Alto	Baixo
Baixo	Alto
Baixo	Baixo

Tabela 1: Tipologia dos relacionamentos conjugais. Adaptado de Mosmann et al., 2006, p. 317.

A tabela explica que casais insatisfeitos e estáveis são casais em que as atracções e aspectos satisfatórios da relação são em menor número, mas onde os obstáculos à separação são em grande número. A consequência desta visão, que funciona tanto como uma vantagem da mesma como uma aproximação à perspectiva ecológica (Brofenbrenner, 1996), é a inclusão na problemática da interdependência das variáveis envolvidas e considerar-se tanto o micro como o macro contexto. Ainda assim, segundo Gottman (1982) tudo se baseia em percepções e não na análise de comportamentos nos desafios que o casal enfrenta.

Também nos anos 70 surgiu uma outra tipologia de Lewis e Spanier (1979, 1982, cit. por Mosmann et al., 2006), que deu origem a um dos instrumentos mais utilizados neste âmbito - o *Dyadic Adjustment Scale*³⁹. Os autores consideram o ajustamento conjugal como produto dos processos conjugais, da comunicação e dos resultados destas variáveis.

Mais tarde surgiram respostas à falta da componente comportamental, através da *Behavioral Theory*⁴⁰ que desenvolveu a análise de comportamentos dos casais para enfrentar dificuldades. Tendo origem na mesma teoria de Thibaut e Kelley, focou-se nas acções de resolução de problemas dos casais e deu um grande impulso à investigação laboratorial da conjugalidade. A premissa é a de que os comportamentos positivos dos cônjuges aumentam a avali-

³⁸ i.e., que não existam “forças impeditivas”, materiais ou simbólicas.

³⁹ Será abordado mais à frente.

⁴⁰ Teoria Comportamental.

ação positiva da relação e, por isso, o nível de satisfação na relação, e comportamentos avaliados por um dos cônjuges como sendo negativos levam a avaliações negativas da relação (Mosmann et al., 2006).

Têm surgido trabalhos no âmbito da Teoria Comportamental que utilizam a observação e a mensuração em laboratório das respostas comportamentais dos cônjuges em simulações de situações de conflito ou de prazer (Burlison & Denton, 1997; Gottman, Coan, Carrere & Swanson, 1998; Gottman & Katz, 1989). Como em todas as investigações laboratoriais, não se escapa desta forma ao carácter de “vácuo” contextual em que se dão os estudos laboratoriais.

Numa linha de interacção, focada na experiência individual dos cônjuges, surge a *Attachment Theory*⁴¹, original de Bowlby mas também utilizada no estudo da relação conjugal. A teoria foi aplicada por Hazan e Shaver (1987, 1994) e preconiza que o tipo de vinculação mantida entre os cônjuges (enquanto crianças) e os seus pais/cuidadores influencia a forma como se estabelece a relação conjugal, com tendência para a repetição do padrão vivido na própria família. A consideração da história progressiva de cada um dos cônjuges é uma novidade, mas deixa algumas questões em aberto, como o problema de ser improvável que tenham estabelecido, ambos, o mesmo tipo de vinculação e por isso não se saber como diferentes vinculações influenciam a relação conjugal. Além disso, também não é considerado o contexto (Mosmann et al., 2006).

A Teoria do Interaccionismo Simbólico, inicialmente aplicada ao estudo da família, parte da ideia de uma família composta por elementos em interacção, que criam símbolos e significados que influenciam a formação da identidade dos vários membros, a transmissão de valores familiares e a aprendizagem dos papéis sociais que cada um deverá assumir (Gracia & Musitu, 2000). Desta perspectiva, surgiu um modelo de Burr, Hill, Nye e Reiss (1979, cit. por Mosmann, 2006), que prevê que cada um dos elementos da família tem uma representação do seu papel social e que a QC é o resultado da avaliação que os cônjuges fazem, individualmente, do ajustamento ao seu papel.

⁴¹ Teoria da Vinculação.

A Teoria dos Sistemas Familiares deu origem ao Modelo Circumplexo dos Sistemas Conjugal e Familiar de Olson (2000), que prevê que o nível de funcionalidade do casal varia em função das dimensões Coesão⁴² (Tabela 2), Adaptabilidade⁴³ (Tabela 3) e Comunicação⁴⁴.

Tipo de Relação	Nível de Coesão
Emaranhado	Muito alto
Conectado	Moderado a alto
Separado	Moderado a baixo
Desprendido	Muito baixo

Tabela 2: Modelo Circumplexo de Olson, dimensão Coesão. Mosmann et al., 2006, p. 320.

Os níveis Separado e Conectado levam a um funcionamento familiar e conjugal ótimo. Os níveis Desprendido e Emaranhado, nos extremos, estão ligados a problemas a longo prazo nos relacionamentos.

Tipo de Relação	Nível de Adaptabilidade
Caótico	Muito alto
Flexível	Moderado a alto
Estruturado	Moderado a baixo
Rígido	Muito baixo

Tabela 3: Modelo Circumplexo de Olson, dimensão Adaptabilidade. Mosmann et al., 2006, p. 321.

Os níveis Flexível e Estruturado são os que levam a um melhor funcionamento familiar e conjugal. Os mais extremos, Caótico e Rígido, constituem-se como os mais problemáticos.

Dentro das perspectivas que consideram a influência do contexto, da auto-avaliação e da capacidade de resolução de problemas variáveis centrais na definição da conjugalidade (Mosmann et al., 2006) surge o modelo *Vulnerability Stress Adaptation* de Karney e Bradbury (1995) que integra a Teoria da Vinculação, a Teoria da Crise e a Teoria Comportamental. Este

⁴² Definida como o vínculo emocional que cada membro tem em relação com o outro.

⁴³ Definido como o potencial de mudança/adaptação na liderança, papéis e regras do sistema.

⁴⁴ Dimensão que facilita a promoção de movimentos nas dimensões anteriores; é uma variável que se inclui nas anteriores, não é mensurável.

modelo aborda o casal como precisando de se adaptar a um grande leque de acontecimentos e circunstâncias com *stress*, que surgem na vida conjugal. A forma de adaptação depende do nível de *stress* experienciado e das características que cada um traz para a relação conjugal. A vivência acumulada influencia a percepção que cada um tem da QC. O modelo sublinha a importância de três grupos de variáveis: o contexto⁴⁵, os recursos pessoais⁴⁶ e os processos adaptativos⁴⁷. Hoje em dia aceita-se que os casais possam ter conflitos, mas que o nível de satisfação depende da forma de resolução desses mesmos conflitos (Mosmann et al., 2006).

A forma como os modelos têm vindo a evoluir no sentido de incluir o contexto, os recursos pessoais e os processos adaptativos mostra que a QC é multidimensional, não se podendo substituir pelo conceito de satisfação (Mosmann et al., 2006). Narciso e Costa (2001/2002) e Narciso e Ribeiro (2009) dividem a QC em processos conjugais vividos, que se desdobram em operativos ou comportamentais⁴⁸, em processos afectivos⁴⁹ e em processos cognitivos⁵⁰. Ao nível da sua medição, consideram que pode ser feita por um observador externo, implicando uma observação não apenas como um todo, mas tendo em conta os vários domínios da vida conjugal⁵¹, já que os processos podem variar conforme a área. Consideram ainda que se devem ter em conta influências contextuais, pessoais, demográficas e a influência do percurso de vida conjugal.

Um trabalho de Fincham e Rogge (2010) tenta clarificar os vários conceitos que aparecem como equivalentes nos diversos estudos existentes. Os autores identificam duas formas de trabalhar o conceito, uma em que os investigadores se focam na relação, olhando para padrões de interacção (processos interpessoais), como o conflito e a comunicação e tende a utilizar o termo “ajustamento”; outra, a perspectiva intrapessoal, focada na avaliação subjectiva que cada um dos cônjuges faz da relação de casal, utiliza conceitos como satisfação conjugal

⁴⁵ Inclui todas as situações que geram stress e que são fundamentais na QC que experienciam.

⁴⁶ Os recursos pessoais interagem com as outras variáveis, nomeadamente o nível educacional (Griffin, 1993).

⁴⁷ Capacidade que os casais têm em superar e em se adaptar aos desafios decorrentes do contexto em que se inserem.

⁴⁸ Incluem o que corresponde ao funcionamento conjugal - comunicação, conflitos e sua resolução e controlo relacional.

⁴⁹ Incluem o amor enquanto configuração de sentimentos e os processos relacionais afectivos que o catalisam e que são catalisados - intimidade e compromisso.

⁵⁰ Traduzido em cognições individuais - pressupostos e padrões, percepções, atribuições e expectativas.

⁵¹ Nomeadamente a gestão doméstica, financeira, os filhos e as relações extra-familiares.

e felicidade conjugal. Apesar de todos estes modelos existentes e da existência de diversas variáveis que se encontram relacionadas com o conceito, verifica-se que não existe um modelo orientador da investigação (Mosman et al., 2006). Segundo Karney e Bradbury (1995), os últimos 50 anos de pesquisa geraram um aumento dos factores preditores do sucesso conjugal, mas padecem de aprofundamento de resultados que tem impedido avanços efectivos na compreensão dos processos conjugais. Mosmann et al. (2006) apontam para três grupos de variáveis fundamentais na definição da QC existentes na literatura, que são os recursos pessoais dos cônjuges, o contexto em que o casal está inserido e os processos adaptativos. Segundo os autores, o carácter multidimensional do conceito deriva do processo dinâmico e interactivo do casal.

Apesar de ser possível mapear uma história na definição da QC e de ser possível identificar os três grupos de variáveis referidos acima, o desacordo mantém-se até aos dias de hoje, algo que se reflecte nas diferentes formas de definir e operacionalizar o constructo, vindo isto a ser alertado desde há alguns anos atrás.

2. Qualidade Conjugal Positiva e Qualidade Conjugal Negativa.

Fincham tem procurado contribuir para o esclarecimento e aprofundamento do constructo. Nos últimos anos, a delimitação do conceito e a tentativa de encontrar modelos teóricos que sustentem o seu estudo tem estado sob maior escrutínio. O modelo agora apresentado apresenta como ideia central a existência de uma dimensão positiva e de uma dimensão negativa da QC.

Segundo Fincham e Rogge (2010), o grosso da pesquisa de casais parte do princípio que a QC é uma única dimensão bipolar, cujos pólos são a insatisfação extrema e a satisfação extrema. Kaplan (1972) faz uma reflexão a propósito dos pontos intermédios de resposta, que poderiam tanto significar algum acordo com os extremos como perceber o item como irrelevante nos mesmos extremos. Assim, o autor defende que se pode detectar indiferença, quando existe a percepção de irrelevância e detectar ambivalência, no caso de algum grau de acordo com os extremos. Significa que os casais fazem avaliações positivas e negativas. Kaplan demonstrou estatisticamente que as dimensões positivas e negativas são independentes.

Fincham et al. (1997), Fincham e Linfield (1997), Narciso e Costa (2001/2002), Narciso e Ribeiro (2009) e Fincham e Rogge (2010) consideram que a avaliação da QC nos casais não deve ser feita numa função dualista (positiva ou negativa), mas tendo em conta que cada casal pode ter variações nas dimensões que compõem a QC e que podem ter pontuações elevadas, em determinadas dimensões, e baixas noutras dimensões. O instrumento deverá ter, então, tanto itens positivos como negativos e contar com altas pontuações positivas e negativas, em vez de ter apenas itens positivos em que a baixa pontuação seja a ausência desse item no casal. Os dados obtidos apontam para a existência de 4 tipos de casal – Felizes, Infelizes, Ambivalentes e Indiferentes – decorrentes do cruzamento das dimensões Qualidade Conjugal Positiva (QCP) e Qualidade Conjugal Negativa (QCN) (Figura 1).

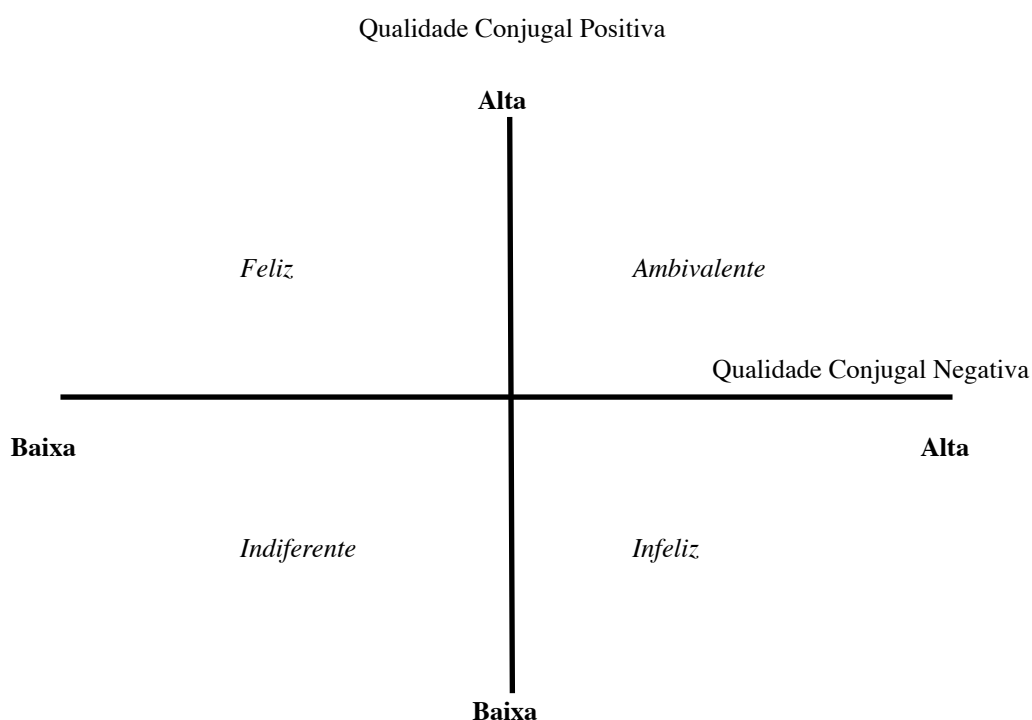


Figura 1: Tipologia dos casais. Adaptado de Fincham et al. (1997), p. 494.

Conforme pode ser verificado na Figura 1, os casais de tipologia Feliz têm alta QCP e baixa QCN; os casais de tipologia Ambivalente têm alta QCP, bem como QCN; os casais de tipologia Indiferente têm baixa QCP e baixa QCN; e os casais de tipologia Infeliz têm baixa QCP e alta QCN.

Uma das consequências mais evidentes deste tipo de análise é o impacto nos instrumentos de medida da QC. Segundo Fincham et al. (1997), a maior parte destes instrumentos acaba por mascarar diferenças importantes entre os casais. Os autores mostraram que as esposas ambivalentes e indiferentes diferem em comportamentos e atribuições, algo que instrumentos tradicionais não distinguem. As medidas unidimensionais são incapazes de distinguir os casais que se situam a meio das pontuações, mas a visão bidimensional permite uma análise mais diferenciada dos casais que, segundo os instrumentos tradicionais, não têm nem alta QC nem baixa QC.

3. Trajectórias da Qualidade Conjugal.

Como evolui a QC ao longo da vida do casal? Umberson, Williams, Powers, Chen e Campbell (2005) abordam a trajectória da QC⁵² e afirmam que a experiência conjugal negativa tende a aumentar, enquanto que a experiência conjugal positiva tende a diminuir. Descobriram ainda que os casais não partem todos do mesmo nível de QC, portanto o decréscimo previsto não terá o mesmo impacto em todos os casais. Há ainda uma série de factores do percurso de vida do casal que podem acelerar ou atrasar o declínio da QC ao longo do tempo⁵³. Os efeitos positivos ao longo da vida abrandam o efeito declinatório, enquanto que os efeitos negativos aceleram esse efeito na experiência conjugal positiva. A idade também surge associada às trajectórias, mas sob uma forte influência do estatuto parental e da transição para a parentalidade, o que pode significar que a transição em si não será a principal alteração a trazer variações na QC, mas sim o *timing* em que sucede.

Umberson, Williams, Powers, Liu e Needham (2005) estudaram o efeito que o *stress* tem na QC⁵⁴ ao longo do tempo, mais especificamente no que diz respeito ao efeito que o *stress* poderá ter em diferentes momentos da vida. Os autores tentam ainda perceber se a QC terá alguma relação com os níveis de *stress* vividos em família, enquanto crianças. Os resultados recolhidos sugerem que o *stress*, em adulto, tem um preço a pagar cumulativo, mas são os

⁵² Op. experiência conjugal positiva e negativa.

⁵³ Casais que no início do estudo tinham filhos adultos a viver em casa mostravam ter menos experiência conjugal positiva.

⁵⁴ Com base no modelo de QCP e QCN.

sujeitos que se recordam de mais eventos de *stress* em criança quem está mais vulnerável. Maior *stress* vivido em criança aparece ligado a início de vida conjugal mais pobres, no que diz respeito a conteúdos positivos e negativos e a QC pode ser mais volátil em indivíduos que tenham vivido mais episódios de *stress* nas suas família em criança. O aumento de *stress* em adulto deste grupo que teve episódios de *stress* na família está associado a um declínio moderado da QC, assim como a diminuição do *stress* está associada com um aumento moderado da QC.

Ainda dentro do tema das trajetórias da QC, os mesmos autores, em 2006, partindo do mesmo conceito de QC, abordam a sua relação com a saúde individual, concluindo que há uma covariação, no sentido de ser a QC a ter efeito sobre a saúde. Os dados suportam a noção de que o *strain* conjugal aumenta o declínio natural da saúde, mais ainda à medida que os indivíduos envelhecem.

4. Variáveis relacionadas com a Qualidade Conjugal.

Há diversas variáveis que surgem associadas ao longo dos anos na investigação, nomeadamente demográficos, a personalidade, a vinculação, a parentalidade e o conflito.

4.1. Factores demográficos.

Coabitação, divórcio e recasamento

Sendo a coabitação vista cada vez mais como uma alternativa ao casamento tradicional ou como complemento do casamento, podendo ser uma prática de experimentação (Scabini & Cigoli, 2000), tornou-se uma variável estudada como podendo ter impacto na QC, quer na comparação entre díades casadas e díades em união de facto, quer na comparação de momentos do período em união de facto com o período em que estão casados.

Dush et al. (2003) procuram compreender se o aumento da coabitação ao longo das últimas décadas poderá ter levado a uma alteração na relação entre a coabitação e a disfunção conjugal, que estudos anteriores tinham ligado. O estudo baseia-se em casais de duas gerações

diferentes da segunda metade do século XX⁵⁵ e tem como objectivo investigar as ligações entre a coabitação pré-matrimonial e as medidas de QC⁵⁶ e de estabilidade conjugal, se as associações entre a coabitação pré-matrimonial e as medidas de QC e de estabilidade conjugal mudaram entre gerações e saber se há influência dos factores demográficos na mesma associação. Os autores descobriram que há uma ligação entre a coabitação e a diminuição da QC e da estabilidade conjugal, que não houve mudança entre gerações e que os factores demográficos parecem não ter influência.

Tach e Halpern-Meekin (2009) abordam a mesma questão, mas têm em conta a heterogeneidade de entre o grupo de casados que passaram por alguma experiência de coabitação anterior, no que diz respeito ao facto de estes casais terem tido ou não algum filho antes de terem casado, com o próprio parceiro ou com outro parceiro anterior. Têm ainda em conta o facto de que este tipo de casal tem mais tempo de co-residência do que casais que iniciam a sua coabitação apenas a partir do momento em que casam e fazem uma análise da trajectória que os casais percorrem ao nível da QC. Os resultados indicam que não é apenas a coabitação pré-conjugal que influencia a QC⁵⁷, mas que a correlação negativa existente entre a coabitação e a QC é aumentada em larga medida pelos pais não conjugais. Qualquer nascimento não conjugal⁵⁸ está associado a uma QC futura mais pobre. Além disso, a QC é “fixada” no início da relação conjugal, sendo que relações com menor QC não recuperam nem se deterioram.

Falando agora da ligação entre o divórcio e a QC, Viik, Bernhardt e Noack (2009) apresentam uma investigação levada a cabo na Escandinávia, com o propósito de avaliar a QC⁵⁹ no casamento e na coabitação. Apesar de contextualmente diferente⁶⁰, os resultados apontam também para que a QC seja maior no caso de se ser casado. Em casais que coabitem e tenham intenção de vir a casar também é maior, em comparação com quem coabita sem intenção de casar.

⁵⁵ Casais de uma geração mais velha, casados entre 1964 e 1980, altura em que a coabitação era menos vulgar e casais de uma geração mais nova, casados entre 1981 e 1997, altura em que a coabitação era mais vulgar.

⁵⁶ Op. felicidade conjugal e conflito conjugal.

⁵⁷ Com base no modelo de QCP e QCN.

⁵⁸ Seja em conjunto com o futuro cônjuge ou com outro parceiro.

⁵⁹ Op. seriedade da relação, satisfação com a relação e planos de dissolução.

⁶⁰ Estes países são tidos como exemplo de locais onde a coabitação e casamento têm, praticamente, o mesmo significado.

Numa perspectiva “mais sistémica”, Booth e Amato (1994), abordam o impacto da QC⁶¹ e do divórcio na relação entre pais e filhos, enquanto ainda vivem na mesma casa, 12 anos após o divórcio. Os autores descobriram que a QC se encontra associada à proximidade da relação entre pais e filhos e à proximidade temporal do último contacto⁶². Foi ainda descoberto que a infelicidade e a instabilidade conjugal parecem enfraquecer a relação entre pais e filhos na vida adulta dos últimos, ainda que a relação parental se mantenha.

Ainda numa abordagem mais sistémica, Amato e Booth (2001) abordam as consequências da discórdia conjugal e da consequente QC⁶³ mais baixa na QC dos filhos, tentando compreender se haverá uma relação de predição. Essa relação foi encontrada. Os autores decidiram comparar a discórdia conjugal medida em casais num estudo anterior (Booth, Amato, Johnson & Edwards, 1998, cit. por Amato & Booth, 2001), com a discórdia conjugal medida nos casais que os seus filhos compusessem. Nos casos em que a relação dos filhos redundou em divórcio, não parece ter havido mediação da influência do casamento dos pais, nem de variáveis como a educação pós saída de casa, a coabitação de um dos pais com uma outra pessoa ou mesmo o nascimento de um meio-irmão e a própria relação entre progenitor e filho. Apesar do facto de a associação das variáveis ser moderada, é de sublinhar a existência de um intervalo de 17 anos até se recolherem dados nos casais de segunda geração, o que revela uma associação muito relevante. Os resultados mostram, ainda, que os filhos beneficiam mais em casos em que a discórdia diminui, do que em casos de casais harmoniosos que vão aumentando o seu nível de discórdia.

Há também trabalhos que abordam a ligação de casamentos após um divórcio à QC.

Booth e Edwards (1992) concluem, a partir dos seus dados, que nos casos de recasamentos as pessoas tendem a não estar tão integradas com as famílias de origem do seu cônjuge, a ser mais propensas a deixar a relação e a ter crenças de não serem a melhor pessoa com quem casar, o que leva a um decréscimo da QC, não havendo diferenças na comparação com outros casais cujos elementos não tivessem passado por uma situação de divórcio.

⁶¹ Op. felicidade conjugal, interacção conjugal, conflito conjugal e propensão para o divórcio.

⁶² A qualidade da relação entre pais e filhos foi operacionalizada nestas duas variáveis.

⁶³ Op. felicidade, interacção, conflito, problemas e instabilidade.

Falke e Larson (2007) abordam esta questão alicerçando-a em três tópicos: o *background* e factores contextuais⁶⁴, traços individuais e comportamentos⁶⁵ e processos de interação de casal⁶⁶. Os autores descobriram que há uma ligação entre uma menor QC⁶⁷ e a existência de enteados, a complexidade da nova família, a vinculação emocional ao ex-cônjuge, a existência de casamentos múltiplos e a tensão económica. Descobriram ainda que os preditores de uma QC mais elevada incluem o consenso do casal em assuntos importantes, suporte social da família e amigos e estabilidade financeira.

Género

Faulkner, Davey e Davey (2005) estudaram variáveis que poderiam funcionar como predictoras da satisfação conjugal e do conflito conjugal ao longo do tempo, ligadas ao género. O estudo aponta para um declínio da satisfação ao longo do tempo nos maridos que assumem um papel de género mais tradicional. Estes sujeitos podem também experienciar maior conflito com as esposas no que diz respeito à equidade relacional e às tomadas de decisão. No caso das esposas, a perda de emprego surge como variável que pode aumentar a satisfação conjugal e diminuir o conflito conjugal ao longo do tempo, que pode ter a ver com a sobrecarga de papel que a esposa tem ao assumir o trabalho fora de casa e as tarefas domésticas. Em casos de depressão, sendo a esposa a viver sintomas depressivos, o marido sente um declínio da QC; caso seja o marido a ter esses sintomas, a esposa não sente o mesmo. A única variável psicológica preditora da satisfação conjugal das esposas é o bem-estar do marido. Maridos que não tenham casado com mulheres com afiliação religiosa sentem uma diminuição da satisfação conjugal ao longo do tempo.

Mickelson, Claffey e Williams (2006) estudaram o papel mediador do género na QC⁶⁸, tendo em conta as atitudes de género e o papel do suporte emocional do cônjuge. Descobriram que atitudes de equidade estão relacionadas com maior QC, no caso dos homens, ao passo que estão ligadas a menor QC, no caso das mulheres, que pode ser explicado pela não concretização da atitude positiva da equidade de género na equidade conjugal. As mesmas atitudes de

⁶⁴ E.g., existência de enteados.

⁶⁵ E.g., a vinculação ao ex-cônjuge.

⁶⁶ E.g., o consenso do casal.

⁶⁷ Op. satisfação e estabilidade.

⁶⁸ Op. satisfação e conflito.

equidade não aparecem ligadas ao suporte conjugal instrumental, no caso das mulheres, nem ligadas ao suporte conjugal, no caso dos homens. O suporte conjugal emocional e instrumental são preditores da QC nos homens tradicionalistas e nas mulheres igualitárias, surgindo apenas o suporte emocional como preditor da QC de homens igualitários e de mulheres tradicionalistas.

Spotts, Neiderhiser, Towers, Hansson, Lichtenstein, Pedersen et al. (2004), na Suécia, numa amostra de gémeas e dos seus parceiros, descobriram que tanto factores genéticos como factores ambientais têm influência na QC⁶⁹. Descobriram a importância da correlação entre os genes e o ambiente, que sugere que as características geneticamente influenciadas da esposa influenciam a sua percepção da relação conjugal e a percepção do marido da relação consigo própria.

Mais tarde, Spotts, Prescott e Kendler (2006), nos EUA abordaram a influência que variáveis genéticas e ambientais têm sobre a QC, numa amostra de gémeos do mesmo sexo e de sexo oposto, sublinhando que tanto factores genéticos como factores ambientais têm essa influência. De entre todos, os factores ambientais não partilhados explicam a maior parte da variância na QC, tanto nos homens como nas mulheres. Os autores consideram que estas descobertas sugerem que características herdadas⁷⁰, contribuem de forma directa para a percepção da QC.

Etnia

Um dos factores demográficos mais estudados é a etnia dos elementos do casal. Broman (2005) descobriu diferenças significativas entre casais de etnia negra e casais de etnia branca. Os casais de etnia negra tendem a caracterizar o seu cônjuge de forma mais negativa⁷¹ do que os casais de etnia branca. Por serem caracterizados de forma mais negativa, significa que a QC também se torna mais baixa.

⁶⁹ Op. ser caloroso e conflito.

⁷⁰ E.g., personalidade.

⁷¹ No sentimento de se ser amado, no dinheiro que o cônjuge possa desperdiçar, em ser-se capaz de empurrar ou bater e nos casos extra-conjugais que o cônjuge possa ter. O autor considera que a QC é composta pelas variáveis referidas.

Bulanda (2007) também demonstra que há diferenças entre etnias, afirmando que a etnia negra apresenta menor QC⁷², ao passo que a etnia branca e a etnia méxico-americana têm níveis superiores e similares, entre si.

Forry, Leslie e Letiecq (2007) abordam a etnia em casais inter-étnicos⁷³, procurando diferenças que possam existir ao nível da ideologia do papel de género, percepção de injustiça na relação e na QC⁷⁴. Descobriram que o género é uma variável importante, já que as esposas, independentemente da etnia, expressam maiores crenças de equidade e maior percepção de que a relação lhes é mais injusta do que para os maridos, estando a percepção de injustiça ligada a menores níveis de QC. Descobriram ainda que os elementos afro-americanos dos casais são mais ambivalentes do que os cônjuges americanos, apesar de não existirem diferenças no amor e no conflito existente. Esta descoberta é contrária à literatura consultada pelos autores, visível no estudo que se segue.

Marriot-Hohmann e Amato (2008) descobriram que os casais inter-étnicos reportam menor satisfação conjugal, maiores níveis de conflito e maior expectativa de que a relação irá terminar. Segundo os dados recolhidos pelos autores, deve-se a histórias relacionais mais complexas, maior nível de heterogamia, menor partilha de valores e suporte social mais fraco, sendo este último revelador de que estes casais enfrentam dificuldades exteriores à própria relação.

Idade

Bulanda (2007) aborda a QC⁷⁵ em casais mais velhos⁷⁶. Os dados suportam a ideia de a QC estar relativamente isolada de alguns dos maiores eventos que as pessoas experienciam nestas idades. A situação económica, o emprego e a reforma não estão relacionados ou têm relação fraca com a QC. A presença de crianças está ligada a uma QC mais baixa. A etnia e o género aparecem também como variáveis influenciadoras, sendo que mulheres mais velhas e indivíduos de etnia negra apresentam menor QC do que homens e indivíduos caucasianos,

⁷² Op. satisfação.

⁷³ Casais compostos por americanos e afro-americanos.

⁷⁴ Op. amor, conflito, ambivalência e manutenção.

⁷⁵ Op. em variáveis demográficas, economia, emprego, a presença de crianças em casa e cuidados, sejam a netos ou aos próprios pais.

⁷⁶ Idades entre os 51 e os 61 anos.

respectivamente. Garantir suporte financeiro tem menor grau de associação positiva com a QC nas esposas do que nos maridos.

4.2. Personalidade.

Lavee e Ben-Ari (2004) estudaram a forma como o neuroticismo e a expressividade emocional estão relacionados com a percepção da QC em casais israelitas. Segundo os dados dos autores, o neuroticismo funciona como preditor da própria percepção de menor QC e a percepção das esposas é influenciada pelo neuroticismo dos maridos; o inverso não sucede. Concluem, ainda, que a expressividade emocional se associa à percepção da QC, no género feminino, encontrando-se associada quer à sua expressividade quer à expressividade dos maridos.

Um outro estudo de Barelds (2005) relaciona negativamente o neuroticismo com a QC, funcionando como um forte preditor da QC para ambos géneros. Foi encontrada também uma relação positiva entre auto-estima e a QC, havendo um efeito de interacção entre a auto-estima dos dois cônjuges: nos casos em que ambos reportam maior auto-estima, reportam também maior QC. Foi também encontrada uma relação entre a extroversão e a QC, havendo menor QC em indivíduos socialmente ansiosos e maior QC em indivíduos com baixa ansiedade social, bem como uma relação negativa entre a QC e hostilidade. Foram ainda encontradas relações entre a estabilidade emocional e a autonomia, quando presentes nos dois parceiros.

4.3. Vinculação.

A vinculação é uma relação emocional recíproca e duradoura estabelecida entre o bebé e a figura parental⁷⁷. Um vínculo seguro entre os cônjuges caracteriza-se, segundo Mosman et

⁷⁷ Bowlby e Ainsworth identificaram três padrões principais de vinculação, sendo a vinculação segura - a figura de vinculação constitui-se como uma base segura para o bebé e permite-lhe a exploração do mundo, separando-se facilmente dela e buscando-a quando necessita -, a vinculação evitante - o bebé evita o contacto e a proximidade com a figura de vinculação e, em caso de necessidade, não a busca - e a vinculação ambivalente - o bebé fica muito perturbado com a ausência da figura, mas quando está presente, tanto a busca como a evita (Papalia, Olds & Feldman, 2001).

al. (2006), por ter um nível de coesão óptimo entre o sentimento de ligação/dependência e o sentimento de separação/independência, ou seja, uma coexistência que permita a individualidade e, ao mesmo tempo, o sentimento de se sentirem dependentes um do outro, sem medo de perda da independência ou de abandono (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

Diversas investigações defendem que maior satisfação conjugal está ligada à vivência de uma vinculação segura e de afecto com as figuras de vinculação e que menor satisfação está ligada a relações com os cuidadores de pouca proximidade, marcadas pela presença de ansiedade e ambíguas (Cigoli & Scabini, 2006; Hatfield, Singelis, Levine, Bachman, Muto & Choo, 2007; Mosmann et al., 2006; Scabini & Cigoli, 2000). Os estudos indicam ainda que a relação de vinculação existente na infância condiciona a escolha futura de um parceiro, surgindo a percepção do outro em relação ao conforto ou desconforto com a proximidade e a independência e a capacidade de envolvimento em relações amorosas como base da escolha. Os mesmos estudos indicam também que a maior parte das pessoas prefere pessoas com uma vinculação segura (independentemente de as próprias o terem) ou, caso não existam, pessoas com vinculação idêntica à sua. Segundo Hatfield et al. (2007), pessoas relacionalmente seguras atraem outras iguais, acabando por se casar entre si.

Os primeiros autores a ligar a vinculação à relação conjugal foram Hazan e Shaver (1987), fazendo um paralelismo entre a forma de estabelecer a relação entre o bebé com a figura de vinculação e entre parceiros adultos. O estudo conduzido pelos autores tem como conclusões (entre outras) que adultos seguros caracterizam as suas experiências como sendo amigáveis, felizes e de confiança, adultos evitantes reportaram medo de proximidade e adultos ambivalentes descreveram a relação como estando marcada pelo ciúme, altos e baixos emocionais e desejo de reciprocidade. Concluíram, também, que pessoas com diferentes tipos de vinculação têm crenças diferentes acerca da forma como o amor romântico se desenvolve, acerca da disponibilidade e do merecimento de confiança do parceiro e crenças acerca do merecimento que têm de amor.

Knoke, Burau e Roehrle (2010) abordam a possibilidade de a vinculação poder ser uma variável preditora da QC⁷⁸. Os autores concluem que o estilo ambivalente é um factor que prevê uma baixa QC, possivelmente explicado pela sua percepção muitas vezes direc-

⁷⁸ Op. comportamento negativo do cônjuge em situação de conflito, expressão de afecto física ou verbal e interesses mútuos e comunicação.

nada para a procura de indícios que reforcem o medo de abandono do cônjuge, que sugere, que os factores negativos serão mais importantes que os positivos.

Apesar de os estudos anteriores indicarem a existência de uma relação entre o estilo de vinculação e a QC⁷⁹, Hollist e Miller (2005), num estudo que envolveu casais de meia-idade⁸⁰ mostram que o estilo seguro tem menor influência nestes casais, tanto para homens como para mulheres. Os autores explicam isto com a própria forma de o casal se relacionar, que se altera desde o início, estabilizando ao longo do tempo. Assim, casais jovens terão dinâmicas interaccionais fluídas e se conseguirem estabelecer uma relação segura com o cônjuge, os padrões interaccionais levam a que esse estilo seguro seja resistente a variáveis contextuais causadoras de *stress*. Daí que o estilo possa ter menor influência em casais mais velhos.

Wong, Mangelsdorf, Brown, Neff e Schoppe-Sullivan (2009) abordam a influência da QC⁸¹ sobre a segurança de vinculação entre mãe e filho e pai e filho. Abordaram ainda a influência, sobre a vinculação, das crenças sobre a importância do papel dos pais de cuidadores e dos relatos de pais e mães sobre o temperamento das crianças. Sendo variáveis que podem influenciar a vinculação, poderão influenciar as relações conjugais futuras das crianças. Os dados suportam que mães que vêem o papel cuidador como algo importante, têm menor probabilidade de estabelecer uma relação segura, embora esta relação seja significativa nos casos em que as crianças costumam causar mais alvoroço. É possível que esta relação se deva ao facto de, na literatura, estar previsto um menor envolvimento do pai nos casos de crianças inquietas, que por sua vez pode defraudar as expectativas da mãe, cuja reacção emocional poderá minar a relação segura entre mãe e filho. Em relação aos pais que dão importância ao papel cuidador, apresentam maior probabilidade de estabelecer uma vinculação segura com o filho, mas só nos casos em que as crianças são mais inquietas. A explicação avançada para esta relação passa pela previsão, na literatura, que pais com maiores capacidades psicológicas e sociais conseguem responder de melhor forma às exigências dos filhos e pela previsão de que crianças de temperamento difícil têm maior probabilidade de desenvolver resultados na relação mais otimizados, no caso de os pais terem as capacidades referidas. Descobriu-se ainda que os pais que vêem o papel cuidador como importante têm maior probabilidade de ter vincula-

⁷⁹ Op. consenso, satisfação e coesão.

⁸⁰ Que estivessem casados entre 10 e 30 anos.

⁸¹ Op. harmonia conjugal, satisfação e nível de conflito conjugal.

ções seguras com os filhos, mas nos casos em que a QC é elevada, que pode ter a ver com a maior probabilidade de numa relação harmoniosa se receber apoio do cônjuge. Juntamente com o facto de darem importância ao papel cuidador, há maior probabilidade de se envolverem mais frequentemente em actividades cuidadoras.

4.4 Parentalidade.

Perren et al. (2003) efectuaram um estudo, feito durante o segundo trimestre da gravidez, tendo como hipóteses que a gravidade de sintomas psiquiátricos parentais estaria negativamente correlacionada com a QC⁸² e que tanto a presença de sintomas psiquiátricos como a baixa QC contribuiriam para a variância da Capacidade Triádica⁸³ parental, de forma independente. Os autores concluem que casais com maior QC têm também maior Capacidade Triádica, tendo por isso a QC efeitos sobre a forma como se encara a parentalidade e sobre a forma como esta se desenvolve, e que existe uma correlação negativa entre a gravidade de sintomas psiquiátricos existentes e a QC.

Ganiban, Ulbricht, Lichtenstein, Hansson, Spotts, Reiss et al. (2009) abordam a questão da influência dos factores de personalidade sobre a associação entre a QC⁸⁴ e a relação parental mantida com os filhos, recorrendo a uma amostra constituída por pares de gémeos do mesmo sexo. Os resultados apontam para que nos casos em que sejam reportadas relações conjugais satisfatórias e de apoio, haja também relações afectuosas e de apoio com os filhos, conforme percebidas pelos filhos. Nos casos em que a relação matrimonial é auto-caracterizada como sendo mais crítica e com menor apoio, a relação com os filhos tende a ser mais punitiva e permissiva, na perspectiva dos filhos. Verifica-se, ainda, a existência de uma associação entre maior conflito na interacção conjugal e maior dureza e afecto negativo na interacção entre pais e filhos e que interacções conjugais mais calorosas aparecem associadas a

⁸² Op. comportamento negativo do cônjuge em situação de conflito, expressão de afecto física ou verbal e interesses mútuos e comunicação.

⁸³ Conceito desenvolvido pelo grupo de trabalho dos autores, que descreve a forma como os pais estão ou não preparados, interpessoal e interpessoalmente, para integrar a criança como uma terceira pessoa importante nas suas vidas mental e relacional. Se ambos pais tiverem formado representações mentais ricas e flexíveis do seu futuro com a criança, que incluam o seu parceiro, se trocarem ideias sobre o futuro da vida familiar abertamente e se este diálogo se encaixar numa parceria livre de projecções e se enquadrar em memórias coerentes de relações com as famílias de origem, considera-se que a parentalidade tem uma alta Capacidade Triádica.

⁸⁴ Op. satisfação, consenso, expressão de afecto, coesão, hostilidade e afecto negativo.

interacções entre pais e filhos mais calorosas. Significará que as características de personalidade estão correlacionadas com a QC e com as qualidades emocionais da relação entre pais e filhos.

Helms-Erikson (2001) descobriu que, por si, a altura da transição para a parentalidade não tem impacto no bem-estar conjugal, mas que os casos em que haja uma divisão das tarefas da casa menos tradicional e em que o casal tenha feito a transição mais cedo, estão associados a maior discórdia; casais que tenham adiado a transição e estejam nos mesmos moldes na divisão de tarefas têm ganhos na sua relação conjugal, nos maridos e nas esposas.

Kluwer e Johnson (2007) abordam a relação entre a QC⁸⁵ e a frequência de conflito do casal, durante a transição para a parentalidade. Os autores descobriram que maior frequência de conflito ao longo da gravidez está ligada a menores níveis de QC ao longo da transição para a parentalidade e que menores níveis de QC durante a gravidez estão ligados a maior frequência de conflitos ao longo da transição. Os autores consideram mais apropriado o modelo que prevê o conflito como determinante da QC⁸⁶.

Doss et al. (2009) abordam o efeito da transição para a parentalidade na QC⁸⁷ num espaço de 8 anos, comparando casais com filhos com casais sem filhos. As mães revelaram deterioração súbita no funcionamento da relação, nomeadamente na satisfação conjugal, intensidade dos problemas auto-reportados, gestão de conflitos pobre, comunicação negativa observada e confiança na relação. Os pais revelaram deterioração súbita na satisfação conjugal, dedicação, comunicação negativa observada e aumento gradual da intensidade dos problemas. Verifica-se também que maior satisfação conjugal está ligada a maiores decréscimos após o nascimento, em pais e mães e, nas mães, maiores níveis de dedicação aparecem ligados a maiores decréscimos após o nascimento. Há ainda uma série de variáveis ligadas às variações pós-parto, constituindo-se como os factores de risco mais consistentes de declínio da relação: altos níveis de comunicação negativa observada, dificuldades na família de origem da mãe, menor duração da relação na altura do nascimento e o facto de o bebé ser do sexo feminino.

⁸⁵ Op. satisfação, felicidade, realização, comparação com outras relações, sentimento positivo ou negativo no que diz respeito à relação e comparação com a relação considerada ideal.

⁸⁶ A frequência de conflito durante a gravidez prevê menores níveis de QC, que se mantêm ao longo do tempo, o que sugere que mais do que a própria transição para a parentalidade, é da gravidez que vem o distress da relação e que a transição para a parentalidade intensifica os problemas já existentes ao longo da gravidez.

⁸⁷ Op. satisfação, comunicação negativa observada, confiança, dedicação à relação, gestão de conflito pobre e intensidade de problemas.

4.5. Conflito.

Ridley, Wilhelm e Surra (2001) tentaram identificar perfis de resposta ao conflito em casais, ligando-os à QC⁸⁸. Partiram do pressuposto da existência de uma influência recíproca dos cônjuges, levando a que as respostas ao conflito sejam adoptadas com o objectivo de reduzir a excitação emocional individual, a incompatibilidade relacional e o *distress* da própria relação. Os autores descobriram a existência de dois perfis de resposta ao conflito simétricos e dois assimétricos⁸⁹. Os perfis simétricos correspondem à reciprocidade de resposta⁹⁰. Casais cujo perfil leve à aceitação da situação de conflito, têm maior número de respostas positivas, traduzidas em estratégias de resolução. Casais cujo perfil leve ao distanciamento, são casais com maior proporção de respostas agressivas, negativas e de retirada do conflito. Os perfis assimétricos podem levar a que os casais desenvolvam uma sequência de respostas em que um dos parceiros tenta manter o outro envolvido no diálogo, com o objectivo de resolver ou de ganhar o conflito, podendo ser tanto os homens como as mulheres a retirar-se. Outra forma de complementaridade de comportamentos de conflito sucede em casos em que um dos parceiros tenta acalmar o outro ou acomodar-se aos comportamentos agressivos do outro. Nos casos em que um dos parceiros tem tendência para se retirar da situação de conflito, é reportada menor QC, bem como em casos em que um dos parceiros reporte menor número de respostas positivas ao conflito.

Burns e Dunlop (2002) abordaram o conflito familiar, partindo da associação de pais altamente conflituosos que permaneceram juntos e de casais de baixo nível de conflito que se separaram, com menor nível de ajustamento dos filhos em adultos, e com menor grau de sucesso em termos de formação e manutenção de relações íntimas. Os dados indicam que a QC⁹¹ não funciona como preditora da ansiedade à passagem do 10º ano, mas que funciona dessa forma no 1º ano, que sugere que a influência negativa do passado sobre o adolescente e

⁸⁸ Op. consenso, satisfação, coesão, expressão de afecto (dimensões do DAS) e satisfação financeira. O *Dyadic Adjustment Scale* (DAS), de Spanier (1976), revisto para a população portuguesa por Gomez e Leal (2008), é uma escala composta por 32 itens, dividida em quatro subdimensões: Consenso, Satisfação, Coesão e Expressão de Afecto. É uma das escalas mais utilizadas, embora não esteja isenta de várias críticas (Funk & Rogge, 2007; Fincham & Rogge, 2010).

⁸⁹ Os autores têm em conta que as interações de conflito envolvem, tipicamente, uma sequenciação de comportamentos entre os parceiros.

⁹⁰ Respostas de aceitação provocam outras respostas de aceitação e respostas de distanciamento provocam outras respostas de distanciamento.

⁹¹ Op. dimensões do DAS.

futuro adulto decresce ao longo do tempo. As filhas adultas vindas de meios de maior conflito reportam maiores níveis de depressão do que filhas adultas vindas de meios de baixo nível de conflito, independentemente de os pais se terem divorciado ou não. Os filhos apresentam a mesma tendência, embora não estatisticamente significativa. Os autores defendem que os efeitos a longo prazo do conflito familiar existem, mas são similares nos participantes de famílias intactas e de famílias divorciadas.

4.6. Outros factores.

Há ainda outros factores que aparecem relacionados com a QC. Clements e Swensen (2000) descobriram que o compromisso é um predictor de QC⁹².

Aron, Norman, Aron, McKenna e Heyman (2000) descobriram que o desenvolvimento de actividades novas e estimulantes está associada a níveis mais elevados de QC⁹³ experienciada e de QC expressa comportamentalmente.

Gager e Sanchez (2003) descobriram que a QC⁹⁴ está ligada à dissolução conjugal⁹⁵ e ao género.

Booth, Johnson e Granger (2005) descobriram que nos casos em que os maridos percebem uma elevada sobrecarga de papel, os níveis de testosterona mais altos estão associados a níveis mais baixos de QC.

Fincham, Paleari e Regalia (2002) e Paleari, Regalia & Fincham (2005) afirmam haver um papel indirecto do perdão na QC.

Fincham e Beach (2007) defendem que a QC⁹⁶ surge como resultado de uma sequência causal, na qual uma QC positiva determinará atribuições causais e de responsabilidade, que por sua vez promoverão o perdão, tanto directa como indirectamente, via reacções afectivas e empatia emocional.

⁹² Op. dimensões do DAS.

⁹³ Op. dimensões do DAS.

⁹⁴ Op. percepção de felicidade conjugal, de problemas passados e de problemas actuais.

⁹⁵ Seja separação ou divórcio.

⁹⁶ Op. confiança no parceiro, tempo de lazer juntos e grau de acordo em questões importantes da relação.

Cunningham e Thornton (2006) descobriram que a QC dos pais tem um papel facilitador da transmissão intergeracional de atitudes⁹⁷. Casais com maior grau de QC parecem ser modelos mais atractivos para os filhos do que casais com baixa QC.

Yeh, Lorenz, Conger e Elder Jr. (2006) defendem que maior satisfação sexual prevê maior QC⁹⁸, o que por sua vez leva a menor instabilidade conjugal.

Troxel, Robles, Hall e Buysse (2007) defendem que a QC é preditora de vários indicadores de saúde física⁹⁹, sendo, por sua vez, influenciada pelo sono. A transição para a parentalidade ou casos de adaptação a uma doença, como acontecimentos que levam a uma menor qualidade do sono e a uma diminuição acentuada da QC, sugerem que a qualidade do sono poderá ter um papel crítico na trajectória do funcionamento conjugal.

Raymo e Iwasawa (2009) defendem que a QC¹⁰⁰ tende a diminuir nos casos em que uma gravidez “provoca” o casamento, em comparação com casais onde existia uma gravidez mas que não levou a que os dois se casassem, no Japão.

Mamun, Clavarino, Najman, Williams, O’Callaghan e Bor (2009) descobriram que a incidência de sintomas depressivos e de QC¹⁰¹ pobre se mantêm ao longo do tempo.

Barnett, Gareis e Brennan (2010) descobriram que a existência ou não de coordenação da escola e de horários das suas actividades¹⁰² dos filhos, nas mães, prevê a QC.

⁹⁷ Nomeadamente, a magnitude da relação das atitudes das mães e das atitudes dos filhos, das atitudes perante a coabitação, das relações pré-conjugais e de ser-se solteiro ao longo da vida é maior nos casos em que a QC é maior, sendo a relação menos forte quando a QC é menor.

⁹⁸ Op. satisfação e felicidade.

⁹⁹ Incluindo cardiovasculares, doenças, dores crónicas e doenças infecciosas.

¹⁰⁰ Op. satisfação com as tarefas da casa, com as finanças e sexual.

¹⁰¹ Op. dimensões do DAS.

¹⁰² No que diz respeito ao grau de discordância das necessidades de coordenação com os horários dos pais.

Capítulo 3: Crítica e reflexão sobre os métodos de estudo da família.

A forma como se investiga em psicologia não está isenta da influência do contexto sócio-cultural do tempo e local onde se desenrola e onde se dão os eventos/fenómenos.

Hoje em dia, na sociedade ocidental, no que diz respeito à relação conjugal, encontram-se em primeiro plano os elementos de sentimento e de emoção, ao contrário do que acontecia há algumas décadas atrás em que a forma significava tudo, passando-se de uma base fortemente normativa para uma base fortemente afectiva. Se antigamente a relação matrimonial teria que se manter até ao fim, independentemente do que pudesse acontecer, hoje em dia há maior flexibilidade na forma como se deixa um relacionamento e, posteriormente, se embarca num outro. Uma relação estruturada nesta base significa que o pólo afectivo pode integrar o pólo ético, que fica numa posição mais obscura e sem que tenha um papel muito definido (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

Toda esta tendência de centralização da emoção e do sentimento tem a ver com o enfraquecimento da posição de casal em favor de um espaço individual cada vez mais necessário e do direito individual de busca de felicidade (Scabini & Cigoli, 2000), que leva a que os terapeutas (e investigadores) acabem por abordar a rede de relações que constitui a família em função dessa busca de felicidade individual em vez de ajudar o casal na análise e na recuperação dos aspectos de empenhamento e de responsabilidade de um pelo outro (Doherty, 1995, 1997, 2002), em parte devido à perda do estigma associado ao divórcio, tanto para os casais como para os terapeutas (Stahmann, 2002)¹⁰³.

Segundo Lanz e Rosnati (2002), o estudo da família significa considerar um objecto que pela sua natureza é relacional. Consequentemente há duas modalidades de estudo da família. Uma individual, em que se obtém informação acerca da percepção que o indivíduo tem da realidade familiar, sendo que não proporciona dados acerca das relações familiares. Estes não devem ser considerados dados familiares (Olson, 2000), podendo ser considerados estudos relacionados com a família e não investigação familiar (Feetham, s.d.). A outra linha de investigação tem em conta o ponto de vista de vários membros, considerando-se que numa relação com dois ou mais intervenientes se deve obter dados de todas as partes, conseguindo

¹⁰³ Algo visível nos estudos abordados a propósito da QC.

aceder a dados relativos ao seu intercâmbio. Assim, o estudo da família deve ser feito com base na análise grupal, seja em díades, em tríades ou em tétrades (Lanz & Rosnati, 2002).

Metodologicamente, a relacionalidade da família leva a que os seus dados sejam não independentes, por haver influências mútuas entre os membros, nomeadamente ao nível da percepção. As percepções dos membros familiares são mais aproximadas do que quando comparadas com membros de outros grupos (Lanz & Rosnati, 2002). Segundo Kenny e Judd (1986), isto deve-se à existência de 3 factores: a composição do grupo - os membros de uma família têm papéis que não são atribuídos de forma casual nem podem ser trocados (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000) -, o destino comum - os membros familiares têm-no pela existência de um ambiente de vida e de expectativas comuns - e a influência recíproca - os membros familiares exercem influência uns sobre os outros.

Além disso, Lanz e Rosnati (2002) afirmam que os elementos familiares, ao se referirem a eventos, objectos e/ou opiniões, fazem-no no pressuposto de que esses mesmos eventos são partilhados com os restantes membros, que leva a uma convergência de percepções, ainda que não se sobreponham totalmente. Toda a percepção dos eventos familiares é, assim, influenciada pela percepção que os outros membros têm dos mesmos eventos. Segundo Kenny e Judd (1986), a não independência dos dados influencia a significância dos testes estatísticos, pondo em causa os trabalhos abordados, por não considerarem esta característica. Lanz e Rosnati (2002) consideram que mais do que evitar este problema¹⁰⁴, há-que procurar formas de analisar os dados tal como são, respeitando a natureza e a configuração da família.

Cole e Jordan (1989) e Cole e McPherson (1993) vão mais longe e afirmam que o estudo conforme é feito hoje em dia é limitado, por não revelar a complexidade inerente à rede familiar, como se vê nas situações em que é pedido a um sujeito que valorize as suas relações familiares, não sendo claro o critério pelo qual se rege, porque os membros familiares não interagem entre si todos da mesma forma. Os autores mostram ainda que a própria literatura demonstra a importância do estudo da unidade familiar, dando como exemplo as diferenças entre as mesmas numa dada família: um nível de coesão conjugal muito baixo pode ser acompanhado de um nível de coesão entre mãe e filho elevado. Significa que a visão segmentada da família deixa de parte dinâmicas que são importantes para a compreensão da totalidade do funcionamento familiar, estando os dois níveis de coesão, provavelmente, relacionados.

¹⁰⁴ Patente nos diversos estudos abordados ao longo deste trabalho.

Olhando para os vários estudos revistos ao longo do trabalho, compreende-se que exibem precisamente o problema de serem estudos relacionados com a família, ao se centrarem num só indivíduo em vez de considerarem como unidade de análise a díade. Não parece fazer sentido que uma medida (QC), que é produto da interacção conjugal e que por sua vez tem influência das outras interacções familiares, sejam ou não da família nuclear, seja constantemente medida de forma individual, assim como não parece fazer sentido abordar a QC sem que seja considerada a natureza não independente dos dados obtidos. A dinâmica de perda de centralidade do “eu” em favor do “nós” também o indica, conforme prevista no modelo relacional-simbólico. Além disso, padecem do mal que Cole e Jordan (1989) e Cole e McPherson (1993) indicam, de não serem estudos capazes de ter uma visão “familiar da família”. Ao saber-se que as dinâmicas das várias relações familiares estão dependentes umas das outras, isolando nem sequer uma das relações, mas o indivíduo constituinte dessa relação, retira-se toda a especificidade relacional à família. Por exemplo, o discurso explicativo da dificuldade de delimitar a unidade de análise da família de Greenstein (2006), apesar de partir da ideia de sistema familiar, é demonstrativa da forma como depois a sua concretização falha, já que o autor faz um conjunto de reflexões sobre como tentar passar variáveis individuais para um carácter familiar (e.g., o nível sócio-económico), deixando de parte o carácter de grupo por ele próprio enunciado. O único estudo que parece ter, em certa medida, esta questão em conta é o estudo de Perren et al. (2003), que aborda a Capacidade Triádica, que se aproxima da ideia de família defendida neste trabalho e que tem em conta que a família é mais do que um conjunto de indivíduos.

As transições por que o casal passa e que obrigam a adaptações mútuas, dentro do casal e como casal com as restantes relações familiares e extra-familiares, deixam de fazer sentido quando consideradas de forma individual. Segundo Raguso (2006), esta perspectiva abre a compreensão do desenvolvimento do ser humano ao longo de toda a sua existência. O estudo da forma como cada um, individual e independentemente, percepção a sua vida é falacioso porque, por natureza, todos somos seres relacionais e todos participamos na construção activa da rede de relações e de percepções da família. Por exemplo, será que a percepção que um dos membros do casal tem acerca da QC poderá ser muito elevada, caso a percepção do outro seja de uma QC muito baixa? Será possível que esse membro não se aperceba de que não está tudo bem com o seu cônjuge e que ajuste a sua percepção a essa condição?

Nesse sentido, as expectativas inconscientes da escolha do parceiro e do que cada um projecta para o futuro tem uma clara influência na percepção da QC, já que a avaliação que cada elemento faz estará sempre sujeita a essas mesmas expectativas. Que levanta a questão de ser possível avaliar a percepção individual da QC sem antes tornar conscientes essas mesmas expectativas, de forma a conhecer o quadro e critério avaliativo da própria pessoa. Torna-se necessário, então, conhecer o percurso do casal (Narciso & Ribeiro, 2009). Toda a perspectiva Relacional-Simbólica aqui desenvolvida parte precisamente do conhecimento do casal a partir do conhecimento dessas expectativas transportadas do quadro da família de origem para o quadro formativo da identidade do casal (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

Cigoli (2006) defende uma mudança de paradigma no estudo actual na psicologia, passando do estudo da mente e do indivíduo para o estudo da pessoa viva no seu corpo, com todas as suas necessidades, expectativas, desejos, intenções e descobertas e constituindo-se como um lugar de acção, seja no que faz, na reflexão sobre o que faz, na aprendizagem e na mudança do que faz. Desta forma, a pessoa intervém de forma activa na realidade relacional a que pertence, realidade essa que justifica a escolha de uma forma diferente de investigação familiar, conforme aqui é defendido.

Tudo isto, em conjunto com as expectativas e com a dimensão (re)construtiva da identidade do casal que se prolonga ao longo da vida do casal, indica que o caminho de investigação da realidade familiar deveria ser o da unidade de análise também ela familiar, deixando de parte a ideia de que o todo do casal e da família é igual à soma de todas as partes. Aliás, Scabini e Cigoli (2000) afirmam mesmo que a imprevisibilidade resulta do facto de o casal não ser uma mera soma de competências. Desta forma seria possível passar a uma intervenção psicológica conjugal, deixando de parte intervenções individuais que, por vezes, se tornam até não éticas, devido ao aconselhamento feito apenas à percepção de um dos elementos sem que sejam tidos em consideração o outro elemento do casal, bem como todo o investimento do casal na sua relação (Doherty, 1995, 1997, 2002). Em relação à ética, Cigoli (2006) chama a atenção para a existência de uma ética familiar, que passa pela responsabilidade de uns pelos outros nas suas relações e que inclui as gerações futuras. Assume o valor da relação com os outros membros familiares, a reconciliação, a compaixão, o perdão e o relançamento da esperança na relação. Algo que o autor defende ser parte e objectivo do trabalho terapêutico familiar.

A este propósito, Doherty (1995) levanta a questão da não moralidade terapêutica de que os psicólogos se orgulham, redundando na centralidade do auto-interesse e esquecendo as responsabilidades familiares e comunitárias, considerando que a fórmula que prevê que o foco no bem-estar psicológico individual conduz, inevitavelmente, ao bem-estar familiar e comunitário uma forma de individualismo utilitário. Em outros artigos, de 1997 e 2002, aborda a questão do hábito de se optar por terapia(s) individual(ais) quando o problema é claramente de casal. Numa abordagem individual da felicidade pessoal, o objectivo é resolver os problemas individuais que, quanto ao terapeuta, estão a impedir a progressão do casal e cujo enfoque é na responsabilidade de reconhecer os próprios sentimentos, deixando as responsabilidades assumidas com terceiros e sem considerar o longo prazo da relação, Doherty considera que muitas vezes se condena a relação conjugal nesta abordagem. Estando a terapia e a investigação interligadas, a amoralização da terapia e o encorajamento da busca da felicidade individual, ajudam a explicar a forma actual de investigação da conjugalidade a um nível individual.

Sendo a família uma unidade de estratificações múltiplas e definida como uma organização relacional diferente da soma de todas as partes e a interacção entre os membros, como traduzir em termos empíricos (Cigoli & Scabini, 2006)?

A questão levantada tem a ver com a definição de família utilizada, que naturalmente depende do modelo que orienta a pesquisa (Lanz & Rosnati, 2002). Bray, Maxwell e Cole (1995) afirmam que a complexidade do estudo da família advém precisamente da complexidade das suas relações, que resulta nas diferentes formas de investigação. No entanto, Cigoli e Scabini (2006), ao se posicionarem como não relativistas¹⁰⁵, afirmam que esse facto não pode levar a que não haja consistência na escolha metodológica no estudo da família. Deal (1995) propõe duas perspectivas diferentes decorrentes da análise que faz da investigação na família: uma convergente - em que os investigadores partem da ideia de que a realidade de família está assente no que os seus membros têm em comum e que são esses factores em comum que influenciam a percepção individual - e uma divergente - em que os investigadores partem da ideia de que a realidade da família é dada pelas percepções não coincidentes dos membros familiares. Cigoli e Scabini (2006) acreditam que a melhor forma de aceder à realidade estratificada da família passa por ter em conta as duas perspectivas, comparando-as e integrando-

¹⁰⁵ Os autores não concordam com a ideia de que um ponto de vista é tão bom como outro qualquer.

as, de forma a conseguir reunir informação sobre o que os membros partilham, o que os une, qual o produto da sua história, bem como o que cada membro sente de forma individual. Uma outra forma de o fazer passa por utilizar uma metodologia múltipla, de forma a conseguir construir uma rede de significados, que produz uma série de informações de diferentes fontes (os membros familiares e os observadores) que dificilmente coincidem. Desta forma, a perspectiva Relacional-Simbólica defende que as diferenças das várias metodologias devem ser vistas como fontes de informação valiosa, em vez de serem vistas como obstáculos, já que se considera que qualquer partícula de informação é valiosa para o conhecimento da relação.

A maior parte dos instrumentos patrocina uma forma de estudos individualizada, já que são instrumentos de auto-relato por questionário (segundo Lanz e Rosnati, 2002, em geral são por questionário ou por entrevista) o que, em parte, explica a elevada tendência individualista destes trabalhos e o esquecimento da terceira dimensão da relação do casal. Lanz e Rosnati (2002) afirmam que a unidade de mensuração depende directamente do tipo de instrumento utilizado, o que também explica alguma da dificuldade em sair da tendência de investigação individual em forma de auto-relato. Aliás, segundo Fincham et al. (1997), o tipo de investigação em forma de auto-relato está muito ligada ao estudo da satisfação conjugal e da felicidade conjugal, que se constitui como mais uma razão para o ciclo vicioso descrito.

Em relação ao auto-relato por questionário, Fincham e Rogge (2010) perguntam se os cônjuges serão os mais indicados para reportar as características da relação conjugal visto que, segundo o indicador *Spouse Observation Checklist* (cit. por Fincham & Rogge, 2010), os cônjuges estão em acordo apenas em 50% das vezes e afirmam que será um método mais válido se focado no estudo da avaliação que os cônjuges fazem da sua relação. No fundo, cai no âmbito da Fenomenologia, cujo objectivo é precisamente o estudo do objecto conforme o que o sujeito percebe, sem interferência de regras de observação e no seu próprio contexto (Dahl & Boss, 2005). Estando evidentemente presente nos estudos que foram desenvolvidos ao longo da tese, não se compreende se este facto é ou não reconhecido. Os estudos parecem transmitir um certo alheamento a essa realidade, não se percebendo se é algo tido em conta e reconhecido ou se há uma distorção do que é uma percepção no sentido o auto-relato e a observação serem apenas métodos alternativos com os mesmos efeitos.

Weiss (1980) já tinha sublinhado esta ideia ao afirmar que os cônjuges respondem aos itens dos questionários acerca do cônjuge e da relação não em relação ao conteúdo do item mas em relação ao que sentem por ele. Em relação ao problema do conteúdo dos itens, Fin-

cham e Bradbury (1987) chamam a atenção para o facto de os itens não serem interpretados da mesma forma e de não ser claro que os mesmos peçam uma avaliação global da relação ou uma avaliação de determinado comportamento, tanto para quem preenche como para quem interpreta os dados recolhidos.

Além deste problema que o auto-relato por questionário pressupõe, existe ainda a questão de “acesso” do investigador aos dados da família. Segundo Lanz e Rosnati (2002), há diferenças entre instrumentos de auto-relato e instrumentos de observação, no que diz respeito à fonte de informação - fornecimento da informação por parte do membro da família, por oposição à codificação do comportamento observado por parte do observador - e ao tipo de informação - percepções acerca do próprio comportamento vs. informação directa sobre o comportamento dos sujeitos em interacção.

Em geral, segundo os mesmos autores, são utilizados na investigação da família questionários que provocam o auto-relato, compostos por perguntas e escalas onde os membros devem indicar o nível que percebem em relação a determinado comportamento, a sua frequência, presença ou ausência e a sua variação ao longo do tempo, por exemplo, que desde logo levanta o problema da desejabilidade social da resposta.

Há ainda a questão da escolha sistemática de metodologia quantitativa em detrimento de metodologia qualitativa. Lanz e Rosnati (2002) defendem que para um melhor estudo da família se deveria optar pela conjugação de metodologias, não só no sentido de conjugar quantitativo com qualitativo, mas também conjugando instrumentos de auto-relato com instrumentos de observação. Há também instrumentos em que se dá uma determinada tarefa à família, juntamente com a entrevista e a observação, e de onde se pode obter informação sobre a percepção que a família tem de si, sobre o que produzem na execução da tarefa e observação da execução, como quem inicia, quem interrompe, tipos de interacção, entre outros. Estes instrumentos têm como vantagem o aparecimento de componentes inconscientes da família (pacto secreto), por exemplo, necessidades por satisfazer, valores e expectativas que cada um dos cônjuges tem.

A própria forma de construção dos itens levanta outras questões, já que várias das dimensões que os instrumentos pretendem medir acabam por se sobrepor entre si, entrando no domínio umas das outras, provocando relações espúrias (Fincham & Bradbury, 1987; Fin-

cham & Rogge, 2010)¹⁰⁶. Significa que há bastante confusão na ligação entre a distinção conceptual e as medidas utilizadas, contribuindo para a pouca clareza de conceitos utilizados em diversos estudos em que, aparentemente, se aplicam como se fossem meros sinónimos¹⁰⁷. Fincham e Rogge (2010) afirmam que se parte do princípio que o constructo de QC a um nível empírico equivale ao nível conceptual, mas que tal poderá não acontecer. Johnson, White, Edwards e Booth (1986) apontam como problemas o facto de a mesma nomenclatura das dimensões corresponder a diferentes dimensões, de dimensões idênticas terem nomenclatura diferente e que a combinação de componentes pode disfarçar a relação entre as dimensões constituintes da QC e outras variáveis, como o sexo, tempo de casamento e a existência de crianças¹⁰⁸. Mesmo a ideia central da QCP e da QCN, apesar de ter como dado interessante o facto de não partir do princípio que uma pontuação negativa pode não querer dizer o mesmo em todas as pessoas, sofre também com este problema, já que por si não é capaz de dar resposta a todas estas questões, encontrando-se num vazio de teoria e não tendo suporte inequívoco.

Naturalmente que as possíveis falhas na construção dos instrumentos deriva da fragilidade de base de toda a teoria que ladeia a QC. Segundo Fincham e Rogge (2010), isto provoca uma ligação entre a distinção conceptual e a medida que não será tão forte quanto poderia, o que não permite o desenvolvimento da teoria. Já Fincham e Beach (1999) afirmam que a associação entre teoria e investigação tende a ser imprecisa, chegando a ser apenas “metafórica” (Fincham & Beach, 1999, p. 55). Aliás, os estudos abordados demonstram falhas metodológicas também a este nível. Segundo Lanz e Rosnati (2002), a investigação tem uma primeira fase na definição do objecto de estudo, devendo também ter uma explicitação da linha teórica seguida, algo que parece faltar. Fincham e Bradbury (1987) já alertam há algum tempo para o problema da não especificação do constructo e vão mais longe, defendendo mesmo que o termo QC poderia ser banido do vocabulário científico da Psicologia.

¹⁰⁶ Funk e Rogge (2007), por exemplo, abordam a problemática da contaminação das medidas de comunicação e da QC, ao identificar 13 itens do DAS que se correlacionam mais fortemente com o factor comunicação do que com o factor satisfação. Esses itens estão incluídos no factor satisfação.

¹⁰⁷ E.g., estudos de Marchand (2004) e de Perren, Wyl, Burgin, Simoni e Klitzing (2005), que têm um título que remete para a QC, utilizam o termo como sinónimo de satisfação conjugal e um estudo de Claxton e Perry-Jenkins (2008) utiliza a QC operacionalizada em amor e conflito.

¹⁰⁸ E.g., a satisfação conjugal e a tendência para dissolver a relação não permitirá detectar a tendência existente da satisfação em diminuir ao longo do tempo e a tendência contrária de aumento da estabilidade do casal.

A operacionalização das variáveis constitui-se como outro problema. O processo consiste na passagem do plano teórico para o plano da mensuração, sendo um problema estreitamente ligado ao problema da delimitação do conceito. Segundo Lanz e Rosnati (2002), a operacionalização deve ser feita depois de definido o constructo e o seu tipo (individual, diádico ou familiar). Ora, se há uma grande confusão ao nível conceptual, ao ponto de haver quem questione a existência do próprio conceito e mesmo o tipo de constructo não é ainda claro, a operacionalização estará, necessariamente, enfraquecida na sua base da sua dimensionalização. A pergunta que se impõe é a de saber qual a base de operacionalização dos instrumentos que, apesar disso, são muito utilizados.

Além disso, para além de não se saber qual o critério para a inclusão das dimensões nos instrumentos, verifica-se uma enorme discordância das mesmas. As que parecem reunir maior consenso são a satisfação (ainda que por vezes surja, ela própria, multidimensionada), conflito, felicidade (outra variável difícil de circunscrever) e as restantes variáveis do DAS (consenso, coesão e expressão de afecto). As restantes são muito díspares. É de realçar, ainda a respeito das variáveis, que muitos dos estudos abordam o conceito de QC como se fosse uma expressão equivalente a um qualquer conjunto de variáveis estudadas na relação conjugal, reforçada pelo facto de os autores considerarem um número de dimensões do constructo muito variável, oscilando entre duas e oito dimensões. Para além do vazio teórico que origina, provoca também um problema na hora de definir quais serão as variáveis que influenciam ou são influenciadas pela QC e as que fazem parte do constructo, sem que haja justificação para essa variação. Por exemplo, o conflito tanto surge na operacionalização da QC, em vários estudos, como é estudada como podendo ser uma variável que provoca maior ou menor QC.

A questão das variáveis deve ser também alvo de crítica, já que surgem sem que pareçam ter sido pensadas no quadro mais geral que já foi referido. Em geral, as variáveis são trabalhadas de forma individual e outras, na forma como estão desenvolvidas, ficam segregadas da realidade familiar¹⁰⁹.

Em relação ao género, é certo que devido às especificidades que cada um comporta, a percepção da QC terá de ser necessariamente diferente, mas isso não obriga a que seja tratada de forma independente. Numa questão que inclui uma dinâmica intersubjectiva, o estudo desta variável carece do vértice complementar da percepção da QC, pelo que mais do que estabe-

¹⁰⁹ Variáveis como o género, idade, vinculação, personalidade e transição para a parentalidade enquadram-se no segundo cenário.

lecer diferenças, poder-se-ia trabalhar a forma como o género condiciona a construção da identidade do casal e da sua componente inconsciente.

Em relação à idade, estaria mais enquadrado o seu estudo se além da idade cronológica, se tivesse em conta a fase em que o casal/família se encontra, no ciclo de vida descrito. Assim, poder-se-ia ter uma perspectiva mais global caso se conseguisse compreender se há diferenças na forma de cumprir as tarefas de cada transição conforme a idade cronológica e não apenas a forma como a QC aumenta ou declina. Aliás, parte dos estudos que mostram que a idade tem influência, ao não ter isso em conta, não permitem saber se é de facto a idade a variável a ter em conta ou se é apenas a transição por que a família está a passar que dita uma percepção de menor QC.

O estudo da vinculação e da personalidade enquadra-se, necessariamente, no modelo, já que faz parte da construção da identidade individual e influencia toda a escolha do parceiro e a construção inconsciente da identidade do casal. Ainda assim, parece ser muito redutora a ideia de que um determinado tipo de vinculação leva a que se procure esse mesmo estilo. A questão da personalidade enquadra-se bem, precisamente porque ela própria é uma construção que tem a ver com a vida do indivíduo e com a sua componente familiar, tendo óbvios reflexos na forma como se relaciona com outras pessoas e na forma como se irá relacionar na sua família nuclear.

A transição para a parentalidade, apesar de ser, por si, mais integrada no sistema, padece do mal de ser altamente individualizada. Os estudos deverão ter em conta tanto a relação com o cônjuge como o estabelecimento da relação com o recém-nascido, de forma a conhecer em profundidade a rede de relações que está a ser construída e de que forma afecta a QC. Além disso, dever-se-ia ter em conta que é possível que, no sistema familiar, se degrade uma determinada relação, ao mesmo tempo que a relação nova que surge seja posta em relevo e que possam ter uma relação directa.

Ainda no que diz respeito aos instrumentos, há uma outra crítica de fundo que pode ser feita, que consubstancia parte do que já foi dito. O que se pode fazer, nos contextos clínico e de investigação, com os dados que se obtêm dentro da lógica actual? Se os instrumentos apenas contribuem para a medição em proveito próprio da QC ou da forma como um dos membros se posiciona perante a relação conjugal que mantém, significa que se é “convidado” a agir tendo em conta a percepção que se tem e não sobre essa mesma percepção. Significa que não há um motivo que leve a uma reflexão crítica acerca da forma como tem sido construída a

relação, de forma activa e em conjunto com o cônjuge, que conduza a uma tentativa de melhoria e de crescimento da e na relação. Neste sentido, a *Intervista Clinica Generazionale* permite que o casal reflecta sobre o que é e sobre o que quer atingir, numa perspectiva conjugal na verdadeira acepção do termo, levando a que o casal se conheça melhor e seja capaz de reflectir sobre a construção do seu percurso passado, presente e futuro. Este instrumento tem subjacente literatura clínica e psicossocial das relações familiares e considera o intercâmbio existente entre os membros familiares (Cigoli & Tamanza, 2009a).

II. Parte Empírica.

1. Objectivos do estudo.

A falta de estudos que incluam a relacionalidade familiar origina a questão subjacente a este trabalho, a de saber se há outras formas de estudar as características do casal tendo em conta essa característica da família, utilizando um instrumento que se posiciona dessa forma. O estudo em seguida explanado tem como objectivo verificar se a ECG resulta num instrumento mais avançado e que saliente a dimensão da relação do casal já que, segundo Cigoli (2009), o instrumento apresenta a vantagem de contar com a complexidade inerente à vida familiar e de aceder à qualidade do intercâmbio intergeracional e de apreender de melhor forma a dinâmica de casal a que o instrumento acede. Para além disso, tem como objectivo compreender de melhor forma as diferenças que os autores apresentam para outro tipo de instrumentos, de onde se salienta precisamente a componente de reflexão a que o instrumento “obriga”. Procura, ainda, compreender até que ponto permite ir mais além da actual centralização do sentimento e da emoção, até que ponto aborda a família como uma rede de relações e até que ponto considera a interdependência dos elementos do casal. Procura também saber se o instrumento tem capacidade para aceder a informações partilhadas e conjuntas e capacidade para trazer à consciência elementos que expliquem a evolução do casal e “contem” a sua história progressiva e procura compreender o tipo de informação que se pode obter na utilização de um instrumento de natureza qualitativa e com a característica de partir do ponto de vista dos cônjuges e das suas próprias reflexões acerca do que construíram ao longo dos anos

Tem ainda como objectivos procurar saber se o instrumento tem resposta para os problemas já identificados, nomeadamente ao nível metodológico e ainda constituir-se como uma contribuição para a adaptação do instrumento à população portuguesa.

2. Método.

O estudo é de carácter qualitativo, opção justificada pelo carácter grupal e não individual da unidade de discurso que é o casal (Kerlinger, 1979), que se constitui como o objecto de estudo neste trabalho.

Sendo um caso em estudo e tendo em conta que há um grande conjunto de variáveis no âmbito do estudo, optou-se por fazer um estudo de caso.

O estudo de caso é definido por Yin (2008) com base nas características do fenómeno em estudo e no conjunto de características que estão associadas ao processo de recolha e estratégias de análise dos dados. Está, de certa forma, na mesma linha que Bell (1987) defende que o termo é, considerando um guarda-chuva para uma família de métodos de pesquisa. Segundo Coutinho e Chaves (2002), esta metodologia permite que tanto um indivíduo, como um pequeno grupo ou uma organização se possam constituir como objecto de estudo, tendo cinco características básicas: é um sistema limitado e com fronteiras nem sempre precisas, em termos de eventos, tempo ou processos; é um caso sobre um determinado objecto que precisa de ser identificado dando direcção à investigação; há a necessidade de preservar o carácter único e específica do caso; o ambiente natural em que decorre a investigação; recorre-se a múltiplas fontes de dados.

É uma abordagem metodológica adequada a estudos com o objectivo de compreender, explorar ou descrever acontecimento e contextos complexos, onde os factores envolvidos dificultam a identificação das variáveis consideradas importantes. É adequado em investigações com o objectivo de procurar interacções entre factores, de descrever ou analisar um fenómeno ou de apreender a dinâmica de um fenómeno (Yin, 1994). O estudo aqui explanado enquadra-se no último tipo. Além disso, o estudo é feito com um instrumento ainda não totalmente adaptado à população portuguesa e um dos objectivos é precisamente contribuir para essa adaptação.

Segundo Lanz e Rosnati (2002), a forma como outros instrumentos estão construídos pode levar a que seja feita uma valorização sintética de diversas situações que podem ser similares, mas que são diferentes. Por outro lado, pode também acontecer que os itens apresentados nos instrumentos obriguem à escolha de uma resposta que não corresponda exactamente à percepção de quem responde. Segundo os mesmos autores, o estudo da família significa considerar um objecto de natureza relacional, sendo os dados recolhidos tendo essa caracterís-

tica em conta, dados familiares e conseguindo-se, dessa forma, aceder a informação acerca do intercâmbio familiar. O instrumento apresenta qualidades que podem permitir ultrapassar estes problemas.

Ao nível da metodologia, a relacionalidade da família leva a que os seus dados sejam não independentes, fruto da já referida influência mútua dos membros familiares, que leva a que os instrumentos utilizados devam ter em conta esse dado de extrema importância, caso contrário, não será revelada a complexidade da rede familiar, podendo até não revelar a relação entre acontecimentos diversos que, isoladamente, são interpretados de forma muito diferente (Cole & Jordan, 1989; Cole & McPherson, 1993). Cigoli e Scabini (2006) acreditam que a melhor forma de aceder à realidade estratificada da família implica que se tenham em conta as duas perspectivas dos cônjuges, comparando-as e integrando-as, de forma a conseguir reunir informação sobre o que os membros partilham, o que os une, qual o produto da sua história, bem como o que cada membro sente de forma individual. Metodologicamente implica uma abordagem com o casal como tal e não a partir de um visão individualizada ou de visões somadas dos cônjuges. Também nestas questões o instrumento apresenta qualidades que podem permitir ultrapassar estes problemas.

Neste estudo é feita apenas uma entrevista, na medida em que se constitui como uma tentativa de conhecimento e compreensão dos processos que o instrumento pode tornar conscientes.

2.1. Participantes.

O estudo foi feito com um casal originário do Norte de Portugal e de classe média. O elemento do casal do sexo feminino (A.) tem 54 anos, é Licenciada e é professora. O elemento do sexo masculino (F.) tem 57 anos, tem um Bacharelato e é um ex-professor, que está há bastantes anos na área comercial, embora presentemente esteja desempregado. É o primeiro casamento de ambos e têm duas filhas com 31 e 28 anos de idade, ambas solteiras e a viver com os pais. Vivem desde que casaram com os pais de A., embora nos últimos anos essa vivência em comum tenha sido de forma diferente, com a compra de dois apartamentos contíguos e com ligação entre si, ainda antes da morte do pai de A..

A. tem dois irmãos mais novos (rapariga e rapaz) e é filha de um casal em que o pai era 14 anos mais velho do que a mãe, tendo falecido há já alguns anos.

F. tem um irmão 8 anos mais velho, com quem deixou praticamente de ter relação, e é filho de um casal muito tradicional, em que o homem tem clara prevalência nas decisões que envolvem a família.

2.2. Instrumento.

A Entrevista Clínica Generacional, está ainda em fase de adaptação para a população portuguesa (Gonçalves, Trigueiros, Peixoto, & Raguso, 2010a; 2010b; Raguso, Facchin, Molgora & Gonçalves, 2010; Raguso, Peixoto, Gonçalves, Trigueiros, 2010a; 2010b). Sendo esta uma das primeiras aplicações em Portugal, é outro motivo para a escolha do estudo de caso. Pode ser utilizada em contexto clínico e de investigação, estando vocacionada para o estudo dos intercâmbios generacionais, em diversas situações de vida do casal, para a avaliação clínica e para a intervenção psicológica. É um instrumento qualitativo, sob a forma de uma entrevista, articulado em três dimensões: origens de cada membro, formação do casal e desenvolvimento da relação de casal e a passagem e transmissão à geração seguinte. Na sua totalidade, a entrevista inclui elementos verbais e elementos gráfico-simbólicos¹¹⁰. Estes elementos estão integrados de forma a que os elementos do casal sejam capazes de reflectir e de verbalizar a sua própria experiência familiar e reflectir sobre o diálogo familiar. Da codificação da informação que a entrevista recolhe obtém-se três classificações em cada uma das três dimensões: Fecunda, Ambivalente e Falida (Cigoli & Tamanza, 2009b), que ainda não foram validadas para a população portuguesa.

Primeira dimensão: origens de cada membro (Cigoli & Tamanza, 2009b)

O casal de *Origens Fecundas* é caracterizado pela capacidade de cada um dos membros de não se fechar sobre a sua própria família e de reconhecer as famílias de origem como uma fonte de identificação benéfica.

¹¹⁰ Sob a forma de pinturas representativas de famílias, não tendo sido, no entanto, utilizadas no presente estudo.

O casal de *Origens Falidas* é caracterizado pela existência da combinação de indiferença e de abuso, seja material, psicológico ou sexual, com tentativas recorrentes de alienação de um dos pais ou de uma das famílias de origem. O casal experiencia sentimentos como angústia profunda, terror, desespero e desconfiança.

O casal de *Origens Ambivalentes* é caracterizado por falhas relevantes, como a ausência e o abandono de algum membro. Existem crises explosivas e outras silenciosas nas relações entre membros do casal e a sua família de origem, existindo também sentimentos de repúdio, hostilidade e confusão, ao mesmo tempo que existem identificações positivas. Pode existir no casal por um dos membros ser de *Origem Falida*.

Segunda dimensão: formação e desenvolvimento da relação de casal (Cigoli & Tamanza, 2009b)

O casal com *Relação Fecunda* caracteriza-se pela existência da capacidade de cada um dos membros em investir no laço que os une, reconhecendo no outro o que faz pelo próprio, independentemente dos seus defeitos. Passa pela expressão de áreas exclusivas do casal e de momentos mágicos (áreas e momentos construídos pelos dois e dotados de significado pelos dois membros) e pela capacidade de partilhar alegrias, dores, saúde e doença.

O casal com *Relação Falida* tem uma espécie de “anti-relação”, já que existe a tentativa sistemática de exploração das fraquezas do outro. Estes casais são ainda caracterizados por um ambiente de humilhação, de desprezo e de violência física e ainda pela existência de perturbações na sexualidade do casal.

O casal com *Relação Ambivalente* caracteriza-se por ter uma relação com um sentimento recorrente de perigo, seja do seu fim, acompanhado de sentimentos de isolamento e marginalização, seja da vivência de constrição e aprisionamento, existindo tentativas de libertação, conscientes ou não. Uma outra característica passa pela dificuldade do casal em desenvolver as áreas exclusivas do casal e as vivências conjuntas de alegrias e de dores.

Terceira dimensão: passagem e transmissão à geração seguinte (Cigoli & Tamanza, 2009b)

O casal que apresenta uma *Passagem Fecunda* é capaz de investir no presente-futuro, ligando-o ao passado familiar, ao mesmo tempo que consegue abordar os desafios presentes.

Este tipo de casal é ainda caracterizado pela forma como consegue lidar com dúvidas e medos e pela forma como sabe reconhecer a especificidade de cada filho.

O casal que apresenta uma *Passagem Falida* não consegue encontrar uma forma de fazer a passagem. Este tipo de casal acredita que cada um deve construir a sua própria vida e que em breve os laços deixarão de existir. Os filhos acabam por ou viver uma projecção sobre o si da incapacidade parental em lidar com os eventos da vida ou por verem os seus problemas ligados pelos pais à genética ou às características sociais.

O casal que apresenta uma *Passagem Ambivalente* é caracterizado pela intenção em passar valores, mesmo que sejam das suas famílias de origem, mas teme que não seja suficiente, culpando muitas vezes o exterior pela falta de sucesso e havendo sentimentos de angústia em relação ao futuro.

Os dados são analisados de forma combinatória segundo uma matriz tridimensional (Origens, Relação e Passagem), que varia em três pontos (Fecunda, Falida e Ambivalente), de onde se originam 27 combinações de perfis possíveis (Figura 2), sendo que cada um dos perfis tem uma sequência específica de valores nas três dimensões.

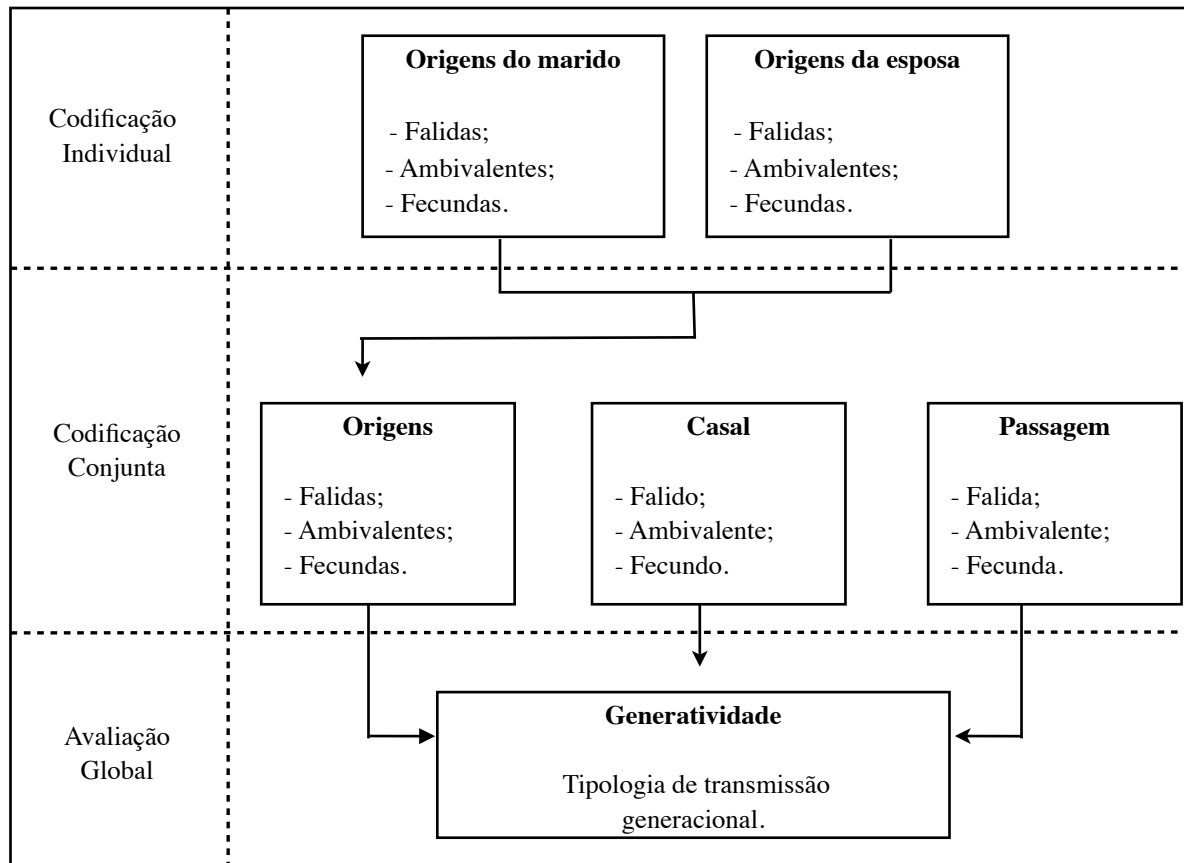


Figura 2: Processo de codificação da generatividade do casal. Cigoli & Tamanza (2009b), p. 95.

Cigoli e Tamanza (2009b) abordam três características que permitem agrupar as 27 combinações possíveis em perfis.

A *Composição* diz respeito à gama de valores encontrados nos três eixos do perfil, podendo ser totalmente *Homogéneo*, *Prevalecente* ou *Heterogéneo* conforme apresentem todos o mesmo valor, apenas dois apresentem o mesmo valor ou apresentem todos valores diferentes, respectivamente.

A *Direcção* refere-se à sequência lógico-temporal dos eixos e indica a presença e a direcção de transformações, podendo existir perfis sem transformação, com transformação ascendente, em que se passa de uma modalidade menos funcional para uma modalidade mais funcional, com transformação descendente (o contrário) e com transformações constantes (ascendentes e descendentes).

A *Intensidade da Transformação* é determinada pela distância entre os valores assumidos nos eixos, que pode variar entre a não variação, a variação mínima (passando, por exemplo, de Falido para Ambivalente), variação máxima (por exemplo, de Fecundo para Ambivalente) e variações múltiplas (uma variação mínima e uma variação máxima).

Cruzando os Eixos com a classificação que cada um pode ter e tendo em conta as características de Composição, Direcção e Intensidade da Transformação, temos as seguintes classificações: *Misero*, *Bloqueado* ou *Fértil*, quando pelo menos dois eixos tenham a mesma classificação (Falido, Ambivalente ou Fecundo, respectivamente); *Evolutivo* ou *Falido*, havendo progressão na direcção de modalidades mais funcionais ou deterioração dos processos construtivos na passagem generacional, respectivamente; *Caótico*, quando há Composição heterogénea, Direcção contrastante e Intensidade de Transformação múltipla; e *Inverosímil*¹¹¹, caso haja uma dupla passagem contrastante e de Intensidade da Transformação máxima.

¹¹¹ E.g., passagem de Fecundo do Eixo 1 para Falido no Eixo 2 e para Fecundo no Eixo 3. Este perfil é considerado pelos autores como pouco compatível com os pressupostos do instrumento.

2.3. Procedimento.

A entrevista foi feita ao longo de uma tarde, num local sossegado e não propenso a interrupções. Foi explicado o objectivo e dada a garantia que em qualquer caso a entrevista poderia ser suspensa e, eventualmente, não retomada. De forma a não perder informação e tendo sido dada autorização por parte do casal, procedeu-se à gravação audio da entrevista. Entre cada eixo foi feito um pequeno intervalo.

Estando o instrumento ainda em fase de adaptação à população portuguesa, optou-se por não utilizar os estímulos pictóricos incluídos no original, já que essa adaptação em particular ainda não foi iniciada. Contudo, é uma modalidade prevista pelos autores, que consideram uma “forma breve” da mesma entrevista.

3. Apresentação e Discussão dos Resultados.

De forma a melhor organizar e agilizar a apresentação e discussão dos resultados e tendo em conta que a entrevista é muito extensa, optou-se por fazer a discussão à medida que os resultados são apresentados, estando desta forma a apresentação e a discussão dos resultados na mesma secção.

A análise é feita tendo em conta a classificação da entrevista, segundo o procedimento descrito por Cigoli e Tamanza (2009c), através de uma análise de conteúdo, sem suporte informático. Os critérios utilizados pelos autores não foram ainda adaptados à população portuguesa. No entanto, sendo um estudo piloto e sendo uma contribuição para essa mesma adaptação, foram utilizados os critérios dos autores.

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicações aplicável a textos muito diversificados, de onde se procura a componente latente e do não aparente, trazendo-a à luz do dia (Bardin, 1977). Procuram-se, desta forma, ligações menos aparentes entre o conteúdo das afirmações ao longo da entrevista, sendo interpretadas no âmbito da perspectiva Relacional-Simbólica e do modelo subjacente ao instrumento e tentando encontrar uma linha condutora na história familiar e nos diversos acontecimentos narrados. Naturalmente que pela própria natureza do método, a análise decorre entre a objectividade e a subjectividade (Bardin, 1977).

O processo pode partir de um modelo teórico que determine desde logo categorias e subcategorias de análise ou, pelo contrário, o investigador pode partir para a análise (iniciando várias leituras) e daí retirar a necessidade de constituir tanto categorias como subcategorias (Bardin, 1977). Neste caso, partiu-se da divisão “natural” do instrumento, correspondendo as categorias aos eixos da entrevista (Origens - Eixo 1, Relação - Eixo 2 e Passagem - Eixo 3) e as subcategorias a cada pergunta que compõe cada eixo.

No final desta análise é feita uma análise dos dados tendo em conta o contexto do ciclo vital da família e, finalmente, é feita uma análise onde são abordadas as críticas feitas acerca da revisão de literatura sobre a QC. A codificação de cada categoria foi feita tendo em conta o eixo a que pertence e o número da pergunta, de forma a ser o mais intuitivo possível. No caso do primeiro eixo foi feita uma distinção entre as respostas dos dois elementos do casal. Por exemplo, a codificação 1_AP4 corresponde ao eixo 1, resposta de A. à pergunta 4¹¹². A Tabela 4 permite essa codificação, através do cruzamento do Eixo (Categoria) com cada Pergunta, dando origem à Subcategoria.

		Pergunta								
		1	2	3	4	5	6	7	8	9
E I X	1	1_P1	1_P2		1_P4	1_P5	1_P6	1_P7		
		1_AP1 1_FP1	1_AP2 1_FP2		1_AP4 1_FP4	1_AP5.1 1_FP5.1 1_AP5.2 1_FP5.2 1_AP5.3 1_FP5.3 1_AP5.4 1_FP5.4	1_AP6 1_FP6	1_AP7 1_FP7		
	2	2_P1	2_P2	2_P3	2_P4	2_P5	2_P6		2_P8 2_P8.1 2_P8.2	2_P9
3		3_P1	3_P2	3_P3	3_P4	3_P5	3_P6			

Tabela 4: Codificação das Subcategorias.

¹¹² Todas as subcategorias do Eixo 1 se desdobram em múltiplas subcategorias, tendo em conta que são feitas a cada membro do casal e que a pergunta 5 se subdivide em quatro subtemas diferentes, bem como a subcategoria 8 do Eixo 2.

A primeira categoria (Origens) tem como unidade de análise cada um dos cônjuges e está dividida em 6 subcategorias, por cada membro do casal. A subcategoria 1_P1 corresponde à capacidade representacional de cada elemento do casal (desdobrando-se em 1_AP1 e 1_FP1), que inclui elementos afectivos e cognitivos. Não inclui só a própria família mas ainda lugares, tradições, parentes, momentos históricos, relações sociais e gerações precedentes (Cigoli & Tamanza, 2009c). Tenta aceder à forma e qualidade da representação das origens dos membros do casal. Esta subcategoria permite evidenciar a presença ou ausência de ritualismo familiar, juntamente com a subcategoria 1_P2, específica do tema ritual (Cigoli & Tamanza, 2009b). A taxonomia varia entre a mentalização pobre de conteúdos e existência de afectos carentes e disfuncionais, e a mentalização rica de conteúdos e de sentimentos positivos ou ambivalentes, passando pela mentalização de conteúdos e sentimentos duvidosos, contraditórios ou idealizantes (Cigoli & Tamanza, 2009c).

No caso de A. verifica-se a existência dessa capacidade representacional. São abordadas situações da própria família¹¹³, tradições¹¹⁴, parentes e mesmo situações de conflito¹¹⁵, momentos históricos¹¹⁶, relações sociais¹¹⁷ e gerações precedentes¹¹⁸. A ritualidade da família é evidenciada em algumas situações mas mais fortemente na subcategoria seguinte. Segundo

¹¹³ “[...]o meu pai era médico em Cervães [...]”

“A mãe não trabalhava fora de casa e o pai trabalhava em casa, à parte dos domicílios [...]”

¹¹⁴ “Este Verão assaltaram a pensão Baltazar, deu na televisão[...]”[onde iam passar férias]

¹¹⁵ “[...]nessa altura [13/14 anos] começaram o meu irmão e a minha irmã a brincarem os dois, que eram os dois mais pequenos. Eu quando era miúda pegava muito com o meu irmão, com a minha irmã nunca podia[...] porque ela era muito mais nova e depois quando eram eles os dois a brincar, pegavam-se muito[...]”

“ [...]o meu tio achou, a partir do momento em que o meu pai desapareceu, que podia fazer o que quisesse que ninguém lhe ia à mão.”

¹¹⁶ “O desaparecimento do meu pai[...]”

“A minha irmã agora contactou a universidade do Porto, porque tinha um aparelho de raios-X, para ver se estavam interessados em pôr lá no museu, [...] e a médica que está lá à frente do museu da universidade do Porto pediu à minha irmã que gostariam de ter várias coisas ligadas ao médico de quem eram as coisas.”

¹¹⁷ “[...] os convites que [o pai] tinha dos doentes ou das pessoas da aldeia para casamentos, não falhávamos um.”

“[...] é uma das memórias que eu tenho, nós chegávamos atrasados a todo o lado que fôssemos, almoços, jantares, casamentos, baptizados[...]”

¹¹⁸ “[...]eram 9 filhos, 7 rapazes e 2 raparigas e notava-se um respeito dos filhos[...] não é o respeito por medo, não tem nada a ver com isso[...] um carinho, uma forma especial de os filhos lidarem com a mãe [avó materna], apareciam todos quando lá íamos, estavam lá muitas vezes em casa[...]”

“[...]O avô paterno] chegava a casa e perguntava, a vossa mãe já comeu? Uma preocupação que acho assim deliciosa.”

a classificação de Cigoli e Tamanza (2009c), corresponde a uma classificação “Fecundo”, já que A. é capaz de recordar uma série de memórias ricas tanto ao nível de conteúdo como ao nível de sentimentos, que corresponde à classificação taxonómica “Mentalização rica de conteúdos e de sentimentos positivos”.

No caso de F. não se nota a mesma capacidade, em relação à vivência familiar. As situações familiares abordadas, em termos de relações, são menos ricas e nota-se a existência de sentimentos contraditórios em relação ao irmão¹¹⁹ e ao pai¹²⁰. Os temas momentos históricos e tradições, previstos pelos autores, quase não emergem, sendo dada uma mera referência sem qualquer descrição dos Natais passados em casa dos avós maternos¹²¹ e as já referidas corridas de *karting*. Atente-se que, apesar de se estender mais em relação às corridas do pai, não é capaz de descrever os pequenos eventos constituintes e caracterizadores deste ritual. Os lugares elencados são do dia-a-dia¹²². Ao nível do parentesco, nota-se que a grande parte das situações descritas são relativas a conflito¹²³, as relações sociais são dadas como praticamente

¹¹⁹ “Tinha um irmão, tenho um irmão mais velho do que eu 6 anos, portanto, esta diferença de idades, está a ver, era complicada de gerir na altura.”

“[...]eu até deixei de sentir isso a partir dos meus 12/13 anos, aí eu já não senti isso, apesar de ele [irmão] estar com os 19 ou 18, não é, eu já não senti tanto. Mas antes tinha sentido, sentia que ele não me ligava.”

¹²⁰ “Lembro-me que o meu pai ia trabalhar, saía de casa muito cedo, eu às vezes passava praticamente uma semana que não o via[.]”

“[...]o meu pai teve um problema [que o impediu de continuar nas corridas de karting, algo de que falou com notório orgulho], aliás nessa altura a nossa vida, foi alteração muito profunda.”

“[...] [em relação às ausências do pai] era complicado, essa altura foi uma altura complicada e eu senti isso.”

¹²¹ “[...] as boas memórias que eu tenho era do Natal, que era sempre passado com os meus avós maternos e com a irmã da minha mãe[.]”

¹²² “Eu vivia na aldeia[.]”

“[...]quando fui estudar para o Porto, foi o meu grito de ipiranga, que o meu pai nunca me deixava sair de casa, nunca me deixava fazer nada”

“[...]se isto [depenar frangos] acabar antes das 5 horas, ainda consigo e tal, vestir-me, lavar-me, ainda ir a Braga um bocadinho[.]”

¹²³ “O meu pai estava habituado a pôr duas questões ao meu irmão e o meu irmão calava-se e já não ia e ponto final. Comigo não, comigo o meu pai tinha de dizer não vais porque não quero e ponto.”

“[...]estávamos em casa dos meus avós, que era junto à estação, com os meus tios e não sei quê e continuava a questionar e a dada altura e até vamos é já para casa! [risos]”

inexistentes, aparecendo ancoradas a situações de trabalho¹²⁴ e pelo que F. interpretava como completa intransigência do pai no que diz respeito às suas relações exteriores à família. As gerações precedentes são abordadas, mas muitas vezes com a componentes de conflito presente¹²⁵. Com Cigoli e Tamanza (2009c), podemos classificar como “Falido”, com classificação taxonómica “Mentalização pobre de conteúdos e existência de afectos carentes e disfuncionais”.

A subcategoria 1_P2, ao apelar à descrição de momentos importantes da vida familiar, permite estabelecer a diferença entre o quotidiano e o ritual, como algo a que se atribui significado e valor com o tempo. Será algo que se consegue distinguir do mero passar do tempo. A classificação taxonómica vai desde a ausência de ritualidade até à ritualidade activa e reconhecida (Cigoli & Tamanza, 2009c). Desdobra-se em 1_AP2 e 1_FP2.

Na família de A. a ritualidade é evidente na Páscoa, Natal e férias¹²⁶. Mas o próprio dia-a-dia é apresentado com algum grau de ritualidade¹²⁷. Segundo a classificação de Cigoli e Tamanza (2009c), é “Fecundo”, do tipo social-participativo, visível na forma como todos se reuniam aquando da sua chegada para estar uns com os outros. Taxonomicamente considera-se “Ritualidade activa e reconhecida”.

¹²⁴ “[...]as relações com as pessoas, nós somos comerciantes, nós somos industriais, nós somos trabalhadores, mas tratar as pessoas, fazer os negócios com honestidade, ser honesto[...]”

“[...] [avô paterno] era um industrial, naquela época, bastante forte, bastante conhecido, bastante respeitado em Braga e que tinha um património considerável[...]”

¹²⁵ “[...]a minha avó era uma senhora de samariz, uma família de fundo de vide [...] sabia tocar piano, costurar [...] mas [avô] raptou-a[...] levou-a para Tadim e ela nunca mais foi ver os pais [...] Ou seja, a minha avó era uma escrava. O meu avô a única coisa que fazia era quando o piano não funcionava, comprava outro piano [...] para ela tocar piano, mas gostava muito de a ver tocar piano e tal[...]”

“[...]a mulher do irmão do meu pai, pura e simplesmente deixou de ir a casa dos meus avós, mas ela dizia, eu nem àquela aldeia, eu nunca mais lá ponho os pés. E não[...] eu acho que ela pôs no funeral do marido[...] que nunca mais lá pôs os pés[...] só no funeral do marido.”

¹²⁶ “[...]a celebração da Páscoa era assim qualquer coisa diferente, porque nós saltaricávamos de casa em casa durante dois dias, porque havia o domingo e a segunda, porque é uma freguesia muito grande e dividia-se em duas partes[...]”, “[...]o Natal, que são boas memórias[...]”

“As férias fizemos aqui há muitos anos quando eu tinha, sei lá, 7 anos, na praia da Rocha em Portimão. [...] era ali que nós íamos passar férias, com uns tios da minha mãe do lado do meu avô.”

¹²⁷ “[...]o fim de dia em casa, que ainda hoje eu gosto muito, a hora do jantar e a seguir ao jantar, que o meu pai tinha uma vida muito complicada, a família toda vivia em Cervães, [...] e como o meu pai estava no consultório em casa, os meus tios, [...]outros eram só amigos, toda a gente ia lá [...]. Mas iam no fim do seu jantar, o que significava que ficavam na conversa à espera que o pai acabasse o consultório e depois íamos jantar e eles acompanhavam o jantar e tomavam café e lembro-me de eu, miúda, adormecer à mesa, com a cabeça deitada no colo da minha mãe ou do meu pai, porque nós também gostávamos de estar ali naquele ambiente de conversa[...]”

No caso da família de F., a ritualidade é pouco evidente (conforme referenciado anteriormente) e nem parece ser reconhecida como tal. A própria forma como interpreta o que é pedido na pergunta o denuncia, já que os acontecimentos que aborda são mais no sentido de boas e más recordações. Ainda assim, aborda as idas às corridas de *karting* em que o pai participava, embora não as avalie¹²⁸. Avalia como sendo uma má recordação as 6as feiras¹²⁹, mas que ainda assim não se trata de um ritual, mas de uma rotina. É, segundo Cigoli e Tamanza (2009c), tipologicamente classificada como “Falido”, já que se denota falta de rituais familiares e os eventos repetidos são mais eventos rotineiros do que eventos com elementos de ritual. Mesmo os eventos de *karting*, que aparentam ser eventos ritualizados, são abordados apenas como um acontecimento sem mais explicações ou elementos/pormenores caracterizadores da existência de rituais. Taxonomicamente corresponde a “Ausência de ritualidade”.

A subcategoria 1_P4 diz respeito à existência de regras não escritas que delimitam e enquadram a vida dos vários membros familiares e as suas relações com o mundo exterior, ou seja, a dimensão normativa (Cigoli & Tamanza, 2009b). A classificação vai desde a falta de regras ou da existência de regras repressivas até à sua presença construtiva, passando pela formalidade da regra (Cigoli & Tamanza, 2009c). Desdobra-se em 1_AP4 e 1_FP4.

Os dois relatos têm de ser vistos à luz do meio sócio-cultural de então, em que havia uma dominância por parte do pai muito forte no que diz respeito a normas de funcionamento familiar e à sua supremacia sobre mulher e filhos. Ainda assim, encontram-se diferenças grandes ao nível do funcionamento das duas famílias. No caso de A., como o normal da época, era o pai a determinar as normas¹³⁰, mas com o acordo da mãe¹³¹, havendo uma grande intransigência na forma como os filhos lidavam com as pessoas, já que sendo médico ocupava

¹²⁸ “[...]as vitórias, foram provas de perícia [karting]. A casa está cheia de taças do tempo dele, troféus no armário, no escritório. [...] eu desde que me lembro que me lembro do meu pai a andar em corridas, primeiro era as gincanas e as provas de perícia e depois, pronto, mais forte foi o karting, em que ele foi duas vezes campeão nacional[...]”

¹²⁹ “6ª feira era um dia negro, porque era o dia em que se tinha de[...] tinha que entregar os frangos, percebe? Portanto, tinha que se depenar os frangos todos, estamos a falar de centenas de frangos, não é? Eu parece que ainda hoje tenho o cheiro das penas dos frangos, porque para se depenar tinha que se escaldar[...]”

¹³⁰ “[...]era o pai que definia muito as regras.”

“A minha mãe não precisava propriamente de as definir, porque elas estavam definidas, quando o pai dizia alguma coisa, estava dito.”

¹³¹ “Na relação com os outros, eu acho que nesse aspecto, o meu pai e a minha mãe, os dois, afinaram muito bem[...]”

lugar de destaque na aldeia¹³². Apesar disso, o pai era visto como alguém que permitia a discussão de algumas das regras¹³³. Segundo a mesma classificação (Cigoli & Tamanza, 2009c), considera-se “Fecundo”, pela existência de regras participativas e construtivas, como atesta o relato de A., de taxonomia “Presença construtiva de regras”.

No caso de F., também como era o costume da época, era o pai quem ditava as regras, mas de uma forma muito mais fortemente centralizada¹³⁴, sendo que F. questionava muito as razões das recusas sucessivas do pai aos seus pedidos, ao contrário do irmão que aceitava sem questionar¹³⁵. Os valores transmitidos tinham a ver com trabalho e honestidade¹³⁶. O ensino de maneiras e estudos estava mais ligado à mãe¹³⁷. Segundo a classificação prevista pelos autores (Cigoli & Tamanza, 2009c), podemos considerar “Falido”, correspondendo à existência de regras opressivas e muito rígidas, no caso, vindas do pai de F. e a classificação taxonómica é “Existência de regras repressivas”.

A subcategoria 1_P5 permite caracterizar as relações com as origens (mãe, pai e irmãos) ao nível do sentimento que foi experienciado (Cigoli & Tamanza, 2009b, 2009c). A classificação está prevista entre o carente/instrumental e o construtivo/expansivo, passando

¹³² “[na aldeia] Todos se tratavam pelo nome, nós achámos, mas o pai dizia, nã nã, é o senhor fulano é o senhor sicrano, mas na aldeia como não era muito costume os senhores, nós tratamos toda a gente por tio[...]”

¹³³ “[...]quando havia direito a discussão, pois trocavam-se as impressões, em determinadas coisas era intransigente, dizia não e estava arrumado[...]”

¹³⁴ “[...]havia uma ditadura, uma ditadura do meu pai, o que o meu pai queria era o que se fazia e pronto.”
“Nem havia grande discussão, claro que eu entrava muitas vezes em conflito com o meu pai, apanhava uns tabe-fes[...]”

“[...]eu nem queria saber da opinião da minha mãe, porque eu já sabia que se o meu pai dissesse que sim, a minha mãe de certeza que não dizia que não. Portanto[...] a minha mãe dizer que sim valia o que valia, portanto para mim era-me indiferente a opinião da minha mãe[...]”

¹³⁵ “[acerca de o pai negar actividades que queria fazer e exemplifica como o questionava] Tem que haver uma razão para eu não poder ir a Braga[...] mas como vê eu não vou porque o pai não me deixa, ponto! [...] Claro que ele ficava tão danado comigo, [...] porque estava habituado a pôr um entrave, a pôr um mas e o meu irmão calava-se e não ia.”

“Nem havia grande discussão, claro que eu entrava muitas vezes em conflito com o meu pai, apanhava uns tabe-fes[...]”

¹³⁶ “[...]havia dois valores que o meu pai sempre nos transmitiu: seriedade, honestidade e trabalho. Sem sombra de dúvida.”

¹³⁷ “Em termos de educação, em termos de maneiras, etc., aí era nitidamente a minha mãe, é que nos educava e que andava em cima de nós em termos dos estudos e tudo isso era só a minha mãe, exclusivamente a minha mãe.”

“O meu pai limitava-se no fim do ano a perguntar passaste, pronto, passaste, não fizeste mais que a tua obrigação[...]”

pelo duvidoso e contraditório (Cigoli & Tamanza, 2009c). Desdobra-se em 1_AP5.1, 1_FP5.1, 1_AP5.2, 1_FP5.2, 1_AP5.3 e 1_FP5.3.

Em relação à mãe, nota-se uma relação mais distante do que era com o pai, que pode ser explicada pelo medo inicial em relação à filha e consequências naturais desse medo¹³⁸ e apoiada pela relação mais aproximada dos outros irmãos (embora não seja dito de forma directa, é uma consequência do que é dito) e o que aborda tem uma crítica em relação à forma de ser da mãe com os outros¹³⁹. A mãe não surge referenciada directamente como afectuosa, mas há indicações indirectas, embora sempre em relação a outros elementos, como a avó (nos cuidados que tinha) e as netas¹⁴⁰. A classificação prevista pelos autores (Cigoli & Tamanza, 2009c) é “Ambivalente”, correspondente a uma classificação taxonómica “Duvidoso”, por via da relação marcadamente distante, desde o início, ao mesmo tempo que, de forma indirecta, se vêem dinâmicas de afecto, embora não reconhecidos perante si própria.

A. fala muito do pai, aliás algo muito patente ao longo de toda a entrevista e define a sua relação como diferente da dos irmãos com o pai e muito próxima¹⁴¹. A predominância do pai em detrimento da mãe é bem visível quando A. relata a vantagem de ter um médico a viver debaixo do mesmo tecto¹⁴². Note-se que a afirmação indica que levava o bebé à cama do pai e não à cama dos pais. Ao longo da entrevista são diversos os momentos em que A. fala do seu pai, seja dos diversos episódios que vai narrando, seja do respeito e admiração que ela e

¹³⁸ “Eu sou a segunda filha, ainda que a primeira tenha falecido com 48 horas com um problema cardíaco, a minha mãe achava que nunca mais ia poder ter filhos [...], quando eu nasci, alimentava-me muito mal e a mãe achava que eu ia morrer, não me dava banho sozinha, esperava que o pai chegasse para me dar banho [...].”

¹³⁹ “[...]se eu fosse pessoa de passar para a mãe toda a carga de trabalhos a mãe deixava-me.”, “[...]a mãezinha parece aqueles meninos que ajudaram uma velhinha a atravessar a rua porque ela não queria atravessar a rua [...].”

“Eu dizia à mãe que fazia o que a “mamã”[avó materna] precisa e eu também fazia o que a “mamã” precisasse. Agora, deixar de existir, mesmo que a “mamã” não precisasse, que a minha mãe até tinha aqui pessoal, acho que não faz sentido. [...] eu acho que a minha mãe é assim, ajuda a fazer pelos outros porque precisa, eu não acho que isso esteja bem. A gente faz o que os outros precisam, porque eles precisam, não porque eu preciso para satisfação pessoal.”

¹⁴⁰ “[...]quando eu vim para o liceu, a minha mãe pensava em eu vir sozinha e então viemos viver para Braga[...].”

“[...]a minha mãe disse, dá-me o quebra-nozes... e eu naturalmente dei-lhe o quebra-nozes... e a minha mãe foi buscar uma noz, eu vou-te partir a noz [falando para a neta][...]”

¹⁴¹ “[...]não sei se era porque era a filha mais velha, não sei se por eu ter um feitio que se adequava à maneira de ser do pai, acompanhava muito o pai, ia muitas vezes eu sozinha com o pai ia ver doentes e eu ia com o pai, o pai vinha a Braga tomar café e eu vinha com o pai, tínhamos uma relação realmente muito diferente da dos meus irmãos.”

¹⁴² “... [...]quando elas eram pequenas, eu não tinha problema, quando uma se queixava de alguma coisa, nem que fosse de noite, eu levava o bebé à cama do meu pai [...].”

outras pessoas tinham por ele. Esses episódios têm como base a proximidade e cumplicidade que tinha com o seu pai, ainda que pareça ter contribuído para algum afastamento da sua mãe. Segundo Cigoli e Tamanza (2009c), corresponde à classificação “Fecundo” e à classificação taxonómica “Construtivo” e “Expansivo”.

Os irmãos surgem no discurso na posição de irmãos mais novos¹⁴³, mas não mais do que isso. As recordações são genéricas e não existem episódios específicos, mas apesar disso, descreve os parâmetros de uma boa relação, que incluía brincadeiras (embora, inicialmente, com a exclusão da irmã mais nova) e “protecção” em relação aos pais, nos pedidos que lhes iam fazendo. Por isso, considera-se a classificação “Fecundo” e a classificação taxonómica “Construtivo” e “Expansivo”.

O discurso de F. aparece muito marcado pelo sentimento de abandono do irmão, que acabou por marcar a relação posteriormente¹⁴⁴ e pelos sentimentos contraditórios na relação com o pai, algo de que tem consciência¹⁴⁵. Em relação aos dois, considera-se a tipologia da relação, segundo Cigoli e Tamanza (2009c), como “Falido” e a classificação taxonómica como “Carencial”.

A relação com a mãe acaba por ser descrita de uma forma muito genérica e mais uma vez marcada pela presença do pai¹⁴⁶, embora exista também o episódio em que a mãe marca a sua presença a partir do quarto em noites em que F. não conseguia dormir. Considera-se a tipologia da relação, segundo Cigoli e Tamanza (2009c), como sendo “Ambivalente” e a classificação taxonómica como sendo “Contraditório”. Esta classificação vem muito da forma como o pai dominava as relações em casa, sendo visível que apesar de F. dizer que gostava muito da mãe, esta está sempre relegada para segundo plano, seja na própria narrativa, seja na forma como F. assume que, por exemplo, quando era altura de pedir alguma coisa, não lhe interessava o que a mãe dizia, porque o que valia era o que o pai dizia.

¹⁴³ “Eu era a mais velha, a minha irmã era assim, não lhe chegava eu estar ao lado, tinha de ir dormir com ela.”,
“[...]a minha irmã era muito mais pequena e não entrava nas nossas brincadeiras[...]”

¹⁴⁴ “[...]eu senti-me sempre um bocadinho abandonado pelo meu irmão, mas eu hoje percebo, quer dizer, eu com 6 anos, ele com 12, os nossos interesses eram completamente diversos[...]”

“Com o meu irmão era uma relação complicada e com o tempo as coisas agravaram[...] já de há uns anos a esta parte é uma relação praticamente inexistente.”

¹⁴⁵ “[...]eu gostava do meu pai, mas, mas realmente, [...] [...] Eu não sei se lhe tinha mais medo do que respeito, não percebo.”

¹⁴⁶ “Da minha mãe eu gostava muito, eu achava que a minha mãe era muito maltratada pelo meu pai.”

A subcategoria 1_P6 foca a atenção do casal nos casais da geração que os precede, o que permite compreender a transferência e a aprendizagem que leva à interiorização ou à recusa das vivências conjugais dos seus pais. A classificação vai desde a desvalorização até à valorização, passando pelas formas consideradas críticas da idealização, da imitação e da contradependência (Cigoli & Tamanza, 2009c). Desdobra-se em 1_AP6 e 1_AF6.

A. relata o que parece ser uma clara identificação com o modelo conjugal parental e a sua consequente interiorização¹⁴⁷. À medida que esta dimensão vai sendo explorada, evidencia-se uma forma de imitação um pouco mais complexa, já que envolve a adopção do modelo e o decalque do mesmo modelo por parte do cônjuge, que implica o abandono completo do modelo conjugal dos seus pais. O facto de desde sempre terem vivido com os pais de A. indicia uma tentativa da maior aproximação possível desses modelos, caso inédito na própria família, já que nenhum dos irmãos de A. optou pelo mesmo. Ainda em relação aos pais de A., nota-se também a ausência de relato de sentimentos entre si. Considerando que A. e F. parecem estar a replicar esse modelo familiar, pode ajudar a explicar porque é que as respostas indiciam muitas vezes falta de reflexão e de aprofundamento. Considera-se, assim, que tipologicamente se classifica como sendo “Ambivalente”, correspondendo à classificação taxonómica “Idealização”, “Imitação” e “Contradependência” (Cigoli & Tamanza, 2009c).

F. tem um discurso que à primeira vista parece ser uma fuga à pergunta, mas cuja interpretação no todo permite compreender o reconhecimento do abandono do modelo conjugal parental para abraçar o modelo conjugal dos seus sogros¹⁴⁸, algo também verificado no âmbito de outras subcategorias, no que diz respeito à forma como a mãe se submetia ao seu pai, modelo já vivido pelos seus avós paternos. Acaba por ser A. a demonstrar a adopção do “seu”

¹⁴⁷ “[...]é a forma de a minha mãe e do meu pai viverem, eu acho que foi sempre a minha, em definitivo, porque achei que sempre funcionou muito bem.”

“[...]vivemos muito novos com os meus pais e aprendemos muito da forma de viver dos meus pais.”

“[...]há uma regra que eu acho que é de ouro, que é a fidelidade[...].”

“[...]como diz a minha mãe, eu acho que ela fala muitas vezes com as miúdas sobre isso, tem de haver muito amor, se as pessoas não gostam uma da outra[...].”

¹⁴⁸ “[...]que eu tenho verificado é que há muitos casais ao longo do tempo que têm muitos problemas porque um deles recusa-se terminantemente a alterar procedimentos, a tentar adaptar-se ao outro, ou seja, não quer pura e simplesmente fazer nada nem mudar nada[...].”

“[...]eu com os exemplos que tive, eu acho que não deveria ter a vida que estou a ter[...].”

modelo conjugal em diálogo com F.¹⁴⁹. Considera-se, então, a classificação “Falido”, correspondendo à classificação taxonómica “Desvalorização” (Cigoli & Tamanza, 2009c).

A subcategoria 1_P7 tem também como cerne a transferência generacional, neste caso entre os pais e as respectivas famílias de origem. A classificação varia entre a falta de recordações ou de recordações dolorosas até recordações construtivas, passando pelo duvidoso e contraditório (Cigoli & Tamanza, 2009c). Desdobra-se em 1_AP7 e 1_AF7.

Falando primeiro de F., nota-se que há uma admiração pela relação dos seus avós maternos¹⁵⁰, embora entre avós e pais haja também algum conflito¹⁵¹. Vê-se ainda a transmissão dos valores de trabalho por parte do avô paterno ao seu pai¹⁵². Verifica-se, portanto, a existência tanto de dinâmicas positivas como de dinâmicas negativas, pelo que se considera como sendo “Ambivalente”, a um nível tipológico, correspondente a “Contraditório” na classificação taxonómica (Cigoli & Tamanza, 2009c).

Em relação a A., nota-se que a relação era boa entre os vários elementos das famílias e que houve transmissão de regras¹⁵³. O facto de o pai ser apenas 10 anos mais novo do que a sua avó parece ter contribuído decisivamente para isso. Considera-se a classificação “Fecundo”, correspondendo à classificação taxonómica “Construtivo” e “Expansivo dos laços” (Cigoli & Tamanza, 2009c).

A Classificação Tipológica da Eixo 1 encontra-se resumida na Tabela 5.

¹⁴⁹ “F. - [...] [acerca da relação de serviço da avó em relação ao avô] e o meu pai viveu isto, quer dizer, nasceu a viver nisto, eu também nasci a viver nisso, a mim se calhar foi uma reacção...”

A. - Sim, casaste novo e vieste para aqui para casa, tinhas um ambiente completamente diferente.”

¹⁵⁰ “A. - [...] a relação dos teus avós [maternos] não tem nada a ver com a relação dos teus pais.

F. - Nada, nada.”

“O meu pai tinha uma admiração e um respeito, que eu digo, acima, muito acima da média pelos pais da minha mãe, quer pelo meu avô quer pela minha avó. Tinha uma adoração mas muito grande.”

¹⁵¹ “A minha mãe, coitada, gostava da minha avó, do meu avô não.”

¹⁵² “[...][negócio sério] isso já foi também transmitido do meu avô [...].”

¹⁵³ “[...]funcionava bastante bem a relação entre todos.”

“[...] [em relação às regras de ouro] eram coisas que a minha mãe também trazia da sua família[...].”

Subcategoria	Tipologia
1_AP1	Fecundo
1_FP1	Falido
1_AP2	Fecundo
1_FP2	Falido
1_AP4	Fecundo
1_FP4	Falido
1_AP5.1	Ambivalente
1_FP5.1	Ambivalente
1_AP5.2	Fecundo
1_FP5.2	Falido
1_AP5.3	Fecundo
1_FP5.3	Falido
1_AP5.4	Fecundo
1_FP5.4	Falido
1_AP6	Ambivalente
1_FP6	Falido
1_AP7	Fecundo
1_FP7	Ambivalente

Tabela 5: Classificação Tipológica de cada Subcategoria do Eixo 1.

No Eixo 1, o casal é classificado como sendo de “Origens Ambivalentes” (Cigoli & Tamanza, 2009c). No caso há indícios da existência de uma crise silenciosa entre o casal e a família de F. (que, aliás, apresenta origem Falida), no presente, mas que já foi anteriormente explosiva. Ao mesmo tempo que são relatados diversos defeitos dos sogros, da sua relação e da forma como toda a situação criou confusão e hostilidade, que gerou recusa por parte do casal, há também identificações positivas, nomeadamente no que diz respeito a alguns valores.

A segunda categoria (o casal) tem como unidade de análise o casal e está dividida em 8 subcategorias. A subcategoria 2_P1 permite aceder à forma como a história de casal se iniciou, que pode ser por necessidade (que por si não será Falida porque a necessidade pode desenvolver-se de diversas formas), por acaso (que pelo seu carácter demonstra que a procura do

outro não estará presente na consciência) ou algo cultivado ao longo do tempo (Cigoli & Tamanza, 2009c).

O encontro é descrito como uma mera coincidência¹⁵⁴. O casal não se alongou na descrição do encontro, explicando apenas as circunstâncias em que se conheceram e sem descreverem os sentimentos que pudessem estar envolvidos. Aliás, ao longo deste eixo o casal tem tendência para não desenvolver muito as suas respostas, dando por várias vezes respostas muito curtas em perguntas abertas. A classificação taxonómica é evidente, sendo “Por acaso” (a existência de um encontro fortuito em que não se imaginava que teria sido encontrada a pessoa certa; o facto de não se alongarem e de não descreverem qualquer tipo de sentimento concorre para a ideia de um encontro não reconhecido como tal) e classificação é “Ambivalente” (Cigoli & Tamanza, 2009c).

A subcategoria 2_P2 leva à descoberta da capacidade do casal de distinguir o encontro da formação do laço entre os dois, que corresponde à taxonomia: entre a não distinção e a busca de uma identidade de casal, passando pela existência de uma identidade de casal carente (Cigoli & Tamanza, 2009c).

Assim como foi reconhecido o encontro como uma mera casualidade, também aqui o casal não consegue fazer a distinção entre o encontro e a formação do laço¹⁵⁵. O cenário de alguma pobreza na descrição de processos e de sentimentos associados às vivências de casal mantém-se ao longo deste eixo e esta subcategoria não é excepção. Inicialmente, o discurso parece fugir à questão colocada e há características da própria relação que são colocadas de forma genérica, mas a interpretação do que é dito permite considerar que de facto o casal não consegue aprofundar os temas que são apresentados, mas que ao mesmo tempo consegue. na

¹⁵⁴ “F. - Eu costumo dizer que há circunstâncias na vida, há acasos na vida que conduzem a determinadas situações e eu acho que o nosso foi um desses. É assim: nitidamente por acaso.”

¹⁵⁵ “A. - Isso é uma coisa tão difícil[...].”

“F. - [...]é algo que eu acho e continuo a achar que tem a ver com química.”

“F. - [...] é o timbre da voz... eu acho que é tudo isso...”

“F. - [...]Jeu continuo a achar que é impossível que alguém se dê muito bem para uma vida quando alguém gosta muito de música e o outro alguém não gosta ou a música é-lhe indiferente.”

“A. - [...]se não há afinidade nenhuma, é impossível fazer-se uma vida em comum, não é? É evidente que nós podemos adequar um bocadinho, não é? F. - E adequamo-nos com certeza.”

“F. - [...]às vezes a pessoa diz assim, porque é que eu gosto daquela pessoa que é feia, horrorosa e não sei quê e não sei quantos, muitas vezes eu continuo a achar que é a química que está a funcionar...”

generalidade, compreender que os modelos de F. foram deixados de lado e que os modelos de A. foram adoptados. A forma como falam da necessidade que todos os casais têm de adequação um ao outro indicia isso mesmo e o facto de ser F. quem fala mais dessa adequação dá mais força a essa interpretação. A classificação é “Ambivalente” e a classificação taxonómica é “Identidade de casal carente”, existindo um sentido de “nós” limitado e indefinido (Cigoli & Tamanza, 2009c).

A subcategoria 2_P3 tem um alto nível metafórico e é relativa ao reconhecimento das expectativas e necessidades, ligados, respectivamente, ao laço e ao encontro. Varia entre a falta de reconhecimento das necessidades e expectativas do outro e o seu reconhecimento, passando pelo reconhecimento parcial (Cigoli & Tamanza, 2009c).

O casal aqui não é capaz de se projectar no outro nem de explicar as suas próprias expectativas e necessidades nem as do seu cônjuge, em nenhuma das situações¹⁵⁶ e a resposta torna-se extremamente curta. A falta de compreensão da pergunta leva à recusa de a tentar interpretar, acabando por reconhecer a dificuldade em responder. As respostas muito generalistas e até um pouco estereotipadas indicam o que os autores consideram ser uma “Idealização genérica” e “Complementaridade banal”, correspondente à classificação taxonómica “Falta de reconhecimento de necessidades e expectativas às quais o outro responde” e à classificação “Falido” (Cigoli & Tamanza, 2009c).

A subcategoria 2_P4 reporta-se à relação entre expectativa e a sua satisfação, que pode variar entre a desilusão, conseguida parcialmente e positiva (Cigoli & Tamanza, 2009c).

No caso deste casal, ganha um contorno muito próprio, porque apesar de os cônjuges não conseguirem apontar as expectativas de um e de outro, afirmam-se satisfeitos com o cumprimento das expectativas¹⁵⁷. Aparece, como grande parte das respostas neste eixo, liga-

¹⁵⁶ “A. - [...]afinidades que as pessoas têm, na maneira de lidar com o outro, na maneira de tratar o outro[...].”

“A. - [...]na perspectiva do futuro de vida[...] eu acho que é isso tudo. As coisas comuns que nos aproximam.”

“F. - Mas sinceramente, estas perguntas já são mais difíceis, eu estou a ter alguma dificuldade em conseguir responder...”

¹⁵⁷ “F. - [...]senão penso que era impossível a gente coexistir, não é? Passar a vida ao lado um do outro. É, eu acho que era impossível.”

do à ideia genérica de adaptação de um ao outro¹⁵⁸. Havendo a já discutida adaptação de F. aos padrões familiares de A. compreende-se a satisfação das expectativas. Poder-se-ia levantar a questão da compreensão da carga metafórica da questão, mas a forma como em diálogo “brincam” um pouco com a situação das “promessas” que fizeram um ao outro de como seriam, fisicamente, indicia que o problema não foi a falta de compreensão¹⁵⁹. F. acaba por verbalizar aquilo que considera que seria uma impossibilidade em relação às expectativas futuras do início da relação, mas apenas centrado na aparência física¹⁶⁰. Mais para o final da resposta, vislumbram-se duas expectativas narradas na generalidade e não aplicadas à sua relação¹⁶¹. Curiosamente, F. afirma não terem expectativas materiais, algo que não se verifica ao longo da entrevista, na medida em que apesar de não se considerarem em risco económico, consideram sempre que poderiam e deveriam estar numa outra situação¹⁶². Pela falta de expectativas que o casal apresenta e pelo não reconhecimento do encontro, considera-se que a tipologia é “Falido”, correspondente à taxonomina “Busca decepcionante”, em que falta precisamente o encontro (Cigoli & Tamanza, 2009c).

A subcategoria 2_P5 confronta o casal com o que encontrou de novo e inesperado, abordando a diferença do outro enquanto outro. A novidade do inesperado pode levar ao ataque do laço que o casal construiu, pode colocá-lo em perigo ou pode levar a que o laço vivifique e se renove (Cigoli & Tamanza, 2009c).

¹⁵⁸ “F. - E nós aprendemos muito facilmente a respeitar esses momentos [identificados como momentos a sós, necessários para ambos] um do outro[...].”

¹⁵⁹ “F. - Eu para já cumpri duas coisas que a A. não... é que eu não ficasse barrigudo e não ficasse careca.”

“F. - A A. também cumpriu, que não ficou gorda...”

“F. - Não, mas há uma que tu não cumpriste, e eu nem por isso... o fumares.

A. - Pois, o não fumar... e o F. fumava e deixou de fumar. [risos]”

¹⁶⁰ “F. - Eu acho que era impossível para mim estar casado com uma mulher gorda, sinceramente. Vai dizer assim, epá, é algo muito física, muito superficial... é. Mas eu acho que era uma impossibilidade... sinceramente...”

¹⁶¹ “A. - [...]tem que existir a capacidade de as pessoas se adequarem à vida...”

“A. - [...]o casamento é uma sociedade que tem de ser mesmo 50% cada um, às vezes sobe um bocadinho aos 60, o outro desce aos 40 e depois na seguinte é ao contrário e vamos adequando.”

¹⁶² “F. - [...]as nossas expectativas não têm a ver com dinheiros nem coisas materiais[...].”

O casal considera que ao longo da sua relação essas surpresas praticamente não existiram e não identificaram nenhuma situação¹⁶³, ou seja, não apresenta qualquer evolução consciente da sua relação. A classificação é “Falido” e a classificação taxonómica é “Sentimento de estagnação” (Cigoli & Tamanza, 2009c).

A subcategoria 2_P6 aborda a(s) fase(s) difícil(eis) da relação. Aqui são abordados esses momentos e a forma como foram enfrentados, que é uma mescla entre o empenho no laço existente e sentimentos de desconfiança, impotência, angústia pela perda ou de transformação construtiva. Varia entre a impossibilidade de enfrentar a crise, entre a existência de dificuldades relevantes que comportam risco para o laço mas onde há tentativa de resolução e fazendo face às dificuldades conseguindo vislumbrar aspectos novos no laço (Cigoli & Tamanza, 2009c).

O casal aponta duas grandes dificuldades, embora uma apareça muito disfarçada pela força da outra, até porque acabou por ser causa indirecta da segunda. A primeira dificuldade foi a colocação dos dois em pontos diferentes e muito distantes¹⁶⁴. Esta última observação de F., embora feita com alguma leveza, parece indiciar perigo para o laço. Na tentativa de resolução das localizações distantes um do outro, surgiu uma proposta para que F. fosse trabalhar para a fábrica do pai, em grandes dificuldades, com um primo, o que coincidiu com a maior dificuldade da vida em casal¹⁶⁵. Aqui as opiniões dividem-se¹⁶⁶. A. considera que o problema foi a fábrica com todo o contexto a que os ancorou, que passou por interferências importantes

¹⁶³ “A. - [...] não quer dizer que nos conhecêssemos totalmente, porque há muitas coisas, muitas situações novas que surgem[...].”

“A. - [...] globalmente acho que nos conhecíamos bastante bem para não termos muitas surpresas[...].”

¹⁶⁴ “F. - [...] 6/7 meses, 8 meses, depois houve outra vez os concursos e a A. foi colocada em Loulé e eu em Ponte de Lima.”

“F. - [...] nós tínhamos acabado de casar, um em Ponte de Lima outro em Loulé, isto é o convite à separação[...].”

¹⁶⁵ “A. - Foi a fase pior da minha vida, foi a pior decisão da nossa vida, porque se o F. não tem ido para a fábrica, é o que eu acho[...].”

¹⁶⁶ “F. - Os primeiros 4 anos de casados foram 4 anos...

A. - ...de férias.

F. - ... de férias. Os primeiros problemas entre nós aparecem quando nasce a primeira filha.

A. - Por acaso acho que não foi pela primeira filha, foi por causa da fábrica.

F. - É, foi tudo junto, foi tudo junto.”

dos sogros na vida familiar¹⁶⁷, com o facto de A. não aceitar essas interferências¹⁶⁸ e por considerar que caso F. não tivesse ido para a fábrica, estariam em melhores condições, já que recusou um trabalho num banco que teria sido financeiramente mais vantajoso¹⁶⁹. Embora não dissocie essa pior fase da estadia na fábrica, F. considera que houve um leque mais alargado de factores, que incluem o nascimento da primeira filha e todas as obrigações novas a que não estavam habituados¹⁷⁰. Há acordo quanto à interferência do seu pai (note-se que A. aponta como culpados os sogros, mas F. apenas aponta o pai, na linha do que já foi referido acerca da sua relação com os seus pais)¹⁷¹, não só na vida familiar como num ritual que A. vivia com a sua família e que se estendeu à nova família, por via da convivência diária conjunta¹⁷². Ainda assim, F. considera que não será tão “automático” que estariam melhores caso não tivesse ido

¹⁶⁷ “A. - O problema era a interferência do meu sogro e da minha sogra na nossa vida familiar. Não pode ser, não é, são espaços diferentes. [...] Aliás, desapareceu a fábrica e desapareceu as complicações[.]”

“A. - [...]isso criou problemas porque o meu sogro entendia que não interessava se a menina tinha de tomar banho ou de tomar o biberão, etc., porque ele naquele momento queria que o F. fizesse isto e eu tinha de ir por arasto e eu acho que nós quando somos um casal, somos um casal e os filhos.”

¹⁶⁸ “A. - [...]quem comandava as tropas na fábrica era o meu sogro que, como pode calcular, tem uma visão completamente diferente daquilo que eu acho que deve ser uma família. Como tal, o meu sogro queria comandar a fábrica, o F. e a mim. Mas [...] eu não sou muito mandada e isso interferiu na nossa vida, pronto, não tinha nada a ver com a vida familiar a que eu estava habituada a ter com o meu pai e com a minha mãe, que era o que eu achava bem.”

“A. - [...]questionava, era quando os meus sogros queriam interferir na nossa forma de fazer as coisas e dentro de casa, quer dizer, eles queriam projectar a vida deles na nossa e isso é que não, não tinha nada a ver com aquilo que eu acho que era a vida familiar.”

“A. [...] até em férias e fins de semana... era complicado.”

¹⁶⁹ “A. - Se o F. não tem ido para a fábrica tinha ido para o banco[...] e o F. está agora numa situação que durante estes anos todos seria muito boa. E ainda hoje estamos a pagar isso.”

“A. - [...] a fábrica era do avô do F., o meu sogro como não queria que a fábrica desaparecesse insistiu para o F. ir para lá, dado que ele estava em Vila Flor. E entretanto o F. tinha um lugar num banco que o meu avô tinha arranjado e o F. acabou por desistir. São erros que se cometem, a gente não adivinha o futuro [...]”

¹⁷⁰ “F. - A A. tende a resumir exclusivamente o problema à fábrica e eu tenho a ideia que foi a junção das duas coisas, foi a vida da fábrica e o nascimento da primeira filha. É que mesmo eu na altura, quando tinha algum tempo livre não podia fazer o que queria porque também tinha a menina[.]”

“F. - [...]estarmos casados 4 anos sem filhos, sem preocupações, na altura até ganhávamos bem, em que hoje é normal, mas na altura não era normal, estávamos em casa, jantávamos em casa, e a certa altura dizia, olha apetece-me ir tirar café à Póvoa e ir às máquinas jogar, e meia-noite, ora vamos num instantinho tomar café à Póvoa e íamos[.]”

¹⁷¹ “F. - Que não foi uma boa fase para mim, não. [...] a pressão dos meus pais, do meu pai, o fazer as coisas à maneira dele, ou seja, não havia tempo para mais nada a não ser para aquilo[.]”

¹⁷² “F. - [...]gostava muito de conversar, de conviver com as pessoas, sempre gostei e lá em casa, em casa dos meus sogros, o meu sogro vinha de jantar às 11 horas, meia-noite, não é, portanto a casa fervilhava a essa hora [...] eu chegava não tinha sono, ouvia o barulho na casa [...] e depois quando conseguia dormir já era muito tarde, depois no dia seguinte muitas vezes adormecia [...] e aquilo era um stress[.]”

para a fábrica e que, apesar de tudo, lhe permitiu aprender¹⁷³. Uma estratégia adotada na altura, por via das condições familiares em que viviam, passou por momentos marcados a dois¹⁷⁴. A forma como o casal foi capaz de identificar as dinâmicas indesejadas provocadas pela ida de F. para a fábrica, ao mesmo tempo que não é dada indicação de que tenham visto toda a situação como potencialmente perigosa para o laço (embora tenha sempre de ser feita a ressalva da incapacidade de reconhecimento do laço, que naturalmente não permite que o casal tenha consciência de perigos ou de momentos mais favoráveis) e onde F. é capaz de reconhecer que toda a situação o obrigou a crescer como pessoa (embora num sentido individual, apenas, não como casal, pelos motivos já explanados). Assim, ainda que com algumas reservas no que diz respeito à transformação do laço, considera-se como sendo de tipologia “Fecundo”, cuja taxonomia prevê o “Enfrentamento de dificuldades vendo aspectos novos no laço” (Cigoli & Tamanza, 2009c).

A subcategoria 2_P8 aborda o estabelecimento da relação entre os elementos do casal e as famílias de origem do cônjuge, nomeadamente no que diz respeito à proximidade-distância entre as gerações. O comentário do cônjuge que é pedido evidencia sentimentos de refutação, de distanciamento e de diferenças cruciais em relação às origens ou de acolhimento e de diferença que possa ser gerida (Cigoli & Tamanza, 2009c). Desdobra-se em 2_P8.1 e 2_P8.2.

Muita desta informação acaba por ser aventada ao longo das subcategorias anteriores. A. considera o seu sogro uma pessoa séria, mas ao mesmo tempo alguém que se habituou muito a ver as coisas serem feitas conforme queria, algo aceite pela sogra mas que A. via

¹⁷³ “F. - [...]dizer que foi e que se tivesse ido para o banco e não sei quê, não, as coisas são completamente diferentes [...] tive experiências, nessa altura tive experiências que se não tivesse ido não fazia a mínima ideia que existiam[...]”

“F. - [...]não acho que fosse uma pessoa melhor[...] se não tivesse ido[...]”

“F. - [...]se não tivesse tido aquela experiência[...] eu acho que aquela experiência também me deu alguma[...] alguma aprendizagem boa para a vida[...]”

¹⁷⁴ “F. - [...]eu acho que nos ajudou muito na altura, que foi passarmos a ir todos os domingos à noite irmos jantar juntos sozinhos. [...] tínhamos tempo para conversar algumas coisas que às vezes são complicadas numa casa em que vivem duas famílias.”

“F. - 30 anos, mais ou menos, depois que iniciámos isso, é raro o domingo à noite que não vamos jantar só os dois[...] raríssimo[...]”

como algo muito difícil de aceitar e viver¹⁷⁵. A relação, à medida que foi avançando, tornou-se mais difícil¹⁷⁶. Na relação entre F. e os sogros denota-se admiração da sua parte pelo sogro¹⁷⁷ e grande disponibilidade na relação com a sogra¹⁷⁸. Ambos optaram por não comentar o que o cônjuge disse. Embora a própria dinâmica de diálogo que aqui introduziram indique uma clara concordância com o que cada um disse, não houve um aprofundamento, denunciando mais uma vez a existência de dificuldades no aprofundamento e reflexão da sua relação e, consequentemente, na verbalização. A classificação desta subcategoria é directa: num caso há um sentimento de acolhimento e no outro um sentimento de frieza e obstáculo, descrição da taxonomia “Desequilibrado”, que corresponde à tipologia “Ambivalente” (Cigoli & Tamanza, 2009c).

A subcategoria 2_P9, através da visão do futuro que é pedida ao casal, permite evidenciar características do tempo presente da sua relação, traduzidas em sentimentos de confiança ou desconfiança e de esperança ou desespero relativos ao laço. A qualidade do casal traduz-se na capacidade de conseguir combater o perigo e enfrentar o que acontece (Cigoli & Tamanza, 2009c).

¹⁷⁵ “A. - Mas era uma coisa que[...] na sua perspectiva, eu acho que o meu sogro é boa pessoa e acho que é uma pessoa muito séria, mas tem um feitio[...] e habituou-se, de facto, eu acho, eu acho que os ditadores são ditadores porque as pessoas que estão lá os deixam ser.”

“A. - [em relação à forma como a mulher se deveria comportar nos anos 40] Mas eu não estava habituada a isso, nem a minha avó nem a minha mãe.”

¹⁷⁶ “A. - [...]no posterior a relação foi complexa ainda que eu ache que aprenderam a lidar comigo[...].”

“A. - [...]mesmo que eu seja muito mais nova, eu acho que aprenderam a haver um certo respeito, que eu acho que não era um hábito, eu acho que, não tenho a certeza, porque são histórias que depois que se vão contando, a cunhada do meu sogro, nunca mais voltou à casa dos sogros porque o avô do F. ultrapassou todos os limites[...].”

“A. - Agora que ultrapassaram e eu cheguei a ser profundamente desagradável eu sei que sim, mas teve que ser para pôr os limites.”

¹⁷⁷ “F. - Lá eu conheci os teus pais nessa festa de anos da G. em Tadim, que eles foram-te lá levar e até me lembro...”

“F. - [...] [conheceu o sogro] foi quando nos conhecemos [F. e A.] e, portanto, conheci e depois o teu pai pediu-me cigarros e eu fui a correr comprar[...] [...]”

A. - O meu pai era uma pessoa com uma relação com toda a gente muito fácil. [...] Era com os nossos amigos, com toda a gente.”

“F. - [...]depois de casar, realmente, quer dizer, a mim o meu sogro marcou-me pela sua postura[...].”

¹⁷⁸ “A. - [...]o F. é completamente disponível no apoio à minha mãe [...]”

“A. - [...]a minha cunhada passava a vida a dizer, aí se o teu irmão tivesse a paciência com o meu pai que o teu marido tem com a tua mãe e com a tua avó... porque é assim, olhe, nós até para o S. João com a minha avó na cadeira de rodas fomos, repare...”

Mais uma vez o casal não é capaz de se introduzir em dimensões conjugais mais profundas e simbólicas. Lendo as entrelinhas, há claramente indicação de que têm a expectativa de se manterem na relação¹⁷⁹, mas não há indicação em relação à modalidade nem ao relançamento do pacto conjugal. Em relação a este último, há apenas uma pequena pista do que antevêm aquando da saída futura das filhas de casa¹⁸⁰, mas também se pode vislumbrar uma tentativa de libertação, através da ocupação com actividades que lhes permita “sair” da dinâmica de conjugalidade, bem como através da vivência desde o início da relação conjugal com os pais de A.. Mais do que esperança no laço, parece haver certeza, mas muito pela falta de diálogo neste nível que o casal indicia. Não significa que o laço esteja em perigo, significa que ao não ser reconhecida a sua existência, este não pode ser alvo de reflexão nem alvo de tentativa de melhoramento nem centro de qualquer tipo de conclusão por parte do casal. A classificação não corresponde na perfeição ao que os autores preconizam, mas a subcategoria é classificada taxonomicamente como “Orientação duvidosa”, correspondendo à classificação “Ambivalente” (Cigoli & Tamanza, 2009c), precisamente porque não existindo qualquer tipo de indicação de que o casal seja capaz de reflectir sobre o laço, conseguem ao mesmo tempo dar indicações claras de que esse laço é para manter, através da indicação da pretensão de viajarem apenas os dois, aproveitando oportunidades que não têm tido. O pacto do casal é, neste sentido, rígido, sendo dado como adquirido e não se constitui como uma tarefa nem como necessitando de empenho constante.

A Classificação Tipológica da Eixo 2 encontra-se resumida na Tabela 6.

¹⁷⁹ “A. - Conseguirmos ter dinheiro e saúde para irmos passear os dois[...].”

¹⁸⁰ “F. - [...] imagine que elas casam e saem de casa, a casa vai passar realmente a ser um bocado aquilo que nós não gostávamos[...] aquilo que eu não estava à espera, aquilo que eu não estou habituado a ter.”

“F. - Tantas vezes tenho pensado com os meus botões que é uma chatice um dia se elas saem [risos]...”

Subcategoria	Tipologia
2_P1	Ambivalente
2_P2	Ambivalente
2_P3	Falido
2_P4	Falido
2_P5	Falido
2_P6	Fecundo
2_P8	Ambivalente
2_P9	Ambivalente

Tabela 6: Classificação Tipológica de cada Subcategoria do Eixo 2.

Ao nível do Eixo 2, considera-se a classificação de casal com “Relação Ambivalente”. Ao contrário do Eixo 1, a caracterização do casal não se sobrepõe perfeitamente ao que está previsto na literatura. Se de facto há indícios de tentativa de libertação ou de, pelo menos, escape inconsciente, dificuldade no desenvolvimento das áreas exclusivas do casal e nas vivências conjuntas de alegrias e dores (Cigoli & Tamanza, 2009c), ao mesmo tempo não se denota que o casal considere difícil o investimento na sua relação, que tem ao mesmo tempo sinais de fragilidade e de durabilidade. Tem a ver com a característica já discutida de não se esforçarem por avançar para além da superfície e da recusa em aprofundar os diversos aspectos mais íntimos e exigentes da sua relação.

A terceira categoria (passagem generacional) tem também como unidade de análise o casal e é composta por 6 subdimensões. A subcategoria 3_P1 aborda a prefiguração que o casal tinha acerca da vida familiar. Classifica-se entre a ausência de planeamento com a ideia subjacente de que a relação no presente é suficiente e entre o prazer de imaginar o que vem, alicerçado em esperança e confiança, passando pela presença de prefigurações divergentes com dúvidas e medos (Cigoli & Tamanza, 2009c).

Não há aqui, também, uma concretização plena das expectativas que tinham como casal¹⁸¹, havendo até indícios de falta de planeamento¹⁸², pelo menos no que diz respeito a ter ou não filhos. A avaliação que fazem em relação à vivência com as filhas é classificada como “expectável”, embora sem qualquer concretização¹⁸³. Toda a subcategoria é abordada de uma forma generalista, não existindo indícios de planeamento da vida conjugal e da sua prefiguração. Corresponde, por isso, à classificação “Falido” e à classificação taxonómica “Ausência de prefiguração” (Cigoli & Tamanza, 2009c).

A subcategoria 3_P2 está muito ligada à subcategoria anterior, já que à projecção no futuro junta-se a capacidade de conseguir comparar com a realidade presente da vida familiar. A classificação varia entre a impossibilidade de fazer a comparação por faltar a prefiguração e entre o reconhecimento de uma relação construtiva entre o projectado e a realidade, passando pela presença de angústia e medo pela existência de perspectivas divergentes (Cigoli & Tamanza, 2009c).

A expectativa em relação às filhas, apesar de genérica, aqui é um pouco mais concretizada¹⁸⁴. Estes motivos são, depois, explanados para a sua própria situação de onde se consegue vislumbrar uma expectativa que tinham de estar em melhor situação económica¹⁸⁵. Mas ainda assim são expectativas muito pobres e com algum grau de estereotipização. Ainda que mais uma vez o casal não aborde os seus sentimentos de forma aprofundada, nas entrelinhas denota-se estagnação, já que ao apontarem a falha das expectativas em relação às filhas, não

¹⁸¹ “F. - [...]acho que a nossa vida de casal a dois correu mais ou menos como eu, como era a minha melhor expectativa[...].”

¹⁸² “A. - Eu acho, achava e continuo a achar que duas pessoas podem muito bem viver casadas sem filhos[...].”

“A. - Nós achámos que, pronto, ao fim dos 4 anos de já estarmos casados, já está mais ou menos estabilizada na profissão e que já tínhamos condições para ter filhos e tivemos as meninas. Mas se não tivesse filhos, se não tivesse condições para isso, também não era nada dramático.”

¹⁸³ “A. - A nossa vida em relação às miúdas, acho que era aquilo que eu estava[...] era previsível[...].”

“F. - [...]em relação às filhas também acho que foi um percurso mais ou menos expectável, também esperava[...].”

¹⁸⁴ “A. - Só achava que nesta altura, elas já estavam a trabalhar, a ganhar dinheiro, casadas e já com filhos[...] só que as coisas não são[...] são cada vez mais complicadas[...].”

¹⁸⁵ “F. - [...]excepto alguns percalços económicos, sobretudo nesta fase, nesta meia-dúzia de anos para cá, que realmente nunca esperei que estivesse nesta situação.”

“F. - [...]mas eu acho que isso está tudo relacionado com a incerteza que se vive a nível mundial, em Portugal em particular, de incerteza económica”

indicam que estratégias pensam colocar em prática nem sequer se existem. A classificação desta subcategoria é consequência directa da anterior: considera-se que a classificação é “Fadido”, correspondendo à taxonomia “Vida familiar automática, resignada com o que aconteceu” (Cigoli & Tamanza, 2009c).

A subcategoria 3_P3 aborda a relação intergeracional, mas desta vez do ponto de vista de transmissão por parte do casal. A classificação varia entre a dificuldade em reconhecer valores e modelos de vida ou a sua comunicação de forma altamente estereotipada e entre a consciência da existência da transmissão de geração em geração. Entre estas duas alternativas encontra-se a dúvida nessa transmissão e a angústia, a propósito de determinados valores (Cigoli & Tamanza, 2009c).

Neste tema não têm dificuldades em identificar os valores centrais que tentaram passar às suas filhas, que são a relação com outras pessoas e a seriedade¹⁸⁶. A origem dos valores surgem apenas em parte ligados à família de F.¹⁸⁷. Surgem ligados à família de A., personificados apenas no seu pai, ao longo do discurso¹⁸⁸. A classificação taxonómica corresponde a “Valores proveniente do casal parental e das linhagens”, sendo a classificação “Fecundo” (Cigoli & Tamanza, 2009c).

A subcategoria 3_P4 está ligada à anterior, mas aborda o sentimento de eficácia ligado à transmissão, sendo importante também o processo de atribuição, ou seja, a que factores são

¹⁸⁶ “A. - [...]o respeito pelas pessoas[...] e eu acho que isso, que lhes conseguimos passar[...]”

“A. - [...]relacionam-se com as pessoas de uma forma que eu acho que é correcta sem puxar galões[...]”

“F. - [...]a relação com os outros, sempre numa situação de igualdade entre pessoas, nós cultivamos muito isso[...]”

“A. - [...] delicadeza e respeito pelos outros.”

“F. - [...]é uma transmissão que eu tenho feito muitas vezes. Eu há duas palavras que hoje as pessoas têm muita relutância em utilizá-las e eu acho que são duas palavras que são fundamentais em qualquer relação quando estamos a falar com o outro: é o muito obrigado e o desculpe.

A. - E o faz favor[...]”

“A. - Sérias, porque acho que é um valor que hoje em dia é também um bocadinho[...]”

¹⁸⁷ “F. - [...]a única passagem de testemunho forte que o meu pai passa e ainda hoje ele vai falando e mesmo quando está com as minhas filhas fala é exactamente isto da A., a seriedade[...]”

¹⁸⁸ “F. - [...]muitas vezes dou comigo a pensar como é que os exemplos do teu pai, ainda hoje, tantos anos depois, eu acho que são sobretudo através das nossas memórias que nós lhes vamos transmitindo e que outras pessoas vão falando[...]”

atribuídos a eficácia ou ineficácia. Classifica-se entre o sentimento de eficácia/impotência e entre o sentimento construtivo e operante perante a presença do(s) filho(s) e a sua interpretação dos valores e modelos de vida, passando pela dúvida e a atribuição ao(s) filho(s) da responsabilidade única das escolhas feitas (Cigoli & Tamanza, 2009c).

Ao nível dos recursos apontam as suas próprias vivências, apenas numa expressão, e a situação do grupo familiar, que permitiu manter a memória do avô, claramente a referência ao nível de valores transmitidos¹⁸⁹ e em relação a obstáculos, os perigos do mundo exterior¹⁹⁰. Ainda que de forma muito resumida, a forma como abordam a questão não levanta dúvidas acerca do sentimento de auto-eficácia na transmissão dos valores enumerados. A classificação taxonómica é, por isso, “Sentimento construtivo e operante”, derivada da atribuição a si e ao outro e corresponde à classificação “Fecundo”.

A subcategoria 3_P5 acede às origens múltiplas dos filhos e, ao mesmo tempo, à sua especificidade. A taxonomia varia entre a réplica e o reconhecimento da combinação entre as múltiplas origens e as suas especificidades. Passa ainda pela dúvida das origens dos filhos e/ou a minimização do problema (Cigoli & Tamanza, 2009c).

¹⁸⁹ “F. - [...]o nosso exemplo.”

“A. - O nosso grupo familiar que é alargado, [...] o meu pai morreu já há muitos anos, mas acho que manteve-se sempre uma referência para elas.[...]”

F. - Mas é incrível que elas muitas vezes falam que parece como se tivessem falado com ele há 8 dias [...].”

¹⁹⁰ “F. - [...]o meu receio é que um dia destes eu tenha as minhas filhas e até eu próprio a achar que determinados valores que nos outros, na sua esmagadora maioria já não os cumpre, que já sejam uma anormalidade e que portanto que a normalidade, que o correcto seja, portanto, não cumprir.”

“F. - E os exemplos de cima, que têm sido mais que muitos, do pior que há, não é... do pior que há.”

O casal não apresenta dificuldades em elencar características específicas das suas filhas¹⁹¹ nem características “herdadas” por múltiplas fontes¹⁹². Corresponde à classificação “Fecundo” e à classificação taxonómica “Pertença múltipla e especificidade pessoal” (Cigoli & Tamanza, 2009c).

A subcategoria 3_P6 tem um carácter de reflexão acerca da relação familiar e tem também carácter de recapitulação, seja da visão conjunta da família, seja das dores que a caracterizam e ainda os recursos que apresentam. A classificação varia entre sentimentos de raiva, vazio e falência e os sentimentos de sucesso em superar as dificuldades e dores vividas pela família e de que vale a pena ser vivido. Entre os dois pólos encontra-se a dúvida e a confusão (Cigoli & Tamanza, 2009c).

Há momentos tanto de dor como de esperança que são identificados com clareza e não só referentes à família nuclear, embora sejam sempre abordados sem aprofundar muito e ape-

¹⁹¹ “F. - [...]a Z. é mais emotiva[.]”

“F. - [...]à B. basta lhe passarem um bocadinho a mão no pêlo que conseguem tudo dela.”

¹⁹² “A. - [...]a B., a mais velha, tem muito do F. e da sua ingenuidade na relação com os outros, acreditar, sem ter muito o pé atrás e a mais nova na refilice.”

“A. - [...]fazem mais fâisca a mais nova com o F., que ela é assim com o futebol, em todas as coisas e eu também era assim muito acalorada, mas o F. era mais.”

“F. - [...]a Z. sai a ti numa outra coisa: cá se fazem, cá se pagam.

A. - Isso sai à mãe do meu pai. [...] Não é propriamente cá se fazem cá se pagam, mas é mais...

F. - ... mas cá ficam.

A. - ... há coisas que eu não esqueço, há coisas que eu não consigo esquecer. Não quer dizer que vá retaliar e vingar, não. Mas para mim fechou e fechou mesmo.

F. - [...]nesse aspecto a B. é mais como eu[.]

A. - Esquece um bocado.

F. - [...]prefere esquecer. Aliás é uma característica muito minha[...] as coisas más, mesmo as más impressões que eu tenho das pessoas eu tendo a esquecer completamente.”

“F. - Há uma característica que eu tenho que não lhes consigo passar e tenho muita pena, porque acho que é uma boa característica que eu tenho. É de conseguir ser isento nas análises, quer para mim quer para os outros.

nas da parte de A.¹⁹³. F. faz uma avaliação sumária da vida sem entrar em pormenores¹⁹⁴ e opta por relatar os medos que tem em relação ao futuro¹⁹⁵ decorrentes do facto de as filhas “ainda” não se terem lançado¹⁹⁶. Esta última expectativa vem na linha do que já foi dito anteriormente acerca dos receios em relação às filhas. Aqui A. descreve as situações por que já passaram, que tendencialmente tem a ver com a própria família de origem e as filhas. F. parece concordar implicitamente e ao passar para uma avaliação das esperanças futuras acaba por referir, novamente, os receios futuros em relação às filhas. A. também parece concordar implicitamente. A classificação taxonómica desta subcategoria é “Prevalência de sentimentos de dúvida e confusão”, que corresponde à classificação “Ambivalente” (Cigoli & Tamanza, 2009c).

A Classificação Tipológica do Eixo 3 encontra-se resumida na Tabela 7.

¹⁹³ “A. - [...]a morte do meu pai[...]”

“A. - [...]a doença do K. [sobrinho] que se prolongou por muitos anos[...]”

“A. - [...]a doença da minha mãe, sempre uma incógnita, não é, que estas coisas[...] estas doenças a gente não sabe muito bem se se resolvem se não[...]”

“A. - O acamar da minha avó [materna] também foi difícil[...]”

“A. - [...]quando os filhos nascem[...]”

“A. - [...]quando eles [filhos] acabam o curso, quando vão para a escola, são sempre momentos agradáveis[...] e que lançam alguma esperança em termos de futuro[...]”

“A. - Elas ainda hoje têm a imagem da minha avó [materna] que à noite, oh “mamã” anda-nos coçar as costas para a gente adormecer e a minha avó coçava a uma e a outra para elas adormecerem. Isto é bom. Depois tem a parte má, que era a minha avó [...] e difícil, ainda mais porque a minha mãe começou também a não ficar muito bem e às tantas[...] às vezes havia situações mais complicadas, mas isso eu acho que todas as situações da nossa vida têm o bom e o mau.”

¹⁹⁴ “F. - [...]ao longo da vida houve momentos de esperança... e de boas expectativas, de altas expectativas...”

¹⁹⁵ “F. - [...]tenho tanto medo da B.”

¹⁹⁶ “F. - [...]tinha altas expectativas para as minhas filhas[...] acho que são espertas, são ajuizadas e sinceramente que achava que tinham que explodir, não estou a ver essa explosão, estou a ver os anos a passar e a explosão a não acontecer.”

Subcategoria	Tipologia
3_P1	Falido
3_P2	Falido
3_P3	Fecundo
3_P4	Fecundo
3_P5	Fecundo
3_P6	Ambivalente

Tabela 7: Classificação Tipológica de cada Subcategoria do Eixo 3.

Ao nível do Eixo 3, considera-se casal de “Passagem Ambivalente”. Esta classificação coincide com a caracterização que a literatura faz, sendo um casal que tem competências parentais e que são capazes de transmitir os valores com os quais se identificam e que, em parte, vêm das famílias de origem. Ainda assim, temem que por interferência exterior venha a não ser suficiente e que as filhas deixem de viver esses valores, apesar de no presente considerarem que os adquiriram.

A um nível global, a classificação dos 3 eixos gera a Figura 3.

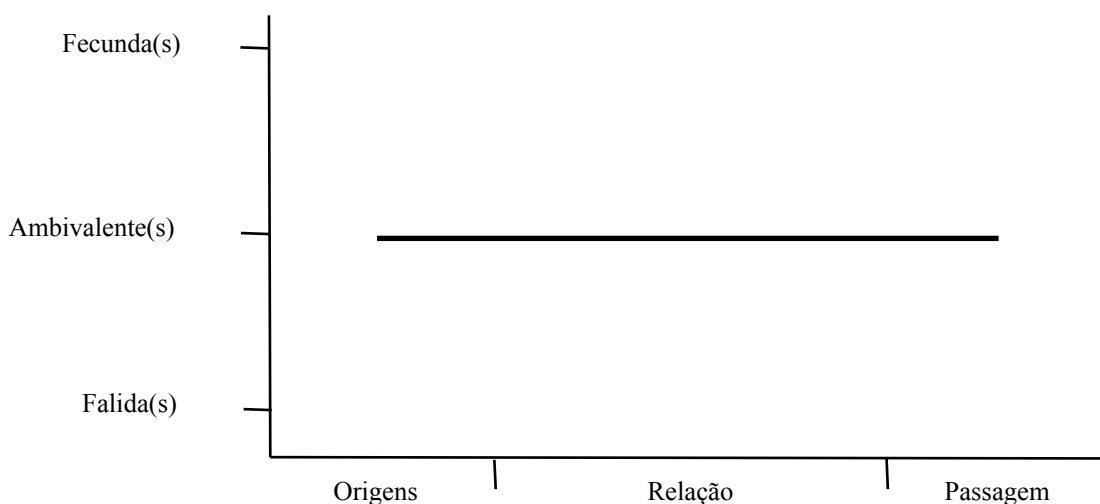


Figura 3: Figuração da tipologia generativa *Bloqueada* (Cigoli & Tamanza, 2009b).

A tipologia do casal corresponde a *Bloqueada*. No caso verifica-se que a Composição é homogénea (os eixos apresentam todos o mesmo valor) e, conseqüentemente, a Direcção não apresenta qualquer tipo de alteração e não há Transformação.

Em suma, é notória a influência das famílias de origem na história do casal, de diferentes formas. Do lado de A., uma admiração profunda pelo pai e a sua mitização¹⁹⁷, concorrem para um decalque do tipo de relação que os pais mantinham. Esta expectativa inconsciente terá tido uma grande influência na escolha de F., alguém cuja avaliação feita da relação entre o pai e a mãe é marcada pela forma como o pai maltratava a mãe e como, ao querer ser o centro de tudo, se tornava um ditador, perante a esposa e perante os filhos. Na sua expectativa inconsciente de busca de um novo modelo familiar, o encaixe com A. tornou-se possível. Desta forma, A. pôde replicar o modelo e F., que também parece ter mitizado o sogro, encontrou um modelo com que se identificava mais, tendo sido “adoptado” pela família de A.. Neste sentido, o laço de casal entre A. e F. (cujas dificuldades com a própria família levam a que procure uma família substituta) não chega a ser estabelecido e a relação dos dois acaba por ser mais uma afiliação.

O casal não conseguiu construir um pacto conjugal na sua totalidade. Em relação ao pacto declarado, a ausência de um projecto com diversas valências concretas, conforme Cigoli e Scabini (2006) e Scabini e Cigoli (2000) prevêem, é evidente aquando da discussão sobre o que esperavam da vida conjugal, ao descreverem a ausência de planos para terem ou não filhos e a forma como F. inclui a expectativa sobre aspectos de aparência física da esposa. A forma como não são capazes de se recolherem e de aprofundarem conjuntamente o seu projecto relacional também o indica. A dificuldade do casal em exprimir características próprias é notória, na medida em que não conseguem reconhecer e transmitir as suas necessidades, temores, expectativas ao entrevistador nem conseguem dar a entender que, apesar de falhar a sua descrição, possam estar identificadas. É visível no relato que fazem do acaso do seu conhecimento (Cigoli & Tamanza, 2009c), na forma como distinguem a fase de encontro e o que os levou a permanecerem juntos e quando afirmam que quase nada de novo e/ou inesperado encontraram no outro. Por isso, o pacto declarado está numa zona disfuncional de fragilidade, correspondendo a um projecto com pouca consistência e sem muito empenho por parte dos cônjuges na própria relação (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000). Esta falta de

¹⁹⁷ Segundo Andolfi e Angelo (1989), qualquer relação tem uma margem de ambiguidade, que permite o estabelecimento do mito, através do preenchimento de espaços vazios por estereótipos, que induzem a que os participantes adoptem comportamentos específicos e funcionais no sentido de manter o vínculo. Os rituais que A. e F. mantêm dos tempos em que o pai de A. estava vivo, permite que o mito se mantenha e tenha, aparentemente, chegado às filhas, ainda que tenha falecido quando elas eram ainda muito novas.

empenho infere-se pela falta de esforço em procurarem compreender em que medida as situações apresentadas lhes são dirigidas e pela auto-estereotipização do seu discurso, ou seja, pela quase mera repetição discursiva de algumas características gerais que consideram ser importantes e que consideram ter atingido. Ainda assim, parecem, em parte, ter conseguido cumprir o que se constitui como segunda tarefa enquanto cônjuges, que passa pela descentralização do “eu” em favor do “nós”, evidente na forma como tiveram de assumir o desejo de uma vida diferente da dos pais de F., provocado pela sua ida para a fábrica, ainda que o confronto entre F. e o seu pai, por causa do trabalho, pareça funcionar como uma desculpa para não haver o confronto necessário. Apesar de essa identidade ser assumida nessa situação perante elementos exteriores à relação conjugal, não parece ser assumida entre os cônjuges. Ao nível das tarefas enquanto filhos e da revisão do sistema de lealdades, há uma situação mista, já que em relação à família de F. existe uma clara demarcação, mas depois o casal decalca o modelo familiar de A., chegando ao ponto de nunca terem vivido sozinhos como casal. Não há, portanto, em relação à família de A., um novo estilo relacional nem uma regulação de distâncias. Em relação a F., pode ser levantada a questão de até que ponto a sua admiração pelo seu sogro não será uma busca do que esperava do seu próprio pai, ao ponto de procurar uma vivência diária e de ajudar no decalque desse modelo familiar, ao mesmo tempo que recusa na totalidade o modelo da sua família de origem. Aliás, muito do que diz acerca das expectativas e da sua satisfação passa precisamente pela troca do seu modelo familiar pelo modelo familiar de A.. O relançamento da conjugalidade na medida da sua evolução (correspondente à terceira tarefa), não parece ser algo muito presente e o único indício acerca de uma evolução é em relação à saída das filhas de casa, que provoca o reconhecimento de mudanças, mas sem concretização.

A crise que está prevista na transição para a parentalidade, pela adequação de papéis, no nascimento da primeira filha apenas é abordada ao de leve por A. e F. e aparece muito disfarçada pela crise que viveram com a entrada de F. para a fábrica. Aliás, enquanto que F. atribui parte da crise existente na altura ao nascimento da filha, A. é sempre categórica nas afirmações que faz acerca de o problema ser a interferência dos sogros na vida conjugal, não se compreendendo se a informação acerca da resolução falta por estar disfarçada pelos eventos provocados pela entrada de F. na fábrica ou se apenas os *timings* de resolução de ambas crises se sobrepujaram. Em relação ao nascimento da segunda filha, nada foi referido. Aquando do pedido que o casal desenvolva e aponte a existência de símbolos próprios da relação conjugal e agora da relação parental, a resposta é pobre ou nula. A relação com os pais de A., no início

da vida de casal, em que os subsistemas familiares estão particularmente ligados, não é sequer abordada. Pela forma como ambos vêem essa relação, não terão visto o seu papel como sendo provocador de algum tipo de interferência indesejada.

Uma outra característica discursiva do casal tem a ver com a forma como são encarados os diversos acontecimentos que se deram ao longo da vida, que podendo não ser considerados como a norma, são desde logo avaliados como “normais”. A expressão “isso é normal” é utilizada diversas vezes, com o objectivo de desvalorizar determinados eventos ¹⁹⁸ que poderiam levantar mais questões. Pode derivar deste processo de normalização o facto de não conseguirem aprofundar as temáticas do casal e algumas das temáticas que envolvem as filhas, levando até que determinados assuntos não sejam sequer abordados por causa do enfoque na normalidade do acontecimento e, como tal, não importante de referir. Em relação aos problemas que podem ser provocados ao nível da identidade de casal, mais uma vez pelo disfarce que a crise adopta torna-se difícil de compreender. Além disso, a identidade do casal é bastante “enevoada”.

O casal encontra-se na altura em que existe a dupla tarefa de lidar com o envelhecimento dos pais, ao mesmo tempo que lidam com as necessidades dos filhos. Assumem essas exigências, em relação à mãe de A., algo a que o próprio contexto criado pela família obriga. Os pais de F. não são abordados no tempo presente, não se percebendo sequer se estão vivos ou se há uma relação que se mantém.

A ajuda na assumpção das responsabilidades adultas das filhas é difícil de avaliar por força das variáveis externas e extraordinárias envolvidas que assumem existir. Não parecem existir mecanismos por parte do casal no sentido de as ajudar nessa aquisição e não há evidência de apoio, a não ser na altura em que tiraram o curso.

A sua projecção no futuro de casal não tem qualquer referência ao reposicionamento generativo. Acerca de planos futuros, apenas é indicada a vontade de viajar, que pretende aproveitar a maior disponibilidade que terão, algo que F. já considera improvável. Apesar disso, não lança qualquer tipo de alternativa. Isto pode indicar dificuldade de adaptação a uma

¹⁹⁸ “F. - Tenho uma memória que eu fazia xixi na cama, até muito tarde, já tinha para aí 8 ou 9 anos e ainda fazia xixi na cama.

A. - Ah, mas isso também era muito normal...”

“F. - Ah, entretanto que a minha avó era uma senhora de samariz, uma família de fundo de vide, não sei quantos, sabia tocar piano, costurar e não sei quantos, era o que a minha avó fazia... mas raptou-a... raptou-a...

A. - Mas isso é normal.”

nova fase da vida conjugal e advém, mais uma vez, da incapacidade de conhecimento aprofundado da sua própria relação.

4. Conclusão.

A base do casal para a construção da sua identidade única e irrepetível é a evolução histórica da vivência individual com a própria família de origem, realidade não alheia ao contexto cultural onde cada família se movimenta. Neste sentido, o casal funciona como ponto de encontro e mediação da história das próprias famílias; cada elemento leva os seus recursos e dificuldades da própria história, ainda que não seja um dado adquirido que todos os elementos emirjam na nova relação conjugal, já que seria uma mera soma e repetição de padrões adquiridos, na medida em que os recursos podem não ser aproveitados e os aspectos deficitários podem ser melhorados. Espera-se que o casal, aquando da sua transição para a conjugalidade, seja capaz de construir o pacto conjugal, na interacção entre pacto declarado e pacto secreto, sendo este último a base de sustentação psicológica e constituindo-se como a união inconsciente dos cônjuges (Pincus & Dare, 1987), que dá unicidade a cada casal e que seja a forma de se diferenciar e adquirir uma identidade própria (Bowen, 1998).

Isto leva a que o casal tenha de ser visto como uma unidade diferente da soma de dois indivíduos mas com contribuições decisivas de ambos, em vez de ser visto como um conjunto de duas pessoas ou como uma mera soma de vivências e competências. Os cônjuges são influenciados e influenciam-se mutuamente, o que significa que há dinâmicas a ter em conta para uma melhor compreensão do casal no seu todo, na sua construção e evolução. Tendo de ter em conta o carácter relacional da família e tendo em conta que se a construção na família de origem dá origem a pessoas diferentes, então o novo casal, nascendo da recombinação de duas pessoas e de duas linhagens diferentes, terá de ser necessariamente diferente de todos os outros casais. Nesse sentido, a investigação não pode ser apenas reduzida a estatísticas comparativas entre elementos de casais, mas deve-se ter em conta o casal como sistema, sendo muito mais do que uma mera soma de partes.

A análise dos estudos da QC demonstrou precisamente a falta de compreensão da "componente conjugal do casal". À medida que foi sendo explanada a Perspectiva Relacional-Simbólica, também se verificou que mais do que interdependência, há uma recombinação de

elementos de ambos cônjuges no sentido da criação de uma identidade original e exclusiva. Os estudos da QC, ao estarem centrados numa questão de qualidade da relação, em vez de se centrarem na relação propriamente dita, acabam por se cingir às variáveis encontradas no casal, sem ter em conta o carácter interactivo nem a existência ou o funcionamento dessas variáveis no todo. Os problemas elencados acerca dos instrumentos tradicionais, nomeadamente o problema das relações espúrias na medição de algumas variáveis, poderá ter origem nesta questão. Mesmo as variáveis abordadas nesses estudos aparecem também segmentadas, pelo que não conseguem “atingir” a realidade familiar. Aliás, o facto de os instrumentos serem tão díspares ao elencar as variáveis é sinal disso mesmo. Assim, verifica-se que muitos dos dados e conclusões dos estudos da QC acabam por perder validade, já que ou abordam apenas uma parte do problema (uma ou duas variáveis) ou estudam apenas um dos elementos do casal (também numa ou duas variáveis). O processo de operacionalização das variáveis encontra-se, assim, em causa, porque para além de não ter em conta os problemas já referidos, o estudo da QC tem ainda o problema de parecer agregar um conjunto de duas ou mais variáveis relacionadas com o casal e considerar ser a QC, sem qualquer base ou explicação ou critério para a inclusão das mesmas.

Assim, estuda-se a família sem ter em conta a realidade familiar ou apenas tendo em conta alguns elementos escolhidos sem aparente critério e que, dessa forma, se encontram segmentados da realidade familiar. São exemplos disso o género ou a idade, que por não terem em conta nem as dinâmicas familiares que incluem o género, nem as fases por que a família passa e que naturalmente correspondem a intervalos de idade de cada cônjuge, acabam por trazer informação, por si, redutora da realidade familiar. Mesmo outras variáveis estudadas, que se aproximam da concepção relacional/sistémica de família, são estudadas de forma segmentada, como por exemplo os elementos da personalidade e a transição para a parentalidade. Esta última, aliás, exemplifica a dificuldade geral em partir de uma concepção relacional de família e de a manter até ao fim, já que apenas têm em conta o indivíduo na sua relação com o cônjuge e não têm em conta a relação conjugal e a relação parental no seu conjunto, deixando de parte influências mútuas. Se a questão da QC for pensada num âmbito mais alargado de construção e vivência da relação, como aqui foi exposto, e se em vez de se procurar uma relação específica entre determinada variável e a QC se procurar uma visão abrangente das relações familiares, variáveis como o género, a etnia, a idade, a personalidade, a vinculação, o perdão, a satisfação sexual ou a saúde física (entre as outras variáveis abordadas na re-

visão de literatura) encontram o seu lugar “natural” nas dinâmicas existentes em cada casal e em cada família, como dimensões inerentes à pessoa e, como tal, passíveis de (re)combinação com as características do cônjuge e criadoras de uma combinação específica e irrepetível, correspondente à identidade do casal.

As variáveis estudadas, em geral, e a forma como estas são abordadas padecem, como já foi referido, do mal de serem estudadas numa espécie de vácuo geral. Os estudos dimensionalizam o conceito de QC quase arbitrariamente e, como tal, não têm a ligação necessária ao conceito nem a qualquer modelo teórico. Conclui-se, desta forma, que ao nível da operacionalização das variáveis, é necessário partir de modelos teóricos sólidos de onde se possam derivar as dimensões e que as variáveis devem ser pensadas e trabalhadas no âmbito familiar, tendo em conta os sentidos das dinâmicas relacionais familiares e tendo em conta que o nível de análise é a família com todas essas dinâmicas, não se podendo segmentar o seu estudo e individualizar fenómenos que não são vividos de forma individual e que sofrem influências decisivas de outras variáveis presentes na família e das mesmas variáveis vividas por diferentes membros familiares, que contribuem sempre para a construção e evolução familiar.

A um nível metodológico, há consequências directas nos estudos decorrentes da forma como a família é conceptualizada, que resulta na diferença entre *estudos relacionados com a família* e *estudos da família*. Partindo do princípio de que a família é um objecto de estudo, por natureza, relacional, significa que a metodologia utilizada deve ter esse aspecto em conta, tanto ao nível da concepção do estudo como ao nível da recolha e interpretação dos dados (este último no que diz respeito à não independência dos dados recolhidos na família). A um nível mais operacional significa que os estudos têm de partir do princípio que as percepções dos membros familiares, ainda que não se sobreponham, são mais aproximadas do que noutros grupos, que as referências familiares de eventos, objectos e/ou opiniões são feitas por cada um com a ideia subjacente de partilha em toda a família.

Nesse sentido, conclui-se que as características dos estudos da QC não se adequam ao estudo da família, seja pela concepção de família que lhes é inerente, seja pela consequência directa desta concepção na metodologia escolhida e também por serem estudos relacionados com a família em vez de considerarem como unidade de análise o casal. Além disso, por não existir uma base comum nos estudos, estes surgem desgarrados de referências teóricas, o que torna ainda mais difícil o seu enquadramento. A sua operacionalização vai também contra o que deve ser o estudo da família, já que consiste na passagem do plano teórico para o plano da

mensuração e já que deve ser feita depois de definido o constructo e o seu tipo (Lanz & Rosnati, 2002), o que não acontece. E mesmo estando definido o tipo de operacionalização como sendo familiar, esta acaba por não seguir as características de um estudo familiar. Além disso, a investigação maioritariamente quantitativa não permite a obtenção de dados que, à luz do que é aqui discutido, passam despercebidos e que são muito importantes na compreensão das dinâmicas familiares. Desta forma, e tendo em conta a natureza dos dados obtidos ao longo da entrevista, conclui-se que a metodologia qualitativa empresta ao âmbito familiar a possibilidade de obter dados importantes que de outro modo não é possível recolher e avaliar, pelo que deveria ser aposta firme nesta metodologia de estudo. Aliás, como já foi referido, Lanz e Rosnati (2002) defendem que se deveria ter em maior conta a conjugação de metodologias.

Conclui-se, ainda, que os estudos da QC são muito limitados, na medida em que não prevêem o conceito estudado como um produto da interacção conjugal nem outras influências familiares, ou seja, não têm em conta as dinâmicas de construção do casal no sentido da perda do “eu” em favor do “nós”, tendo até o efeito contrário.

A aplicação da ECG corrobora estas ideias e mostra que o instrumento fornece soluções. O instrumento tem, de facto, a capacidade de aceder a informações partilhadas e conjuntas do casal, tem a capacidade de tornar conscientes elementos que explicam a evolução do casal ao longo da sua relação e ao longo da história progressiva de cada um dos cônjuges, e permite que o casal mantenha um diálogo e uma descoberta recíproca do outro nos casos de intervenção, no sentido do (re)conhecimento de elementos que possam não ser conhecidos ou possam já estar esquecidos, em vez de uma actuação em nome da felicidade individual. Corresponde, desta forma, à ética desejada por Doherty (1995, 1997, 2002), no sentido de não apostar numa intervenção individual que possa causar mal ao cônjuge, mas apostar numa análise e intervenção diádica. Também é apontada a mesma crítica nos estudos que abordam a QC e a transição para a parentalidade, ou seja, deve ser feito um trabalho de reconhecimento da relação dos cônjuges com o recém-nascido com o objectivo de ter um conhecimento profundo das redes familiares e não apenas intervir ou estudar um dos elementos do casal.

Há desde logo diversas críticas feitas que com a utilização deste instrumento deixam de ser problemáticas. O estudo da família com unidades de análise pelo menos diádicas, conta com a não independência dos dados por influências mútuas dos membros familiares e com as percepções que se tornam, com o tempo, mais aproximadas quando comparados com outros

grupos (Lanz & Rosnati, 2002). O instrumento é aplicado ao casal como tal e embora peça que cada um, de forma individual mergulhe nas suas origens, o cônjuge está presente e pode intervir em algo que considere impreciso e pode mesmo vir a conhecer algo que ainda não conhecesse. Apesar de ser aplicado ao casal, aborda ainda questões das gerações antecedentes e precedentes, levando a um “mapeamento” da história progressiva dos cônjuges. Ao nível das percepções, torna-se uma vantagem que o casal possa dialogar e cruzá-las entre si, eventualmente criando uma nova percepção de casal. O cruzamento e discussão das percepções é muito visível, neste estudo, no desenvolvimento que o casal faz das questões relacionadas com a interferência da família de F. na vida familiar. Também é visível a forma como preenchem o tecido familiar as questões que Kenny e Judd (1986) apontam como justificação para a existência de percepções mais aproximadas nas famílias, nomeadamente o destino comum dos membros e a influência recíproca dos membros, ainda que não signifique, naturalmente, uma perfeita sobreposição das percepções de cada membro.

O instrumento permite ainda evitar o problema que Cole e Jordan (1989) e Cole e McPherson (1993) apontam, no sentido de os estudos não revelarem a complexidade inerente à rede familiar, nomeadamente no que diz respeito aos critérios utilizados pelos membros familiares na avaliação das suas relações, o que segmenta a família, deixando de parte dinâmicas importantes para a compreensão total da realidade familiar. Isto é visível na forma como o instrumento apela ao emergir de dinâmicas inconscientes que pautam as várias relações familiares. Exemplo disso é a admiração de F. pelo sogro, que parece ter ramificações mais complexas do que o próprio se apercebe. Neste sentido, torna-se uma vantagem em relação aos instrumentos tradicionais, já que estes pediriam apenas uma valorização do tema. Ainda neste assunto, Narciso e Ribeiro (2009), ao afirmarem que é necessário conhecer o percurso do casal (história progressiva), de forma a conhecer as expectativas, bem como o quadro e critério avaliativo, reconhecem também a importância de aceder à informação de uma forma não individual, deixando de parte a ideia de que o casal corresponde à soma de todas as partes. As transições por que a família passa enquadram-se nesta história progressiva e o instrumento permite aceder às diversas percepções desses eventos críticos que põem a nu toda uma série de dinâmicas familiares e a forma como, em família, se conseguiu ou não resolver os diversos desafios colocados e permite compreender em que ponto estão na resolução das transições que vivenciaram ou que vivenciam, presentemente. Permite, ainda, que estas dinâmicas e suas variações nas diversas relações não passem despercebidas, gerando uma explicação mais

completa e convincente das variações, que de outro modo parecem súbitas e cuja explicação se esgota no próprio fenómeno. Desta forma, permite também que não seja retirada a característica específica da família - relacionalidade - , já que é aí que se foca.

A utilização do instrumento reforça também a crítica feita anteriormente, em que se questiona o porquê de os diversos estudos abordados analisar um constructo que depende claramente de dinâmicas que envolvem mais que um indivíduo e que, no entanto, é medida de forma individual.

Ao nível da metodologia, a ECG revela características importantes que possibilitam a recolha e interpretação de dados segundo os princípios da investigação em famílias: acede às percepções dos cônjuges e do casal ao mesmo tempo, possibilitando o comentário recíproco que permite aceder às percepções e opiniões que possam sobrepôr-se bem como a outras que não se sobreponham da mesma forma e, pelo mesmo motivo, demonstra estar preparada para contar com a não independência dos dados do casal. Desta forma, responde aos anseios de alguns autores discutidos, no que diz respeito à forma individualizada de recolher dados, através de instrumentos de auto-relato por questionário e acrescenta a terceira dimensão do casal, que de outra forma não se pode manifestar. A possibilidade de o cônjuge poder intervir, comentar, completar ou contradizer o relato feito, permite que a narrativa não se constitua como um mero auto-relato e que o investigador aprofunde a realidade familiar, por serem percepções que, como foi dito, ainda que aproximadas não se sobrepõem. Esta característica permite, também, resolver a questão que se prende com a questão do acesso do investigador aos dados da família, ao ser capaz de aceder a informação dada pelos elementos do casal (note-se que neste aspecto as próprias contradições e linguagem não verbal entre os cônjuges se podem constituir como informação valiosa) e permitir, em certo grau, a sua observação. Um outro problema levantado, sobre a interpretação dos itens, é também resolvido, na medida em que a própria interpretação que os cônjuges fazem das perguntas se constitui como fonte de informação para o investigador.

Uma outra grande vantagem da dinâmica que a entrevista imprime é a de provocar o diálogo, já que cada um dos cônjuges é levado a fazer uma reflexão crítica ao que é a sua relação e à sua construção, por via de algumas perguntas que compõem o instrumento. Desta forma, o casal pode compreender de forma activa e com o cônjuge as áreas em que pode melhorar e crescer na relação.

A questão levantada na crítica, acerca da Fenomenologia, tem aqui o início de uma resposta, já que o instrumento reconhece o âmbito fenomenológico e centra-se precisamente na realidade do casal, conforme as suas percepções e vivências, e tendo ainda em conta a adaptação da percepção de cada cônjuge ao outro. Obtém-se, desta forma, uma resposta à questão da importância das variáveis seleccionadas, já que ao longo da aplicação da ECG o próprio casal vai desvendar a importância que determinadas temáticas têm nas suas vidas. Evita também as suspeitas de que os cônjuges possam estar a responder aos itens dos questionários não em relação ao conteúdo do item, mas em relação ao que sentem pelo cônjuge (Weiss, 1980), pelo aprofundamento exigido nas respostas que têm de dar. Ainda ao nível das respostas aos itens, há uma outra questão que é evitada, levantada por Fincham e Bradbury (1987), acerca da compreensão e interpretação dos itens. Sendo um instrumento que explora áreas inconscientes da experiência do casal, a interpretação que o casal faz do que é perguntado é também informação valiosa.

O problema de os estudos da família, em geral, e da QC, em particular, não terem modelos que os suportem encontra, também, uma resposta, já que a ECG deriva da visão de família da Perspectiva Relacional-Simbólica e cuja metodologia cabe no sentido dos estudos da família, defendidos por Rosnati e Lanz (2002). Desta forma, a ECG consegue a ligação conceptual com a medida, que Fincham e Rogge (2010) consideram não existir nos estudos da QC.

A Perspectiva Relacional-Simbólica constitui-se, desta forma, como uma alternativa muito viável, já que é capaz de responder à exigência do entendimento do casal e da família como uma unidade e é capaz, através do estudo da história progressiva dos cônjuges, de compreender o casal como tal, ao ter em conta tanto o nível interactivo como o nível relacional. Traz também respostas às inquietações de Doherty (1995, 1997, 2002) e de Stahmann (2002), na medida em que defende a existência de um pacto conjugal de duas valências de igual importância, sem dar primazia à componente ética nem à componente afectiva (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000). Assim, a sua base de actuação torna-se, necessariamente, uma actuação em conjunto e permite a intervenção não ao nível da felicidade individual, mas tem antes em conta que o casal é um corpo que precisa de procurar essa felicidade, através do empenho e da responsabilidade de um pelo outro.

Assim, conclui-se que a ECG é um instrumento preparado para as exigências do estudo da família, segundo o que a Perspectiva Relacional-Simbólica prevê como funcionamento

da família, desde o início até ao final do ciclo vital da família, para além de cumprir os requisitos discutidos que distinguem os estudos ligados à família e os estudos sobre a família e capaz de aceder não apenas ao que são as narrativas e reflexões do casal, mas também à componente interactiva, através da observação. Por isso constitui-se como um instrumento capaz de não se centrar apenas no auto-relato, com as limitações decorrentes deste método. Tendo em conta que a constituição da família implica a perda da centralidade do “eu “ em favor do “nós”, os próprios estudos da família acompanham essa necessidade de “crescimento” e precisam de dar o “salto de qualidade”, deixando de lado o estudo do “eu” na família e passando para o estudo do “nós”.

A ECG pode, assim, constituir-se como uma alternativa e funcionar como uma fuga ao ciclo vicioso do estudo por auto-relato que incita que o estudo seja mais individualizado, ao incidir sobre a satisfação e sobre a felicidade conjugal.

Por último, no que diz respeito à “compatibilidade” entre o conceito de QC e o conceito de casal defendido pela Perspectiva Relacional-Simbólica, partindo de qualquer um dos conceitos apresentados acerca da QC compreende-se que apesar de a ECG aceder a informação de diversos quadrantes do casal e da família, nomeadamente no que diz respeito à riqueza que a conjugalidade pode apresentar, não se enquadra em nenhum dos conceitos dos vários estudos apresentados. Aliás, mesmo o elenco de variáveis consideradas como provocadoras ou influenciadas pela QC não encontra grande eco no instrumento, pela forma como põe em evidência os elementos inconscientes da conjugalidade em vez de tentar encontrar medidas objectivas de dinâmicas que são necessariamente subjectivas e vividas conforme a construção de vida do casal como tal. Conclui-se, desta forma, que a medida de QC deve ser profundamente revista, de forma a que haja uma clarificação do que quer significar e, a partir dessa base, partir para a operacionalização do conceito, que deve contar obrigatoriamente com o carácter relacional do casal e da família. Só a partir dessa altura se poderá partir para a construção de instrumentos que possam medir o conceito. Apesar de isto não estar ainda feito conclui-se, pelo que foi estudado e discutido, que o conceito não deve ser tido em conta nos moldes tradicionais e que cada variável estudada no âmbito deve ser tida em conta não no sentido da sua “qualidade”, mas no âmbito da relacionalidade da família, deixando definitivamente de parte o estudo isolado de variáveis que sofrem influência da vivência total do casal, com todas as variáveis incluídas.

Nenhum trabalho está isento de crítica e este não se constitui como uma excepção. Ao nível da revisão de literatura sobre a QC, poderia ter sido feita num âmbito mais alargado, em vez de estar focado no intervalo de tempo posterior a 2000, já que a dificuldade em enquadrar os estudos em modelos teóricos poderia encontrar resposta (até que ponto é que podem ter ficado “esquecidos”?). Ainda assim, esta opção é justificada pelo facto de o espaço ser limitado e de estes estudos se aproximarem mais do que é feito hoje em dia.

A crítica feita aos vários estudos da QC tem um enquadramento evidente na Perspectiva Relacional-Simbólica, até por ser um dos objectivos do trabalho. Ainda assim, há-que reconhecer o problema que se levanta em todos os trabalhos deste cariz, que é o risco de se fecharem sobre si próprios e não reconhecerem outras contribuições diferentes que podem também ser importantes, até no âmbito focado.

O próprio estudo aqui feito poderia ter sido feito com uma amostra maior, opção já justificada e, eventualmente, fazendo uma aplicação de outro instrumento, por forma a conseguir obter uma comparação mais precisa do que os vários instrumentos são capazes de obter. Poder-se-ia, também, aplicar outros instrumentos de diferente âmbito com as características metodológicas que foram abordadas e defendidas, de forma a aumentar a fonte de proveniência de dados, conforme previsto pela literatura em relação ao estudo de caso.

A ECG não está, também, isenta de críticas. A opção por este instrumento foi já justificada, mas tem algumas questões a resolver que decorrem da sua adaptação para a população portuguesa, ainda em curso. Dentro dessas questões a maior parece ser a questão da linguagem utilizada, que se quer que dê a possibilidade de o casal se projectar, havendo a possibilidade de interpretação, acedendo ao tipo de informação que se requer neste instrumento. Ao mesmo tempo, parece por vezes ser um pouco “lírico” na forma como aborda as questões. Sendo ainda uma tradução do italiano, língua que, de facto, possui a característica de ser mais elaborada, leva a dificuldades na sua tradução directa. É necessário, aqui, encontrar um equilíbrio entre uma linguagem que se quer capaz de levar a que o casal se projecte com a sua interpretação e, ao mesmo tempo, que seja compreensível para todos. A adaptação dará, sem dúvida, uma resposta a esta questão e, nesse sentido, este estudo poderá contribuir para a adaptação do instrumento à população portuguesa.

Referências

- Amato, P. & Booth, A. (2001). The legacy of parents' marital discord: consequences for children's marital quality. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81(4), 627-638.
- Andolfi, M. & Angela, C. (1989). *Tempo e mito em psicoterapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Aron, A., Norman, C. C., Aron, E. N. & McKenna, C. (2000). Couples' shared participation in novel and arousing activities and experienced relationship quality. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(2), 273-284.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barelds, D. P. H. (2005). Self and partner personality in intimate relationships. *European Journal of Personality*, 19(6), 501-518.
- Barnett, R. C., Gareis, K. C. & Brennan, R. T. (2010). School and activity schedules affect the quality of family relations: a within-couple analysis. *Community, Work and Family*, 13(1), 35-41.
- Bell, J. (1987). *Doing your research project: a guide for the first-time researchers in education and social science*. Milton Keynes: Open University Press.
- Booth, A. & Amato, P. R. (1994). Parental marital quality, parental divorce and relations with parents. *Journal of Marriage and the Family*, 56(1), 21-34.
- Booth, A. & Edwards, J. (1992). Starting over: why remarriages are more unstable. *Journal of Family Issues*, 13(2), 179-194.

- Booth, A., Johnson, D. R. & Granger, D. A. (2005). Testosterone, marital quality and role overload. *Journal of Marriage and Family*, 67(2), 483-498.
- Boszormenyi-Nagy, I. & Spark, G. M. (1984). *Invisible loyalties: reciprocity in inter-generational family therapy*. Levittown, PA: Brunner/Mazel.
- Bowen, M. (1998). *De la familia al individuo*. Barcelona: Paidós.
- Bradbury, T. N. & Fincham, F. D. (1992). Attributions and behavior in marital interaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63(4), 613-628.
- Bray, J. H., Maxwell, S. E. & Cole, D. (1995). Multivariate statistics for family psychology research. *Journal of Family Psychology*, 9(2), 144-160.
- Brofenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Broman, C. L. (2005). Marital quality in black and white marriages. *Journal of Family Issues*, 26(4), 431-441.
- Bulanda, J. R. (2007). Marital quality in later life. *Conference papers - American Sociological Association*, 1. Obtido em EBSCOhost.
- Burleson, B. T. & Denton, W. H. (1997). The relationship between communication skill and marital satisfaction: some moderating effects. *Journal of Marriage and the Family*, 59(4), 884-902.
- Burns, A. & Dunlop, R. (2002). Parental marital quality and family conflict: longitudinal effects on adolescents from divorcing and non-divorcing families. *Journal of Divorce and Remarriage*, 37(1-2), 57-74.

- Cigoli, V. (2006). *L'albero della discendenza. Clinica dei corpi familiari*. Milão: Franco Angeli.
- Cigoli, V. (2009). Risalire le origini: la storia dell'Intervista clinica generazionale. In V. Cigoli & G. Tamanza (Eds.), *L'intervista clinica generazionale* (pp. 13-26). Milão: Raffaello Cortina Editore.
- Cigoli, V. & Scabini, E. (2006). *Family identity. Ties, symbols and transitions*. Londres: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Cigoli, V. & Scabini, E. (2007a). Relación familiar: la perspectiva psicológica. In M. I. González (Ed.), *El cuidado de los vínculos. Mediación familiar y comunitaria* (pp. 71-108). Bogotá: Editorial Universidad del Rosario.
- Cigoli, V. & Scabini, E. (2007b). Construcción del ideal de pareja y procesos de reconciliación. In M. I. González (Ed.), *El cuidado de los vínculos. Mediación familiar y comunitaria* (pp. 109-132). Bogotá: Editorial Universidad del Rosario.
- Cigoli, V. & Tamanza, G. (2009a). Generatività. In V. Cigoli & G. Tamanza (Eds.), *L'intervista clinica generazionale* (pp. 45-84). Milão: Raffaello Cortina Editore.
- Cigoli, V. & Tamanza, G. (2009b). L'Intervista Clinica Generazionale (ICG). In V. Cigoli & G. Tamanza (Eds.), *L'intervista clinica generazionale* (pp. 85-120). Milão: Raffaello Cortina Editore.
- Cigoli, V. & Tamanza, G. (2009c). L'Intervista Clinica Generazionale (ICG). In V. Cigoli & G. Tamanza (Eds.), *Il sistema di codifica e di misurazione* (pp. 123-162). Milão: Raffaello Cortina Editore.

- Claxton, A. & Perry-Jenkins, M. (2008). No fun anymore: leisure and marital quality across the transition to parenthood. *Journal of Marriage and Family*, 70(1), 28-43.
- Clements, R. & Swensen, C. H. (2000). Commitment to one's spouse as a predictor of marital quality among older couples. *Current Psychology*, 19(2), 110-119.
- Cole, D. A. & Jordan, A. E. (1989). Assessment of cohesion and adaptability on component family dyads: a question of convergent and discriminant validity. *Journal of Counseling Psychology*, 36(4), 456-463.
- Cole, D. A. & McPherson, E. A. (1993). Relation of family subsystems to adolescent depression: implementing a new family assessment strategy. *Journal of Family Psychology*, 7(1), 119-133.
- Coutinho, C. P. & Chaves, J. H. (2002). O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal. *Revista Portuguesa de Educação*, 15(1), 221-244.
- Cowan, C. P., Cowan, P. A., Heming, G., Garrett, E., Coysh, W. S., Curtis-Boles, H. & Boles, A. J. (1985). Transition to parenthood: his, hers and theirs. *Journal of Family Issues*, 6(4), 451-481.
- Crohan, S. (1996). Marital quality and conflict across the transition to parenthood in African American and White couples. *Journal of Marriage and the Family*, 58(4), 933-944.
- Cunningham, M. & Thornton, A. (2006). The influence of parents' marital quality on adult children's attitudes toward marriage and its alternatives: main and moderating effects. *Demography*, 43(4), 659-672.

- Dahl, C. M. & Boss, P. (2005). The use of phenomenology for family therapy research. In D. H. Sprenkle & F. P. Piercy (Eds.), *Research Methods in Family Therapy* (pp. 63-84). Nova Iorque: The Guilford Press.
- Davey, A. & Szinovacz, M. E. (2004). Dimensions of marital quality and retirement. *Journal of Family Issues*, 25(4), 431-464.
- Deal, J. E. (1995). Utilizing data from multiple family members: a within-family approach. *Journal of Marriage and the Family*, 57(4), 1109-1121.
- Doherty, W. J. (1995). Bridging psychotherapy and moral responsibility. *The Responsive Community*, 5(1), 41-52.
- Doherty, W. J. (1997). How therapists threaten marriages. *The Responsive Community*, 7(3), 31-42.
- Doherty, W. J. (2002). How therapists harm marriages and what we can do about it. *Journal of Couple and Relationship Therapy*, 1(2), 1-17.
- Doss, B. D., Rhoades, G. K., Stanley, S. M. & Markman, H. J. (2009). The effect of the transition to parenthood on relationship quality: an 8-year prospective study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 96(3), 601-619.
- Dush, C. M. K., Cohan, C. L., & Amato, P. R. (2003). The relationship between cohabitation and marital quality and stability: change across cohorts? *Journal of Marriage and Family*, 65(3), 539-549.
- Emery, R. & Tuer, M. (1993). Parenting and the marital relationship. In T. Luster & L. Okagaki (Eds), *Parenting: an ecological perspective* (pp. 121-148). Hillsdale: Erlbaum.
- Erikson, E. H. (1976). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

- Falke, S. I. & Larson, J. H. (2007). Premarital predictors of remarital quality: implications for clinicians. *Contemporary Family Therapy*, 29(1-2), 9-23.
- Faulkner, R. A., Davey, M., & Davey, A. (2005) Gender-related predictors of change in marital satisfaction and marital conflict. *American Journal of Family Therapy*, 33(1), 61–83.
- Feetham, S. B. (s.d.). *Family outcomes: Conceptual and methodological issues*. Consultado em 11 de Outubro de 2011 através de <http://www.ninr.nih.gov/NR/ronlyres/B3322AAC-2C54-4309-BE83-E09AAD41D1AB/4737/FamilyOutcomesConceptualandMethodologicalIssues1.pdf>.
- Fincham, F. D., & Beach, S. R. (1999). *Marital conflict: Implications for working with couples*. *Annual Review of Psychology*, 50, 47 – 77.
- Fincham, F. & Beach, S. R. H. (2007). Forgiveness and marital quality: precursor or consequence in well-established relationships? *The Journal of Positive Psychology*, 2(4), 260-268.
- Fincham, F. D., Beach, S. R. H. & Kemp-Fincham, S. I. (1997). Marital quality: a new theoretical perspective. In R. J. Sternberg e M. Hojjat (Eds.), *Satisfaction in close relationships* (pp. 275-306). Nova Iorque: The Guilford Press.
- Fincham, F. D. & Bradbury, T. N. (1987). The assessment of marital quality: a reevaluation. *Journal of Marriage and the Family*, 49(4), 797-809.
- Fincham, F. D., Linfield, K. J. (1997). A new look at marital quality: can spouses feel positive and negative about their marriage? *Journal of Family Psychology*, 11(4), 489-502.

- Fincham, F. D., Paleari, G. G. & Regalia, C. (2002). Forgiveness in marriage: the role of the relationship quality, attributions, and empathy. *Personal Relationships*, 9(1), 27-37.
- Fincham, F. D. & Rogge, R. (2010). Understanding relationship quality: theoretical challenges and new tools for assessment. *Journal of Family Theory and Review*, 2(4), 227-242.
- Forry, N. D., Leslie, L. A. & Letiecq, B. L. (2007). Marital quality in interracial relationships: the role of sex role ideology and perceived fairness. *Journal of Family Issues*, 28(12), 1538-1552.
- Funk, J. L. & Rogge, R. D. (2007). Testing the ruler with Item Response Theory: increasing precision of measurement for relationship satisfaction with the Couples Satisfaction Index. *Journal of Family Psychology*, 21(4), 572-583.
- Gager, C. T., & Sanchez, L. (2003). Two as one?: couples' perceptions of time spent together, marital quality and the risk of divorce. *Journal of Family Issues*, 24(1), 21-50.
- Galland, O. (1997). Leaving home and family relations in France. *Journal of Family Issues*, 18(6), 645-670.
- Ganiban, J. M., Ulbricht, J. A., Lichtenstein, P., Hansson, K., Spotts, E. L., Reiss, D. et al. (2009). Understanding the role of personality in explaining association between marital quality and parenting. *Journal of Family Psychology*, 23(5), 646-660.
- Gomez, R. & Leal, I. (2008). Ajustamento conjugal: características psicométricas da versão portuguesa da Dyadic Adjustment Scale. *Análise Psicológica*, 4(26), 625-638.

- Gonçalves, A., Trigueiros, L., Peixoto, R. & Raguso, F. (2010a). "Intervista Clínica Generazionale - The Generativity Concept from the Viewpoint of Portuguese Psychologists.", Trabalho apresentado em 5th Congress of the European Society on Family Relations "Family Transitions and Families in Transition", In Book of Abstracts presented at the 5th Congress of the European Society on Family Relations "Family Transitions and Families in Transition.", Milão.
- Gonçalves, A., Trigueiros, L., Peixoto, R. & Raguso, F. (2010b). *Intervista Clínica Generazionale - The Generativity Concept from the Viewpoint of Portuguese Psychologists*. Poster apresentado em 5th Congress of the European Society on Family Relations "Family Transitions and Families in Transition", Milão.
- Gottman, J. M. (1982). Temporal form: toward a new language for describing relationships. *Journal of Marriage and the Family*, 44(4), 943-962.
- Gottman, J. M., Coan, J., Carrere, S. & Swanson, C. (1998). Predicting marital happiness and stability from newlywed interactions. *Journal of Marriage and the Family*, 60(1), 5-22.
- Gottman, J. M. & Katz, L. F. (1989). Effects of marital discord on young children's peer interaction and health. *Developmental Psychology*, 25(3), 373-381.
- Gottman, J. M. & Notarius, C. I. (2002). Marital research in the 20th century and a research agenda for the 21st century. *Family Process*, 41(2), 159-197.
- Gracia, E. & Musitu, G. (2000). Familia y psicología social: una relación sin formalizar. *Revista de Psicología Social*, 15(2), 25-40.
- Greenstein, T. N. (2006). *Methods of family research*. Thousand Oaks: Sage Publications.

- Griffin, W. A. (1993). Transitions from negative affect during marital interaction: husband and wife differences. *Journal of Family Psychology, 6*(3), 230-244.
- Haley, J. (1973). *Uncommon therapy: the psychiatric techniques of Milton H. Erickson*. Nova Iorque: Basic.
- Hatfield, E., Singelis, T., Levine, T., Bachman, G., Muto, K. & Choo, P. (2007). Love schemas, preferences in romantic partners and reactions to commitment. *Interpersona, 1*(1), 1-24.
- Hazan, C. & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology, 52*(3), 511-524.
- Hazan, C. & Shaver, O. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry, 5*(1), 1-22.
- Heinz, W. (1995). Access to working life in Germany and Britain. In A. Cavalli & O. Galland (Eds.), *Youth in Europe* (pp. 63-68). Londres: Pinter.
- Helms-Erikson, H. (2001). Marital quality ten years after the transition to parenthood: implications of the timing of parenthood and the division of housework. *Journal of Marriage and Family, 63*(4), 1099-1110.
- Heyman, R. E., Sayers, S. L. & Bellack, A. S. (1994). Marital satisfaction versus marital adjustment: an empirical comparison of three measures. *Journal of Family Psychology, 8*(4), 432-446.
- Hobfoll, S. E. & Spielberger, C. D. (1992). Family stress: integrating theory and measurement. *Journal of Family Psychology, 6*(2), 99-112.
- Hollist, C. S. & Miller, R. B. (2005). Perceptions of attachment style and marital quality in midlife marriage. *Family Relations, 54*(1), 46-57.

- Huston, T. L. & Vangelisti, A. (1995). How parenthood affects marriage. In M. Fitzpatrick & A. Vangelisti (Eds), *Explaining family interactions* (pp. 147-176). Thousand Oaks: Sage.
- Johnson, D. R., White, L. K., Edwards, J. N. & Booth, A. (1986). Dimensions of marital quality: toward methodological and conceptual refinement. *Journal of Family Issues*, 7(1), 31-49.
- Kaplan, K. J. (1972). On the ambivalence-indifferent problem in attitude theory and measurement: a suggested modification of the semantic differential technique. *Psychological Bulletin*, 77(5), 361-372.
- Karney, B. R. & Bradbury, T. N. (1995). Assessing longitudinal change in marriage: an introduction to the analysis of growth curves. *Journal of Marriage and the Family*, 57(4), 1091-1108.
- Kenny, D. A. & Judd, C. M. (1986). Consequences of violating the independence assumption in analysis of variance. *Psychological Bulletin*, 99(3), 422-431.
- Kerlinger, F. N. (1979). *Metodologia da pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: EPU.
- Kluwer, E. S & Johnson, M. D. (2007). Conflict frequency and relationship quality across the transition to parenthood. *Journal of Marriage and Family*, 69(5), 1089-1106.
- Knoke, J., Burau, J. & Roehrlé, B. (2010). Attachment styles, loneliness, quality and stability of marital relationships. *Journal of Divorce and Remarriage*, 51(5), 310-325.

- Kotre, J. N. (1996). *Outliving the self: how we live on future generations*. W. W. Norton & Company: Nova Iorque.
- Lanz, M. & Rosnati, R. (2002). *Metodologia della ricerca sulla famiglia*. Milão: Edizione Universitarie di Lettere Economia Diritto.
- Lavee, Y. & Ben-Ari, A. (2004). Emotional expressiveness and neuroticism: do they predict marital quality? *Journal of Family Psychology*, 18(4), 620-627.
- Lavee, Y., McCubbin, H. I. & Patterson, J. M. (1985). The double ABCX model of family stress and adaptation: an empirical test by analysis of structural equations with latent variables. *Journal of Marriage and Family*, 47(4), 811-825.
- Levinger, G. (1965). Marital cohesiveness and dissolution: an integrative review. *Journal of Marriage and the Family*, 27(1), 19-28.
- Levinger, G. (1976). A social psychological perspective on marital dissolution. *Journal of Social Issues*, 32(1), 21-47.
- MacDermid, S., Huston, T. & McHale, S. (1990). Changes in marriage associated with the transition to parenthood: individual differences as a function of sex-role attitudes and changes in the division of household labor. *Journal of Marriage and the Family*, 52(2), 475-486.
- Mamun, A. A., Clavarino, A. M., Najman, J. M., Williams, G. M., O'Callaghan, M. J. & Bor, W. (2009). Maternal depression and the quality of marital relationship: a 14-year prospective study. *Journal of Women's Health*, 18(12), 2023-2031.
- Marchand, J. F. (2004). Husbands' and wives' marital quality: the role of adult attachment orientations, depressive symptoms and conflict resolution behaviors. *Attachment and Human Development*, 6(1), 99-112.

- Marriot-Hohmann, B. E. & Amato, P. (2008). Relationship quality in interethnic marriages and cohabitations. *Social Forces*, 87(2), 825-855.
- McCubbin, H. & Patterson, J. (1983). The family stress process: the double ABCX model of adjustment. *Marriage and Family Review*, 6(1-2), 7-37.
- Mickelson, K. D., Claffey, S. T. & Williams, S. L. (2006). The moderating role of gender and gender role attitudes on the link between spousal support and marital quality. *Sex Roles*, 55(5-6), 73-82.
- Mosmann, C., Wagner, A. & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paidéia*, 16(35), 315-325.
- Narciso, I. & Costa, M. E. (2001/2002). Percursos de mudança na qualidade conjugal - fragmentos de um estudo sobre conjugalidades satisfeitas. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17-18, 181-195.
- Narciso, I. & Ribeiro, M. T. (2009). *Olhares sobre a conjugalidade*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Norton, R. (1983). Measuring marital quality: a critical look at the dependent variable. *Journal of Marriage and the Family*, 45(1), 141-151.
- Olson, D. H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22(2), 144-167.
- Paleari, F. G., Regalia, C. & Fincham, F. (2005). Marital quality, forgiveness, empathy and rumination: a longitudinal analysis. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31(3), 368-378.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2001). *O Mundo da Criança* (8ª ed.). Lisboa: McGraw Hill.

- Patterson, J. M. & McCubbin, H. I. (1983). The impact of family life events and changes on the health of chronically ill child. *Family Relations*, 32(Abril), 255-264.
- Perren, S., Wyl, A., Burgin, D., Simoni, H. & Klitzing, K. (2005). Intergenerational transmission of marital quality across the transition to parenthood. *Family Process*, 44(4), 441-459.
- Perren, S., Wyl, A., Simoni, H., Stadlmayr, W., Burgin, D., & Klitzing, K. (2003). Parental Psychopathology, marital quality and the transition to parenthood. *American Journal of Orthopsychiatry*, 73(1), 55-64.
- Pincus, L. & Dare, C. (1987). *Psicodinâmica da família*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Olson, D. H. & Hill, R. (1989). *Families: what makes them work*. Newbury Park: Sage Publications.
- Raguso, F. (2006). O modelo Relacional em Psicologia. Desafios e perspectivas. *Pessoas & Sintomas*, 1, 8-11.
- Raguso, F. (2010). Da generatividade parental à abertura dos jovens para a generatividade. In M. Gonçalves, C. B. Morais & J. M. M. Lopes (Org.), *Sexualidade e Educação para a Felicidade* (pp. 119-128). Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa.
- Raguso, F., Facchin, F., Molgora, S. & Gonçalves, A. (2010). Tradução e adaptação ao contexto português da “Entrevista Clínica Generazionale”. In V. Cigoli & M. Gennari (Eds.), *Close relationships and community psychology: an international perspective* (pp. 265-275).Milão: Franco Angeli.
- Raguso, F., Peixoto, R., Gonçalves, A. & Trigueiros, L. (2010a). "Entrevista Clínica Generazionale - The Preliminary Results from the Adaptation with Couples in

Portugal.", Trabalho apresentado em 5th Congress of the European Society on Family Relations "Family Transitions and Families in Transition", In Book of Abstracts presented at the 5th Congress of the European Society on Family Relations "Family Transitions and Families in Transition.", Milão.

Raguso, F., Peixoto, R., Gonçalves, A. & Trigueiros, L. (2010b). "*Intervista Clinica Generazionale - The Preliminary Results from the Adaptation with Couples in Portugal.*" Poster apresentado em 5th Congress of the European Society on Family Relations "Family Transitions and Families in Transition", Milão.

Raymo, J. M. & Iwasawa, M. (2009). Bridal pregnancy and subsequent marital quality in Japan. *Conference papers - American Sociological Association*, 1. Obtido em EBSCOhost.

Ridley, C. A., Wilhelm, M. S. & Surra, C. A. (2001). Married couples' conflict responses and marital quality. *Journal of Social and Personal Relationships*, 18(4), 517-534.

Scabini, E. & Cigoli, V. (2000). *Il familiare. Legami, simboli e transizioni*. Milão: Raffaello Cortina Editore.

Scabini, E., Marta, E. & Lanz, M. (2006). *The transition to adulthood and family relations. An intergenerational perspective*. Londres: Psychology Press.

Spanier, G. B. (1976). Measuring dyadic adjustment: new scales for assessing the quality of marriage and similar dyads. *Journal of Marriage and the Family*, 38(1), 15-28.

Spotts, E. L., Neiderhiser, J. M., Towers, H., Hansson, K., Lichtenstein, P., Pedersen, N. L., et al. (2004). Genetic and environmental influences on marital relationships. *Journal of Family Psychology*, 18(1), 107-119

- Spotts, E. L., Prescott, C. & Kendler, K. (2006). Examining the origins of gender differences in marital quality: a behavior genetic analysis. *Journal of Family Psychology, 20*(4), 605-613.
- Sprecher, S. & Feilmlee, D. (1992). The influence of parents and friends on the quality of and stability of romantic relationships: a three wave longitudinal investigation. *Journal of Marriage and the Family, 54*(4), 888-900.
- Stahmann, R. F. (2002). Marriage Doctor or Dr. Death? A response to Doherty's "How therapists harm marriages and what we can do about it", *Journal of Couple and Relationship Therapy, 1*(2), 25-31.
- Tach, L., & Halpern-Meekin, S. (2009). How does premarital cohabitation affect trajectories of marital quality? *Journal of Marriage and Family, 71*(2), 298-317.
- Thibaut, J. W. & Kelley, H. H. (1991). *The social psychology of groups*. New Brunswick: Transaction Publishers. (Original publicado em 1959).
- Thompson, L. & Walker, A. (1989). Gender in families: women and men in marriage, work and parenthood. *Journal of Marriage and the Family, 51*, 845-872.
- Troxel, W. M., Robles, T. F., Hall, M., & Buysse, D. J. (2007). Marital quality and the marital bed: examining the covariation between relationship quality and sleep. *Sleep Medicine Reviews, 11*(5), 398-404.
- Umberson, D., Williams, K., Powers, D. A., Chen, M. D. & Campbell, A. M. (2005). As good as it gets? A life course perspective on marital quality. *Social Forces, 84*(1), 487-505.
- Umberson, D., Williams, K., Powers, D. A., Liu, H. & Needham, B. (2005). Stress in childhood and adulthood: effects on marital quality over time. *Journal of Marriage and Family, 67*(5), 1332-1347.

- Viik, K. A., Bernhardt, E. & Noack, T. (2009). A study of commitment and relationship quality in Sweden and Norway. *Journal of Marriage and Family*, 71(3), 465-477.
- Weiss, R. L. (1980). Strategic behavioral marital therapy: toward a model for assessment and intervention. In J. P. Vincent (Ed.), *Advances in family intervention, assessment and theory* (pp. 229-271). Greenwich, CT: JAI Press.
- Wong, M. S., Mangelsdorf, S. C., Brown, G. L., Neff, C. & Schoppe-Sullivan, S. J. (2009). Parental beliefs, infant temperament and marital quality: associations with infant-mother and infant-father attachment. *Journal of Family Psychology*, 23(6), 828-838.
- Yeh, H.-C., Lorenz, F. O., Conger, R. D. & Elder Jr., G. H. (2006). Relationships among sexual satisfaction, marital quality and marital instability at midlife. *Journal of Family Psychology*, 20(2), 339-343.
- Yin, R. K. (2008). *Case Study Research: Design and Methods*. Los Angeles: Sage Publications.

Anexos

Anexo 1 - Tabela de unidades de registo.

1A_P1	<p>“[...]o meu pai era médico em Cervães [...]”</p> <p>“[...] a minha mãe era licenciada em direito mas nunca exerceu, dedicou-se completamente à causa da família [...]”</p> <p>“A minha imagem de infância é de uma vida muito calma [...]”</p> <p>“A mãe não trabalhava fora de casa e o pai trabalhava em casa, à parte dos domicílios [...]”</p> <p>“[...] íamos todos ver doentes com o pai, levávamos cada um o seu entretenimento.”</p> <p>“[...]eu acho que tínhamos uma vida familiar assim muito tranquila que hoje em dia não tem nada a ver e uma vida na aldeia, até aos 10 anos.”</p> <p>“[...]quando eu vim para o liceu, a minha mãe pensava em eu vir sozinha e então viemos viver para Braga [...]”</p> <p>“[...]mantendo essa casa e aos fins de semana íamos para lá [...]”</p> <p>“A vida era tranquila e a relação era muito boa.”</p> <p>“Havia uma relação muito próxima com o irmão da minha mãe, que deixou de existir, praticamente [...]”</p> <p>“O desaparecimento do meu pai[...]”</p> <p>“[...]o meu pai é 14 anos mais velho que a minha mãe e era uma pessoa que toda a gente gostava e por quem toda a gente tinha muito respeito[...]”</p> <p>“[...]acho que o meu tio [paterno] achou, a partir do momento em que o meu pai desapareceu, que podia fazer o que quisesse que ninguém lhe ia à mão.”</p> <p>“A minha mãe sempre fui muito dada e preocupada com toda a gente e a minha avó [paterna] acho que falhou nisso, porque deixou que ele [tio caracterizado como alguém que dispôs dos bens do avô paterno] fosse fazendo[...]”</p> <p>“[...]o meu avô [paterno] sempre foi uma pessoa que não estava de acordo [com a forma de vida desse tio] e acho que teve uma grande desilusão, apesar de ser até às vezes um bocado resmungão e retilão[...]”</p> <p>“Quando nasceu [a primeira filha] ele [avô paterno] veio ter comigo e disse-me, olha isto é para comprar um vestidinho para a menina. Dou-te os meus parabéns por teres uma filha, um filho é que bom é que é bom, tudo errado, tudo errado, uma filha sim, vale a pena ter. Eu acho que isto diz a imagem que ele tinha do filho [...]”</p> <p>“Do lado do meu pai eram muitos irmãos com vidas muito diferentes [...]”</p> <p>“O meu avô [paterno] faleceu muito cedo, a minha avó foi uma mulher de força imensa [...]”</p>
-------	--

[...]”o meu avô [paterno] teve vários azares na vida, teve um sócio que o aldrabou profundamente, numa altura em que a minha avó esteve muito doente [...]

“[...]a mulher tinha realmente muito peso, muito respeito da família toda [paterna] e acho que isso se nota muito ainda [...]

“[...]O avô paterno] chegava a casa e perguntava, a vossa mãe já comeu? Uma preocupação que acho assim deliciosa.”

“[...]eram 9 filhos, 7 rapazes e 2 raparigas e notava-se um respeito dos filhos[...] não é o respeito por medo, não tem nada a ver com isso[...] um carinho, uma forma especial de os filhos lidarem com a mãe [avó materna], apareciam todos quando lá íamos, estavam lá muitas vezes em casa[...]

“[...]um tio [paterno] meu que tem 92 anos [...] diz: os filhos dos meus irmãos são meus sobrinhos e respeitam-me como tal; os filhos das minhas irmãs não são meus sobrinhos porque não me respeitam como tal.”

“[...]o [tio paterno] mais novo que, lá está, de quem eu gosto muito porque olho para ele e vejo o meu pai[...]

“[...]a mulher [do tio mais novo paterno] é que definiu o trajecto[...]

“[...]uma tia que era casada com um irmão mais velho do meu pai que já faleceu há muitos anos, tem 92 anos e este ano foi para as termas com a minha mãe e nota-se exactamente a mesma coisa, são 5 filhos, 3 rapazes e 2 raparigas, mas nota-se ali um, a mãe assim[...] a chefe de família.”

“[...]A autoridade da mulher] acho que é uma característica do lado da família do meu pai.”

“Do lado do pai da minha mãe, sendo que o meu avô era assim muito revolucionário[...]

“[...]o lado da família do meu avô eram realmente pessoas muito agradáveis no contacto, mas perdemos o contacto, porque a vida[...] eles vivem no Porto[...]

“Vivi sempre com os meus pais[...]

“Este Verão assaltaram a pensão Baltazar, deu na televisão[...]

“[...]a família toda vivia em Cervães[...]

“Eu tenho muito boas memórias da infância[...]

“[...]quando fui para o Porto estudar fui para casa dos pais da minha mãe[...]

“[...] os convites que [o pai] tinha dos doentes ou das pessoas da aldeia para casamentos, não falhávamos um.”

“[...]depois [de casar] eles [irmãos] já me tinham a mim para os defender[...]

“Eu tinha uma relação muito diferente, eu com o meu pai e os meus irmãos. Eu, a minha relação com o meu pai era muito diferente dos meus irmãos.”

“[...]o meu avô [materno] vinha, tinha o escritório, portanto ia, vinha almoçar, tocava à porta, era uma pessoa muito bem disposta, eu lembro-me de miúda e depois quando estava lá a estudar, o “papá” [avô paterno] chegava e A.inha, ela tinha o mesmo nome, já cheguei, vamos almoçar.”

“ F. - A., a tua avó também era como o meu avô[...] ou pior! Ou não era?

A. - Ai era era[...]

“Ele era assim, o pai da minha avó materna, era ditador, entendia que tudo o que lá estava tinha de trabalhar para ele, se estavam de férias não interessava, mas ele não passou isso para as filhas, digamos que ele achava que com as filhas era diferente.”

“[...]a minha avó materna, o meu avô nunca se atreveria porque a minha avó dizia muitas vezes quando o teu marido, a mim e à minha cunhada, nós fazemos, mas quando as coisas começam a[...] é cara séria, que era assim a minha avó[...] e o meu avô, coitadinho, já não sabia que mais havia de lhe fazer [risos].”

“[...]nessa altura [13/14 anos] começaram o meu irmão e a minha irmã a brincarem os dois, que eram os dois mais pequenos. Eu quando era miúda pegava muito com o meu irmão, com a minha irmã nunca podia[...] porque ela era muito mais nova e depois quando eram eles os dois a brincar, pegavam-se muito[...]

“Apoiei sempre bastante os meus irmãos, eram mais novos[...]

“[...]porque eles [tios e primos] iam normalmente lá almoçar, porque eles [tios] tinham uma quinta aqui para o lado de Vila Verde ao Domingo, que era sempre muito complicado que o meu avô era muito de horas e o meu pai com os doentes não havia horas, chegávamos sempre atrasados[...] é uma das memórias que eu tenho, nós chegávamos atrasados a todo o lado que fossemos, almoços, jantares, casamentos, baptizados[...]

“[...]com esses meus tios que moravam lá na aldeia, irmãos do meu pai e todos os meus primos, pronto, eram realmente as pessoas mais próximas[...]

“ [...]o meu tio achou, a partir do momento em que o meu pai desapareceu, que podia fazer o que quisesse que ninguém lhe ia à mão.”

“Nessa altura quem entrou fui eu e a minha irmã que éramos mais próximas e as coisas deterioraram-se muito muito, mesmo, porque o jeito de vida era diferente, o meu tio nunca fez nada, viveu dos nossos rendimentos e do meu avô.”

“[...]com os padrinhos da minha filha, que eram amigos do meu pai e eram realmente com quem nós nos [...] íamos lá no fim de jantar, eles vinham lá a casa, havia realmente uma proximidade muito grande[...]

“Sendo a minha mãe uma pessoa que fez um curso superior, etc., que tinha uns parâmetros, a minha avó era uma pessoa que se dedicava à família, etc. [...] eu acho que a minha mãe, por maneira de ser, sacrifica-se demasiado pelos outros, mas é assim, porque precisa[...]

“[...]eu tive sempre um, não é asma, mais uma bronquitezita e portanto para o meu pai eu fumar era complexo. Portanto o meu pai sabia que eu fumava, sabia que o meu irmão e a minha irmã fumavam, mas nenhum de nós fumava em frente ao pai[...]

	<p>“[...]o meu pai avançava para o sofá, no fim do jantar, nós ficávamos lá atrás, a fumar com os respectivos, porque os respectivos todos fumavam em frente ao meu pai. E o meu pai até nos cravava cigarros e tudo mas não fumávamos em frente ao pai.”</p> <p>“[...]o meu pai era médico na aldeia e as pessoas naquela altura passavam fome, o que significa que o meu pai de facto não podia levar dinheiro.”</p> <p>“[...]ainda que o meu pai fosse médico, nunca houve muito dinheiro, não havia dinheiro.”</p> <p>“[...]o meu pai, para além de não levar dinheiro, fazia os remédios a minha mãe, catalogava[...]</p> <p>“[...]a minha mãe era o suporte do meu pai e ainda mais habituada à vida[...]</p> <p>“[...]o pai precisava das radiografias, fazia as radiografias mas também não levava dinheiro por elas, porque quem fazia, as revelava, era a mãe[...]</p> <p>“[...]a nossa vida, boa que eu acho que tínhamos, não tinha a ver com poder económico, porque de facto não tínhamos[...]</p> <p>“Eu tenho muito boas memórias da infância[...]</p> <p>“A minha irmã agora contactou a universidade do Porto, porque tinha um aparelho de raios-X, para ver se estavam interessados em pôr lá no museu, [...] e a médica que está lá à frente do museu da universidade do Porto pediu à minha irmã que gostariam de ter várias coisas ligadas ao médico de quem eram as coisas.”</p>
1F_P1	<p>“Eu vivia na aldeia[...]</p> <p>“[...]os meus pais casaram muito novos, a minha mãe tinha 18 anos e o meu pai 21, ou coisa que o valha, ou 18 e 20.”</p> <p>“O meu pai é o filho mais novo de 7 irmãos, filho mais novo rapaz. Era o chamado patinho feio para o meu avô[...]</p> <p>“[...]o meu pai era o patinho feio porque era muito contestatário, protestava as coisas e tal, e portanto muito cedo saiu de casa, abandonou-o, quase zangado com o pai[...]</p> <p>“[...] mantinha isso sim uma relação muito grande com os irmãos, vivia muito com os irmãos, acho que viveu demasiado com os irmãos, inclusivé em detrimento da família directa. A minha mulher costuma dizer que uma das coisas que a chocava era que o meu pai, por exemplo, no meu casamento, acompanhava mais as irmãs do que acompanhava a minha mãe[...]</p> <p>“[...]o meu avô, que era um industrial, naquela época, bastante forte, bastante conhecido, bastante respeitado em Braga e que tinha um património considerável[...]</p> <p>“[...]o meu pai enveredou também pela área da indústria[...]</p> <p>“Tinha um irmão, tenho um irmão mais velho do que eu 6 anos, portanto, esta diferença de idades, está a ver, era complicada de gerir na altura.”</p> <p>“[...]eu até deixei de sentir isso a partir dos meus 12/13 anos, aí eu já não senti isso, apesar de ele [irmão] estar com os 19 ou 18, não é, eu já não senti tanto. Mas antes tinha sentido, sentia que ele não me ligava.”</p>

“Lembro-me que o meu pai ia trabalhar, saía de casa muito cedo, eu às vezes passava praticamente uma semana que não o via[...].”

“[...]ele [pai] tinha uma fábrica, na altura, ali na ponte do Porto e outra na Póvoa de Lanhoso e portanto ele só dia sim dia não é que ia a casa dormir. E mesmo assim muitas vezes chegava às 10/11 da noite para jantar e às 6/7 da manhã saía[...].”

“[...] [em relação às ausências do pai] era complicado, essa altura foi uma altura complicada e eu senti isso.”

“[...]quando fui estudar para o Porto, foi o meu grito de ipiranga, que o meu pai nunca me deixava sair de casa, nunca me deixava fazer nada, e aí[...] eu costumo às vezes dar isso como desculpa, como nunca saí até aos 17/18 anos, a partir daí, no Porto sozinho, aquilo foi um faltar de vilanagem, não é.”

“[...]as boas memórias que eu tenho [incompreensível], que era sempre passado com os meus avós maternos e com a irmã da minha mãe[...].”

“[...]o meu pai teve um problema [que o impediu de continuar nas corridas de karting], aliás nessa altura a nossa vida, foi alteração muito profunda. O meu pai vendeu as fábricas, que ele teve graves problemas de coluna, então passou a viver 100% lá em casa, com trabalhos agrícolas até sei lá onde e, portanto, aí passei eu a ter memórias muito negativas.”

“[...]a ver os primos e os amigos a irem todos sair e tal e o F. a ter que ficar em casa a fazer aquilo [trabalhos agrícolas], ou seja, nunca achei piada[...].”

“[...]se isto [depenar frangos] acabar antes das 5 horas, ainda consigo e tal, vestir-me, lavar-me, ainda ir a Braga um bocadinho[...].”

“[...]bastava almoçar fora de casa, que a seguir ao almoço a minha mãe dizia tens que ir dormir a sesta. E eu para mim dormir a sesta era um pavor porque eu já sabia que ia fazer xixi.”

“[...]eu tinha medo à noite, tinha medo. De quê? Não faço a mais pequena ideia. Mas não era medo, era pânico, eu não conseguia dormir, e portanto[...] depois o meu pai irritava-se, coitado eu hoje penso[...].”

“Pai, hoje é carnaval e tal e os tios vão a uma festa, eu também vou com eles e não sei quê. Sim senhor, e como é que vais? Eu vou de comboio, o comboio sai agora, às 10 e meia. E a que horas é que vens? Ou venho com eles ou venho depois no comboio das 5. Como? No comboio das 5? Era o primeiro comboio do dia. “

“O meu pai estava habituado a pôr duas questões ao meu irmão e o meu irmão calava-se e já não ia e ponto final. Comigo não, comigo o meu pai tinha de dizer não vais porque não quero e ponto.”

“[...]estávamos em casa dos meus avós, que era junto à estação, com os meus tios e não sei quê e continuava a questionar e a dada altura e até vamos é já para casa! [risos]”

“[...]as relações com as pessoas, nós somos comerciantes, nós somos industriais, nós somos trabalhadores, mas tratar as pessoas, fazer os negócios com honestidade, ser honesto[...].”

“[...]para além da visão do meu avô, era uma pessoa com uma visão bastante modernista[...].”

“Os pais da minha mãe eram pessoas que eu ainda aqui há tempos estive a falar, que não conheço[...] por acaso tenho muita pena de não ter maior contacto com essas minhas raízes, tenho muita pena.”

“A minha tia tinha [contacto com as raízes], portanto a irmã da minha mãe tinha, mas eu não, porque como eu vivia com o meu avô também no Porto[...].”

“[...]não sei se era o meu avô se era a minha avó que eram provenientes da aldeia que era considerada a aldeia mais pobre da zona ali da Régua [...].”

“O meu avô e a minha avó vêm muito novinhos para o Porto, vão para o Porto para tentar singrar, o meu avô era marsado, [...] carregava os sacos [...] realmente singrou e realmente foi uma pessoa extraordinária, com uma armazém-mercearia, teve vários revezes, inclusivé de familiares a fazerem desfalques [...] mas, quer dizer, conseguiu, pronto, também construir um patrimóniozinho[...].”

“[...]as suas raízes [avô materno] continuavam a ser raízes de o homem manda, a mulher[...] mas a minha avó não era assim[...].”

F. - O meu avô[...] desculpa, é assim, o meu avô paterno, quer dizer também estás a[...]
A - Era um ditador.”

F. - [...]o meu avô paterno, vamos lá a ver, era filho de uns lavradores mais ou menos abastados lá da freguesia e um dia meteu-se na cabeça vou para o Brasil ganhar dinheiro. [...] [...]ao fim de uma semana, um preto[...] ele trabalhava lá já numa serração, um preto virou-se para ele[...]

A. - Queria matá-lo.

F. - [...] queria cortar a cabeça. Ele pegou na semana seguinte veio-se embora outra vez.”

“[...]a minha avó era uma senhora de samariz, uma família de fundo de vide [...] sabia tocar piano, costurar [...] mas [avô] raptou-a[...] levou-a para Tadim e ela nunca mais foi ver os pais [...] Ou seja, a minha avó era uma escrava. O meu avô a única coisa que fazia era quando o piano não funcionava, comprava outro piano [...] para ela tocar piano, mas gostava muito de a ver tocar piano e tal[...].”

“[...]eu estava, por exemplo como estávamos agora aqui a falar com a minha avó e o meu avô tocava na porta lá em baixo e a minha avó largava tudo a dizer vem aí o Sr. Pereira e [...] ia para a cozinha tratar das coisas, tã tã tã e acabava!”

A. - [...]o teu avô, quando a tua tia H. se separou, cortou com ela para todo o sempre. E ela coitada, estava cheia de razão, o marido era um malandro.”

“[...]a mulher do irmão do meu pai, pura e simplesmente deixou de ir a casa dos meus avós, mas ela dizia, eu nem àquela aldeia, eu nunca mais lá ponho os pés. E não[...] eu acho que ela pôs no funeral do marido[...] que nunca mais lá pôs os pés[...] só no funeral do marido.”

“[...] [avô paterno] era um industrial, naquela época, bastante forte, bastante conhecido, bastante respeitado em Braga e que tinha um património considerável[...].”

“ [...] [avô paterno] ele ganhou a fama e ganhou muito dinheiro à custa da sua honestidade.”

	<p>“[...]o meu pai enveredou também pela área da indústria [...]”</p>
1A_P2	<p>“[...]a celebração da Páscoa era assim qualquer coisa diferente, porque nós saltaricávamos de casa em casa durante dois dias, porque havia o domingo e a segunda, porque é uma freguesia muito grande e dividia-se em duas partes[...]”</p> <p>“[...]o Natal, que são boas memórias[...]”</p> <p>“As férias fizemos aqui há muitos anos quando eu tinha, sei lá, 7 anos, na praia da Rocha em Portimão. [...] era ali que nós íamos passar férias, com uns tios da minha mãe do lado do meu avô.”</p> <p>“[...]o fim de dia em casa, que ainda hoje eu gosto muito, a hora do jantar e a seguir ao jantar, que o meu pai tinha uma vida muito complicada, a família toda vivia em Cervães, [...] e como o meu pai estava no consultório em casa, os meus tios, [...] outros eram só amigos, toda a gente ia lá [...]. Mas iam no fim do seu jantar, o que significava que ficavam na conversa à espera que o pai acabasse o consultório e depois íamos jantar e eles acompanhavam o jantar e tomavam café e lembro-me de eu, miúda, adormecer à mesa, com a cabeça deitada no colo da minha mãe ou do meu pai, porque nós também gostávamos de estar ali naquele ambiente de conversa[...]”</p> <p>“[...]a nossa casa teve sempre muita gente, mesmo aqui em Braga. [...] os vizinhos eram amigos e fazíamos exactamente o mesmo, no fim de jantar desciam, perto da hora do meu pai chegar e depois, pronto, a casa tinha sempre muita gente, eram nossos amigos, eram amigos do meu pai, mas a nossa casa tinha sempre gente que vinha visitar, amigos uns aos outros[...]”</p> <p>“[...]eu gosto muito da hora do jantar e fim de jantar, que acho que é sempre uma hora agradável[...]”</p>
1F_P2	<p>“Desde que a minha avó morreu, morreu portanto em 67, ou seja, tinha eu 14 anos, ou coisa que o valha. Acho que nunca mais foi a mesma coisa.”</p> <p>“[...] as boas memórias que eu tenho era do Natal, que era sempre passado com os meus avós maternos e com a irmã da minha mãe[...]”</p> <p>“[...]as vitórias, foram provas de perícia [karting]. A casa está cheia de taças do tempo dele, troféus no armário, no escritório. [...] eu desde que me lembro que me lembro do meu pai a andar em corridas, primeiro era as gincanas e as provas de perícia e depois, pronto, mais forte foi o karting, em que ele foi duas vezes campeão nacional[...]”</p> <p>“[...]em todo o país ganhava provas, inclusivé numa altura em que era muito difícil[...] sair de Portugal era difícil, antes do 25 de Abril, e então antes da primavera marcelista, ainda era mais difícil e o meu, inclusivé foi a Vigo ganhar corridas[...]”</p> <p>“[...][depois do problema de costas do pai] passei a ter que, o meu pai era criação de porcos, criação de galinhas, criação de coelhos, criação de gado, mais não sei quê, e depois era os milhos[...]”</p> <p>“6ª feira era um dia negro, porque era o dia em que se tinha de[...] [...] tinha que entregar os frangos, percebe? Portanto, tinha que se depenar os frangos todos, estamos a falar de centenas de frangos, não é? Eu parece que ainda hoje tenho o cheiro das penas dos frangos, porque para se depenar tinha que se escaldar[...]”</p>

	<p>“[...]por causa do medo à noite] se eu fosse dormir com ele [irmão], ele dizia que dormia desconfortável, etc., e eu entendo[...] Portanto, ele às vezes deixava, outras vezes não deixava e quando não deixava para mim era noite em claro[...]”</p> <p>“[...]durante a noite] eu bastava fazer [som pigarrear] e ela [mãe] respondia [som pigarrear], só que a dada altura isso acordava o meu pai, desesperado, não é, muitas vezes o que é que ele pegava e fazia? Acabou. Pegava em mim, punha-me no escritório que era na casa do caseiro ao lado completamente isolada.”</p>
1A_P4	<p>“[...]era o pai que definia muito as regras.”</p> <p>“A minha mãe não precisava propriamente de as definir, porque elas estavam definidas, quando o pai dizia alguma coisa, estava dito.”</p> <p>“Na relação com os outros, eu acho que nesse aspecto, o meu pai e a minha mãe, os dois, afinaram muito bem[...]”</p> <p>“[...]o pai era muito exigente na maneira como nós lidávamos com as pessoas.”</p> <p>“o pai era[...] intransigente na maneira como nós nos relacionamos com as pessoas que lá trabalhavam [em casa].”</p> <p>“[na aldeia] Todos se tratavam pelo nome, nós achámos, mas o pai dizia, nã nã, é o senhor fulano é o senhor sicrano, mas na aldeia como não era muito costume os senhores, nós tratamos toda a gente por tio[...]”</p> <p>“[...]habituámo-nos a lidar com toda a gente sempre da mesma maneira, com as pessoas mais velhas tem que haver respeito[...]”</p> <p>“As regras eram realmente muito bem definidas.”</p> <p>“Tínhamos a obrigação de tratar toda a gente muito bem, porque às vezes, nestas coisas, não é, miúdos são miúdos e as pessoas tratavam-nos bem porque éramos filhos do médico e podemos ultrapassar determinados limites, por isso o pai era, de facto, muito intransigente.”</p> <p>“Na relação com a minha mãe o meu pai também, pronto, tinha muito respeito, sem haver um sistema de ditadura porque o pai não era nada ditador, a discussão era fácil com o pai porque o pai permitia a discussão de igual para igual, mas sempre com regras de boa educação[...]”</p> <p>“Quando o pai dizia não, ou a mãe, não havia sequer direito a mais[...]”</p> <p>“[...]quando havia direito a discussão, pois trocavam-se as impressões, em determinadas coisas era intransigente, dizia não e estava arrumado[...]”</p> <p>“[...]à noite nunca podia sair eu[...]”</p> <p>“[...]não podia ir ao cinema com o F. à tarde porque não parecia bem[...]”</p>
1F_P4	<p>“[...]havia uma ditadura, uma ditadura do meu pai, o que o meu pai queria era o que se fazia e pronto.”</p> <p>“Nem havia grande discussão, claro que eu entrava muitas vezes em conflito com o meu pai, apanhava uns tabefes[...]”</p>

	<p>“[acerca de o pai negar actividades que queria fazer e exemplifica como o questionava] Tem que haver uma razão para eu não poder ir a Braga[...] mas como vê eu não vou porque o pai não me deixa, ponto! [...] Claro que ele ficava tão danado comigo, [...] porque estava habituado a pôr um entrave, a pôr um mas e o meu irmão calava-se e não ia.”</p> <p>“[...]havia dois valores que o meu pai sempre nos transmitiu: seriedade, honestidade e trabalho. Sem sombra de dúvida.”</p> <p>“Em termos de educação, em termos de maneiras, etc., aí era nitidamente a minha mãe, é que nos educava e que andava em cima de nós em termos dos estudos e tudo isso era só a minha mãe, exclusivamente a minha mãe.”</p> <p>“O meu pai limitava-se no fim do ano a perguntar passaste, pronto, passaste, não fizeste mais que a tua obrigação[...].”</p> <p>“[...]estava à espera que no 5º ano, porque passasse tinha uma motorizada, que na altura era, andava aqui, todos os meus primos tinham, andava a moda das motoretzinhas, umas coisinhas simples[...] E eles [pais] tinham prometido que sim e depois não me deram.”</p> <p>“[...]nos meus pais eu nunca vi aquilo que eu acho que é normal numa relação entre um casal, que é os filhos dizerem eh pá, primeiro vamos pedir ao pai porque ele deixa e depois vamos à mãe que é mais difícil, ou vamos pedir à mãe, que ela deixa e depois vamos ao pai.”</p> <p>“[...]eu nem queria saber da opinião da minha mãe, porque eu já sabia que se o meu pai dissesse que sim, a minha mãe de certeza que não dizia que não. Portanto[...] a minha mãe dizer que sim valia o que valia, portanto para mim era-me indiferente a opinião da minha mãe[...].”</p> <p>“[...]depois do 25 de Abril, várias vezes o meu pai dizia assim, ah quem veio estragar isto tudo foi o 25 de Abril, que as mulheres também já mandam tanto como nós[...].”</p>
1A_P5	<p>“Eu era a mais velha, a minha irmã era assim, não lhe chegava eu estar ao lado, tinha de ir dormir com ela.”</p> <p>“[...]a minha irmã era muito mais pequena e não entrava nas nossas brincadeiras[...].”</p> <p>“[...]eu e o meu irmão brincávamos muito, nós os dois, com um irmão de uma empregada, que morava lá perto, e portanto as brincadeiras eram todas muito arrapazadas[...].”</p> <p>“[...]ia lá almoçar uma prima minha, que depois casou, era professora e era filha de uma irmã do meu pai, com quem tivemos uma relação próxima[...].”</p> <p>“[...]acho que essa minha prima foi muito maltratada pela família porque teve um percurso diferente dos irmãos e depois há aqueles complexos que as pessoas às vezes têm, mas que vivia lá perto de casa[...].”</p> <p>“Das empregadas sim, tenho boas memórias, uma é assim, ainda hoje é a pessoa que nos dá apoio lá na aldeia[...].”</p> <p>“[...]e até o filho [...] e portanto é uma pessoa com quem nós temos uma relação assim de família e com os meus avós, com os pais da minha mãe[...].”</p> <p>“[...]se eu fosse pessoa de passar para a mãe toda a carga de trabalhos a mãe deixava-me.”</p>

	<p>“Eu dizia à mãe que fazia o que a “mamã”[avó materna] precisa e eu também fazia o que a “mamã” precisasse. Agora, deixar de existir, mesmo que a “mamã” não precisasse, que a minha mãe até tinha aqui pessoal, acho que não faz sentido. [...] eu acho que a minha mãe é assim, ajuda a fazer pelos outros porque precisa, eu não acho que isso esteja bem. A gente faz o que os outros precisam, porque eles precisam, não porque eu preciso para satisfação pessoal.”</p> <p>“[...]a mãezinha parece aqueles meninos que ajudaram uma velhinha a atravessar a rua porque ela não queria atravessar a rua[...].”</p> <p>“[...]quando eu vim para o liceu, a minha mãe pensava em eu vir sozinha e então viemos viver para Braga[...].”</p> <p>“[...]a minha mãe disse, dá-me o quebra-nozes... e eu naturalmente dei-lhe o quebra-nozes... e a minha mãe foi buscar uma noz, eu vou-te partir a noz [falando para a neta][...]”</p> <p>“[...]vivi toda a vida apavorada com medo que o meu pai morresse. Porque o meu pai era muito mais velho que a minha mãe, 14 anos, e era uma pessoa com problemas de saúde, renais, isto e aquilo. Portanto, eu toda a vida tinha medo que o meu pai desaparecesse.”</p> <p>“[...]era assim um bocadinho tradicional [...].”</p> <p>“[...]não sei se era porque era a filha mais velha, não sei se por eu ter um feitio que se adequava à maneira de ser do pai, acompanhava muito o pai, ia muitas vezes eu sozinha com o pai ia ver doentes e eu ia com o pai, o pai vinha a Braga tomar café e eu vinha com o pai, tínhamos uma relação realmente muito diferente da dos meus irmãos.”</p> <p>“Eu sou a segunda filha, ainda que a primeira tenha falecido com 48 horas com um problema cardíaco, a minha mãe achava que nunca mais ia poder ter filhos [...], quando eu nasci, alimentava-me muito mal e a mãe achava que eu ia morrer, não me dava banho sozinha, esperava que o pai chegasse para me dar banho [...].”</p> <p>“... [...]quando elas eram pequenas, eu não tinha problema, quando uma se queixava de alguma coisa, nem que fosse de noite, eu levava o bebé à cama do meu pai [...].”</p>
IF_P5	<p>“[...]eu senti-me sempre um bocadinho abandonado pelo meu irmão, mas eu hoje percebo, quer dizer, eu com 6 anos, ele com 12, os nossos interesses eram completamente diversos[...].”</p> <p>“[...]porque já que eu não podia sair à noite [risos] faltava às aulas para ir fazer aquilo no fundo, no fundo, os meus amigos faziam era à noite, mas eu como o meu pai não me deixava vir a Braga à noite, fazia durante o dia, pronto. Jogar os bilharzinhos e não sei quantos, e as namoradas e não sei quê, e pronto[...].”</p> <p>“[...] o F. a ver os primos e os amigos a irem todos sair e tal e o F. a ter que ficar em casa a fazer aquilo [trabalhos agrícolas][...].”</p> <p>“[...]eu gostava do meu pai, mas, mas realmente, [...] [...] Eu não sei se lhe tinha mais medo do que respeito, não percebo.”</p> <p>“Da minha mãe eu gostava muito, eu achava que a minha mãe era muito maltratada pelo meu pai.”</p> <p>“Com o meu irmão era uma relação complicada e com o tempo as coisas agravaram[...] já de há uns anos a esta parte é uma relação praticamente inexistente.”</p>

	<p>“ [...] se quer que lhe diga, pessoas mais marcantes não, não há.”</p>
1A_P6	<p>“[...]é a forma de a minha mãe e do meu pai viverem, eu acho que foi sempre a minha, em definitivo, porque achei que sempre funcionou muito bem.”</p> <p>“[...]temos a percepção de que o pai e a mãe gostam muito um do outro, ou não, e se respeitam muito e isso era de facto a noção que tinha em relação ao meu pai e à minha mãe[...].”</p> <p>“[...]há uma regra que eu acho que é de ouro, que é a fidelidade[...].”</p> <p>“[...]procurar sempre que a vida seja agradável para toda a gente.”</p> <p>“[...]vivemos muito novos com os meus pais e aprendemos muito da forma de viver dos meus pais.”</p> <p>“As pessoas têm de se adequar uma à outra, não é, naturalmente, fazendo vontades[...].”</p> <p>“[...]como diz a minha mãe, eu acho que ela fala muitas vezes com as miúdas sobre isso, tem de haver muito amor, se as pessoas não gostam uma da outra[...].”</p> <p>“Nós tivemos sempre a televisão ligada à hora do jantar e se for preciso também à hora do almoço, mas isso não se sobrepõe às nossas conversas, e que é sempre uma[...] a hora da refeição é sempre complicada de gerir porque toda a gente tem muita coisa para dizer[...].”</p>
1F_P6	<p>“[...]que eu tenho verificado é que há muitos casais ao longo do tempo que têm muitos problemas porque um deles recusa-se terminantemente a alterar procedimentos, a tentar adaptar-se ao outro, ou seja, não quer pura e simplesmente fazer nada nem mudar nada [...]”</p> <p>“[...]eu com os exemplos que tive, eu acho que não deveria ter a vida que estou a ter[...].”</p> <p>F. - [...] [acerca da relação de serviço da avó em relação ao avô] e o meu pai viveu isto, quer dizer, nasceu a viver nisto, eu também nasci a viver nisto, a mim se calhar foi uma reacção...</p> <p>A. - Sim, casaste novo e vieste para aqui para casa, tinhas um ambiente completamente diferente.”</p>
1A_P7	<p>“[...][em relação às regras de ouro] eram coisas que a minha mãe também trazia da sua família[...].”</p> <p>“Era boa[...].”</p> <p>“[...]tanto a minha mãe como a minha avó paterna como o meu pai com os sogros, havia uma relação de muito respeito[...].”</p> <p>“[...]funcionava bastante bem a relação entre todos.”</p>
1F_P7	<p>“[...][negócio sério] isso já foi também transmitido do meu avô [paterno][...].”</p> <p>A. - [...]a relação dos teus avós não tem nada a ver com a relação dos teus pais.</p> <p>F. - Nada, nada.”</p>

	<p>“O meu pai tinha uma admiração e um respeito, que eu digo, acima, muito acima da média pelos pais da minha mãe, quer pelo meu avô quer pela minha avó. Tinha uma adoração mas muito grande.”</p> <p>“A. - O sr. L. era uma pessoa muito difícil, mas ouvia os primos deles a falar[...].”</p> <p>“A minha mãe, coitada, gostava da minha avó, do meu avô não.”</p>
2_P1	<p>“F. - Eu costumo dizer que há circunstâncias na vida, há acasos na vida que conduzem a determinadas situações e eu acho que o nosso foi um desses. É assim: nitidamente por acaso.”</p> <p>“F. - [...]a A. disse, aí eu faço uma festa de carnaval na 2ª feira, se quiseres aparecer, eu disse, ah, talvez, mas na altura eu acho que não aceitei[...] Eu na altura disse talvez, não me vai ser possível, que eu fui convidado para uma festa na Trofa, de uma amiga minha, filha de um corredor de automóveis[...].”</p> <p>“F. - [...]fui à Trofa, cheguei à Trofa e não consegui encontrá-los, não consegui descobri-los, começou a ficar tarde e eu daqui a pouco não encontro aqui a festa nem a de Braga e resolvi ir para Braga outra vez[...].”</p> <p>“A. - A minha mãe diz que foi ela que escolheu o F., sabe? [risos] Porque nós já namorávamos e a minha mãe e o meu pai não sabiam daqueles primeiros tempos e o F. veio comigo até casa e a minha mãe disse, quem era aquele rapazinho? E eu, é primo da G.. “Eu gosto dele”. [risos]”</p>
2_P2	<p>“A. - Isso é uma coisa tão difícil[...].”</p> <p>“F. - [...]é algo que eu acho e continuo a achar que tem a ver com química.”</p> <p>“F. - [...] é o timbre da voz... eu acho que é tudo isso...”</p> <p>“F. - [...]depois é óbvio que as conversas as pessoas começam a sentir que há interesses comuns.”</p> <p>“F. - [...]eu continuo a achar que é impossível que alguém se dê muito bem para uma vida quando alguém gosta muito de música e o outro alguém não gosta ou a música é-lhe indiferente.”</p> <p>“A. - Tem de haver afinidades, mas... se um gosta de estar em casa outro gosta de sair...”</p> <p>“A. - [...]se não há afinidade nenhuma, é impossível fazer-se uma vida em comum, não é? É evidente que nós podemos adequar um bocadinho, não é? F. - E adequamo-nos concerteza.”</p> <p>“A. - O F. gostava de corridas, nós íamos[...] ainda sem meninos ver rallies e acho que a pessoa também consegue encontrar interesses por empatia, sei lá, digo eu[...] portanto, encontrar o que é agradável na vida.”</p> <p>“F. - É o cheiro, é o que eu digo, é a química[...].”</p> <p>“F. - [...]às vezes a pessoa diz assim, porque é que eu gosto daquela pessoa que é feia, horrorosa e não sei quê e não sei quantos, muitas vezes eu continuo a achar que é a química que está a funcionar...”</p>

2_P3	<p>“A. - [...]afinidades que as pessoas têm, na maneira de lidar com o outro, na maneira de tratar o outro[...].”</p> <p>“A. - As coisas comuns que nos aproximam.”</p> <p>A. - [...]na perspectiva do futuro de vida[...] eu acho que é isso tudo. As coisas comuns que nos aproximam.”</p> <p>“F. - Muita cumplicidade.”</p> <p>“F. - Eu para já cumpri duas coisas que a A. não... é que eu não ficasse barrigudo e não ficasse careca.”</p> <p>“F. - A A. também cumpriu, que não ficou gorda... A. - [risos] ... nem careca... [risos]”</p> <p>“F. - Eu acho que era impossível para mim estar casado com uma mulher gorda, sinceramente. Vai dizer assim, epá, é algo muito física, muito superficial... é. Mas eu acho que era uma impossibilidade... sinceramente...”</p> <p>“F. - Não, mas há uma que tu não cumpriste, e eu nem por isso... o fumares. A. - Pois, o não fumar... e o F. fumava e deixou de fumar. [risos]”</p> <p>“F. - Mas sinceramente, estas perguntas já são mais difíceis, eu estou a ter alguma dificuldade em conseguir responder...”</p>
2_P4	<p>“A. - Sim.”</p> <p>“F. - Absolutamente.”</p> <p>“F. - [...]senão penso que era impossível a gente coexistir, não é? Passar a vida ao lado um do outro. É, eu acho que era impossível.”</p> <p>“F. - E nós aprendemos muito facilmente a respeitar esses momentos [identificados como momentos a sós, necessários para ambos] um do outro[...].”</p> <p>“A. - [...]tem que existir a capacidade de as pessoas se adequarem à vida...”</p> <p>“A. - [...]o casamento é uma sociedade que tem de ser mesmo 50% cada um, às vezes sobe um bocadinho aos 60, o outro desce aos 40 e depois na seguinte é ao contrário e vamos adequando.”</p> <p>“F. - [...]as nossas expectativas não têm nada a ver com dinheiros nem coisas materiais[...].”</p>
2_P5	<p>“A. - [...]não quer dizer que nos conhecêssemos totalmente, porque há muitas coisas, muitas situações novas que surgem[...].”</p> <p>“A. - [...]globalmente acho que nos conhecíamos bastante bem para não termos muitas surpresas[...].”</p> <p>“A. - [...]há coisas que eu acho que ambos sabíamos que há determinadas coisas não ficariam bem no F. nem o F. em mim.”</p>
2_P6	<p>“A. - [...]foi a fase em que foi para a fábrica.”</p>

“F. - [...]6/7 meses, 8 meses, depois houve outra vez os concursos e a A. foi colocada em Loulé e eu em Ponte de Lima.”

“F. - [...]nós tínhamos acabado de casar, um em Ponte de Lima outro em Loulé, isto é o convite à separação[...].”

“F. - [...]o meu pai queria muito que a fábrica do meu avô não fosse vendida e disse [...] ficas com o teu primo. Oh pai, mas eu não percebo nada da fábrica, [...]. Não te preocupes, o teu primo percebe, e tal e nós ajudamos e tal[...] [...] Quando eu vou e começo a vida na fábrica, começa uma vida muito intensa, tinha de me levantar às 7 da manhã para chegar a casa às 11 e meia da noite, coincide o início que fiquei na fábrica também com o nascimento da nossa primeira filha. E aí as coisas foram complicadas[...].”

“F. - Os primeiros 4 anos de casados foram 4 anos...”

A. - ...de férias.

F. - ... de férias. Os primeiros problemas entre nós aparecem quando nasce a primeira filha.

A. - Por acaso acho que não foi pela primeira filha, foi por causa da fábrica.

F. - É, foi tudo junto, foi tudo junto.

“F. - [...]estarmos casados 4 anos sem filhos, sem preocupações, na altura até ganhávamos bem, em que hoje é normal, mas na altura não era normal, estávamos em casa, jantávamos em casa, e a certa altura dizia, olha apetece-me ir tirar café à Póvoa e ir às máquinas jogar, e meia-noite, ora vamos num instantinho tomar café à Póvoa e íamos[...].”

“F. - A A. diz que o problema foi só da fábrica...”

A. - Não era o problema da fábrica.

F. - ... eu digo que não foi.”

“A. - O problema não era a fábrica[...].”

“A. - Mas, eu continuo a achar, não teve a ver com o F., nem sequer teve a ver com a fábrica, teve sim a ver com interferência dos meus sogros.”

“A. - [...] a fábrica era do avô do F., o meu sogro como não queria que a fábrica desaparecesse insistiu para o F. ir para lá, dado que ele estava em Vila Flor. E entretanto o F. tinha um lugar num banco que o meu avô tinha arranjado e o F. acabou por desistir. São erros que se cometem, a gente não adivinha o futuro [...]”

“A. - [...]quem comandava as tropas na fábrica era o meu sogro que, como pode calcular, tem uma visão completamente diferente daquilo que eu acho que deve ser uma família. Como tal, o meu sogro queria comandar a fábrica, o F. e a mim. Mas [...] eu não sou muito mandada e isso interferiu na nossa vida, pronto, não tinha nada a ver com a vida familiar a que eu estava habituada a ter com o meu pai e com a minha mãe, que era o que eu achava bem.”

“A. - [...]isso criou problemas porque o meu sogro entendia que não interessava se a menina tinha de tomar banho ou de tomar o biberão, etc., porque ele naquele momento queria que o F. fizesse isto e eu tinha de ir por arrasto e eu acho que nós quando somos um casal, somos um casal e os filhos.”

“A. - O problema principal foi o querer interferir na nossa vida particular.”

“A. - O problema era a interferência do meu sogro e da minha sogra na nossa vida familiar. Não pode ser, não é, são espaços diferentes. [...] Aliás, desapareceu a fábrica e desapareceu as complicações[...].”

“A. - [...]quando um pai e uma mãe apontam um caminho a um filho já adulto, não é, aponta porque pensa de facto que aquela será a melhor solução para ele. [...] o meu pai disse assim, olhe, ò F., faça lá a vontade ao seu pai, que é mais para resolver a vontade do seu pai do que para resolver o seu problema[...].”

“A. - Foi a fase pior da minha vida, foi a pior decisão da nossa vida, porque se o F. não tem ido para a fábrica, é o que eu acho[...].”

“A. - [...]às vezes as coisas acontecem e às tantas até nem era melhor, mas é o que eu acho[...].”

“A. - Se o F. não tem ido para a fábrica tinha ido para o banco[...] e o F. está agora numa situação que durante estes anos todos seria muito boa. E ainda hoje estamos a pagar isso.”

“A. - [...]os meus sogros estavam lá sempre, almoçavam lá, etc., e o exemplo da pressão que existia sobre o F. fazia com que as coisas se complicassem para o nosso lado[...].”

“A. - Muita coisa não estava certa, não estava bem assim e eu fui deixando andar, porque achava que ele tinha de se dedicar de alma e coração à fábrica, porque era um projecto de vida[...].”

“A. - [...]quando começou a ultrapassar o que é bom senso em termos de vida familiar, etc., não é porque o F. não estivesse em casa, repare, é lógico que se tinha uma responsabilidade medonha por causa da porcaria da fábrica, necessariamente tinha de lá estar mesmo ao fim de semana[...].”

“A. - [...]questionava, era quando os meus sogros queriam interferir na nossa forma de fazer as coisas e dentro de casa, quer dizer, eles queriam projectar a vida deles na nossa e isso é que não, não tinha nada a ver com aquilo que eu acho que era a vida familiar.”

“A. - [...]pois olhe, felizmente o F. saiu entretanto e conseguimos[...].”

“A. [...] até em férias e fins de semana... era complicado.”

“F. - [...]eu gostava tanto daquilo que durante uns anos largos a seguir a sair da fábrica eu nem sequer gostava de ir para pinhais... eu bastava ver um pinheiro quase já me arrepiava todo[...].”

“F. - Que não foi uma boa fase para mim, não. [...] a pressão dos meus pais, do meu pai, o fazer as coisas à maneira dele, ou seja, não havia tempo para mais nada a não ser para aquilo[...].”

“F. - [...]gostava muito de conversar, de conviver com as pessoas, sempre gostei e lá em casa, em casa dos meus sogros, o meu sogro vinha de jantar às 11 horas, meia-noite, não é, portanto a casa fervilhava a essa hora [...] eu chegava não tinha sono, ouvia o barulho na casa [...] e depois quando conseguia dormir já era muito tarde, depois no dia seguinte muitas vezes adormecia [...] e aquilo era um stress[...].”

“F. - [...]dizer que foi e que se tivesse ido para o banco e não sei quê, não, as coisas são completamente diferentes [...] tive experiências, nessa altura tive experiências que se não tivesse ido não fazia a mínima ideia que existiam[...].”

	<p>“F. - [...] não acho que fosse uma pessoa melhor [...] se não tivesse ido [...]”</p> <p>“F. - [...] se não tivesse tido aquela experiência [...] eu acho que aquela experiência também me deu alguma [...] alguma aprendizagem boa para a vida [...]”</p> <p>“F. - [...] que foi uma altura terrível das nossas vidas, foi e que passámos alguns momentos complicados [...]”</p> <p>“F. - A A. tende a resumir exclusivamente o problema à fábrica e eu tenho a ideia que foi a junção das duas coisas, foi a vida da fábrica e o nascimento da primeira filha. É que mesmo eu na altura, quando tinha algum tempo livre não podia fazer o que queria porque também tinha a menina [...]”</p> <p>“F. - [...] eu acho que nos ajudou muito na altura, que foi passarmos a ir todos os domingos à noite irmos jantar juntos sozinhos. [...] tínhamos tempo para conversar algumas coisas que às vezes são complicadas numa casa em que vivem duas famílias.”</p> <p>“F. - 30 anos, mais ou menos, depois que iniciámos isso, é raro o domingo à noite que não vamos jantar só os dois [...] raríssimo [...]”</p>
2_P8.1	<p>“A. - Mas era uma coisa que [...] na sua perspectiva, eu acho que o meu sogro é boa pessoa e acho que é uma pessoa muito séria, mas tem um feitio [...] e habituou-se, de facto, eu acho, eu acho que os ditadores são ditadores porque as pessoas que estão lá os deixam ser.”</p> <p>“A. - A minha sogra, porque também tinha 18, deixou-o avançar [“ditadura” no casa] [...]”</p> <p>“A. - [em relação à forma como a mulher se deveria comportar nos anos 40] Mas eu não estava habituada a isso, nem a minha avó nem a minha mãe.”</p> <p>“F. - Mas a minha mãe tinha sido educada nesse sentido [...]”</p> <p>“F. - [...] o meu pai viveu isto [primazia do homem sobre a mulher], quer dizer, nasceu a viver nisto, eu também nasci a viver nisso, a mim se calhar foi uma reacção [...]”</p> <p>“A. - O meu sogro, a imagem que toda a gente passava era não, não pode fazer isto [...]”</p> <p>“A. - A minha sogra, especialmente, era uma pessoa muito agradável, portanto não era complexa a relação com a minha sogra, socialmente.”</p> <p>“A. - Com o meu sogro, socialmente também não era complicado [...]”</p> <p>“A. - Eu em frente ao meu sogro achei que não tinha jeito e o meu sogro fumava sem problema.”</p> <p>“A. - [...] no posterior a relação foi complexa ainda que eu ache que aprenderam a lidar comigo [...]”</p> <p>“A. - [...] mesmo que eu seja muito mais nova, eu acho que aprenderam a haver um certo respeito, que eu acho que não era um hábito, eu acho que, não tenho a certeza, porque são histórias que depois que se vão contando, a cunhada do meu sogro, nunca mais voltou à casa dos sogros porque o avô do F. ultrapassou todos os limites [...]”</p>

	<p>“A. - Comigo nunca foram tão longe assim, porque primeiro eu não deixava, em segundo lugar tinham muito respeito ao meu pai, à minha mãe e portanto, sabiam que[...] Acho que um dos travões do meu sogro em relação a mim tinha a ver com o meu pai e com a minha mãe[...].”</p> <p>“A. - Agora que ultrapassaram e eu cheguei a ser profundamente desagradável eu sei que sim, mas teve que ser para pôr os limites.”</p> <p>“F. - Lá eu conheci os teus pais nessa festa de anos da G. em Tadim, que eles foram-te lá levar e até me lembro...”</p> <p>“F. - [...] [conheceu o sogro] foi quando nos conhecemos [F. e A.] e, portanto, conheci e depois o teu pai pediu-me cigarros e eu fui a correr comprar[...] [...]”</p> <p>A. - O meu pai era uma pessoa com uma relação com toda a gente muito fácil. [...] Era com os nossos amigos, com toda a gente.”</p> <p>“A. - [...]o meu sogro era mais distante[...].”</p> <p>“A. - [...] à primeira com os meus sogros, à parte de um bicho-papão que se criava[...]. Agora, depois sim, houve fases complexas, sem dúvida.”</p> <p>“F. - [...] depois de casar, realmente, quer dizer, a mim o meu sogro marcou-me pela sua postura[...].”</p> <p>A. - Vivi sempre com os meus pais, eu e o F., na casa dos meus pais e depois, já depois de o meu pai falecer, comprámos esta casa, eu e o F., e a minha mãe comprou a do lado e estão ligadas [...]</p> <p>“A. - [...] o F. é completamente disponível no apoio à minha mãe [...].”</p> <p>“A. - [...] a minha cunhada passava a vida a dizer, aí se o teu irmão tivesse a paciência com o meu pai que o teu marido tem com a tua mãe e com a tua avó... porque é assim, olhe, nós até para o S. João com a minha avó na cadeira de rodas fomos, repare...”</p>
2_P8.2	
2_P9	<p>“A. - Conseguirmos ter dinheiro e saúde para irmos passear os dois[...].”</p> <p>“F. - Tantas vezes tenho pensado com os meus botões que é uma chatice um dia se elas saem [risos]...”</p> <p>“F. - [...] imagine que elas casam e saem de casa, a casa vai passar realmente a ser um bocado aquilo que nós não gostávamos[...] aquilo que eu não estava à espera, aquilo que eu não estou habituado a ter.”</p> <p>“F. - Essas esperanças já foram ao ar, quer por razões económicas do país, quer por saúde...”</p> <p>A. - Não, não acho. [risos]</p> <p>F. - Eu acho...”</p>
3_P1	<p>“A. - Eu acho, achava e continuo a achar que duas pessoas podem muito bem viver casa-das sem filhos[...].”</p>

	<p>“A. - Nós achámos que, pronto, ao fim dos 4 anos de já estarmos casados, já está mais ou menos estabilizada na profissão e que já tínhamos condições para ter filhos e tivemos as meninas. Mas se não tivesse filhos, se não tivesse condições para isso, também não era nada dramático.”</p> <p>“A. - [...]o fim do casamento é ter filhos, eu acho que o fim do casamento é casar... depois podem ter filhos, depende[...].”</p> <p>“A. - A nossa vida em relação às miúdas, acho que era aquilo que eu estava[...] era previsível[...].”</p> <p>“F. - [...]acho que a nossa vida de casal a dois correu mais ou menos como eu, como era a minha melhor expectativa[...].”</p> <p>“F. - [...]em relação às filhas também acho que foi um percurso mais ou menos expectável, também esperava[...].”</p>
3_P2	<p>“A. - Só achava que nesta altura, elas já estavam a trabalhar, a ganhar dinheiro, casadas e já com filhos[...] só que as coisas não são[...] são cada vez mais complicadas[...].”</p> <p>“F. - [...]excepto alguns percalços económicos, sobretudo nesta fase, nesta meia-dúzia de anos para cá, que realmente nunca esperei que estivesse nesta situação.”</p> <p>“F. - [...]mas eu acho que isso está tudo relacionado com a incerteza que se vive a nível mundial, em Portugal em particular, de incerteza económica”</p>
3_P3.1	<p>“A. - [...]o respeito pelas pessoas[...] e eu acho que isso, que lhes conseguimos passar[...].”</p> <p>“A. - [...]relacionam-se com as pessoas de uma forma que eu acho que é correcta sem puxar galões[...].”</p> <p>“A. - Sérias, porque acho que é um valor que hoje em dia é também um bocadinho[...].”</p> <p>“F. - [...]a relação com os outros, sempre numa situação de igualdade entre pessoas, nós cultivamos muito isso[...].”</p> <p>“A. - [...]quando vamos de férias, eu acho que se nota, nas férias [...] acho que elas aprenderam a lidar com toda a gente como gente... não é aquela mania que não suporto [...] tu estás aqui eu estou ali... Bom, é evidente com os seus limites para que as pessoas também não ultrapassem determinados limites[...].”</p> <p>“A. - [...] delicadeza e respeito pelos outros.”</p> <p>“F. - [...]é uma transmissão que eu tenho feito muitas vezes. Eu há duas palavras que hoje as pessoas têm muita relutância em utilizá-las e eu acho que são duas palavras que são fundamentais em qualquer relação quando estamos a falar com o outro: é o muito obrigado e o desculpe. A. - E o faz favor[...].”</p> <p>“F. - O agradecimento das pessoas quando nós nos vimos embora... não tinha necessidade nenhuma nem é normal, acho eu, vir um empregado dizer que nos quer oferecer uma coisa porque nós os tratámos muito bem.”</p>
3_P3.2	<p>“F. - [...]em termos de passagem de testemunho, não me parece[...].”</p>

	<p>“F. - [...]a única passagem de testemunho forte que o meu pai passa e ainda hoje ele vai falando e mesmo quando está com as minhas filhas fala é exactamente isto da A., a seriedade[...]”</p> <p>“F. - [...]muitas vezes dou comigo a pensar como é que os exemplos do teu pai, ainda hoje, tantos anos depois, eu acho que são sobretudo através das nossas memórias que nós lhes vamos transmitindo e que outras pessoas vão falando[...]”</p> <p>“F. - [...]acho que é uma coisa incrível que elas muitas vezes falam dos valores do vovô. Pronto, e estamos a falar de miúdas que uma tinha 9 e outra 6[...]”</p>
3_P4.1	<p>“F. - [...]o nosso exemplo.”</p> <p>“A. - O nosso grupo familiar que é alargado, [...] o meu pai morreu já há muitos anos, mas acho que manteve-se sempre uma referência para elas.[...]”</p> <p>F. - Mas é incrível que elas muitas vezes falam que parece como se tivessem falado com ele há 8 dias [...]”</p>
3_P4.2	<p>“F. - Às vezes as expressões do mundo exterior é que são tão contrárias que eu tenho algum receio[...]”</p> <p>“F. - [...]o meu receio é que um dia destes eu tenha as minhas filhas e até eu próprio a achar que determinados valores que nos outros, na sua esmagadora maioria já não os cumpre, que já sejam uma anormalidade e que portanto que a normalidade, que o correcto seja, portanto, não cumprir.”</p> <p>“F. - E os exemplos de cima, que têm sido mais que muitos, do pior que há, não é... do pior que há.”</p>
3_P5	<p>“A. - [...]a B., a mais velha, tem muito do F. e da sua ingenuidade na relação com os outros, acreditar, sem ter muito o pé atrás e a mais nova na refilice.”</p> <p>“A. - [...]fazem mais faísca a mais nova com o F., que ela é assim com o futebol, em todas as coisas e eu também era assim muito acalorada, mas o F. era mais.”</p> <p>“A. - [...]a B. derrete-se mais facilmente com a emoção[...]”</p> <p>“F. - [...]a Z. é mais emotiva[...]”</p> <p>“F. - [...]à B. basta lhe passarem um bocadinho a mão no pêlo que conseguem tudo dela.”</p> <p>“A. - [...]ela [B.] acredita piamente nas pessoas e de facto hoje em dia não se pode.”</p> <p>“F. - [...]a Z. sai a ti numa outra coisa: cá se fazem, cá se pagam. A. - Isso sai à mãe do meu pai. [...] A. - Não é propriamente cá se fazem cá se pagam, mas é mais... F. - ... mas cá ficam. A. - ... há coisas que eu não esqueço, há coisas que eu não consigo esquecer. Não quer dizer que vá retaliar e vingar, não. Mas para mim fechou e fechou mesmo. F. - [...]nesse aspecto a B. é mais como eu[...] A. - Esquece um bocado. F. - [...]prefere esquecer. Aliás é uma característica muito minha[...] as coisas más, mesmo as más impressões que eu tenho das pessoas eu tendo a esquecer completamente.”</p> <p>“A. - [...] a B. e o F. acreditam mais nas pessoas do que eu. “</p>

	<p>“F. - Há uma característica que eu tenho que não lhes consigo passar e tenho muita pena, porque acho que é uma boa característica que eu tenho. É de conseguir ser isento nas análises, quer para mim quer para os outros.</p>
3_P6	<p>“A. - [...]a morte do meu pai[...]”</p> <p>“A. - [...]a doença do K. [sobrinho] que se prolongou por muitos anos[...]”</p> <p>“A. - [...]a doença da minha mãe, sempre uma incógnita, não é, que estas coisas[...] estas doenças a gente não sabe muito bem se se resolvem se não[...]”</p> <p>“A. - O acamar da minha avó [materna] também foi difícil[...]”</p> <p>“A. - Não é que a minha mãe não ande bem disposta, anda sempre muito feliz, está sempre feliz, mas é doloroso ver a pessoa a perder essas capacidades[...]”</p> <p>“A. - [...]não é que seja doloroso essa perda da capacidade física, que a pessoa fique incapacitada e tal, que aconteceu com a “mamã” [avó materna], mas não foi tão doloroso, não achas? A perda das capacidades mentais[...]”</p> <p>“A. - [...]quando os filhos nascem[...]”</p> <p>“A. - [...]quando eles [filhos] acabam o curso, quando vão para a escola, são sempre momentos agradáveis[...] e que lançam alguma esperança em termos de futuro[...]”</p> <p>“F. - [...]ao longo da vida houve momentos de esperança... e de boas expectativas, de altas expectativas...”</p> <p>“F. - [...]tinha altas expectativas para as minhas filhas[...] [...] acho que são espertas, são ajuizadas e sinceramente que achava que tinham que explodir, não estou a ver essa explosão, estou a ver os anos a passar e a explosão a não acontecer.”</p> <p>“F. - [...]tenho tanto medo da B. A. - Muito difícil...”</p> <p>“F. - [...]o meu receio é que quando nós perdermos [a paciência com os mais velhos], às tantas as nossas filhas que estão a lidar com essas gerações, que percam perante nós.”</p> <p>“A. - Elas ainda hoje têm a imagem da minha avó [materna] que à noite, oh “mamã” andamos coçar as costas para a gente adormecer e a minha avó coçava a uma e a outra para elas adormecerem. Isto é bom. Depois tem a parte má, que era a minha avó [...] e difícil, ainda mais porque a minha mãe começou também a não ficar muito bem e às tantas[...] às vezes havia situações mais complicadas, mas isso eu acho que todas as situações da nossa vida têm o bom e o mau.”</p>